Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes

Susana Berbert de Souza

Eles e as rádios: perfis de comunicadores bolivianos na
cidade de São Paulo

São Paulo
2019

Susana Berbert de Souza

**Eles e as rádios: perfis de comunicadores bolivianos na
cidade de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Comunicação da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo,
como requisito para obtenção do título de mestre em
Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Estudo dos Meios e da Produção
Midiática.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly.

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Berbert de Souza, Susana

Eles e as rádios:: perfis de comunicadores bolivianos na cidade de São Paulo / Susana Berbert de Souza ; orientador, Luciano Victor Barros Maluly. -- São Paulo, 2019.
194 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão original

1. Radiojornalismo 2. Comunicação Popular 3. Imigrantes bolivianos no Brasil 4. Perfil 5. Rádios I. Victor Barros Maluly, Luciano II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira - CRB-8/6888

Nome: BERBERT, Susana.

Título: Eles e as rádios: perfis de comunicadores bolivianos na cidade de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aos comunicadores bolivianos

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, que tornou-se amigo, Luciano Victor Barros Maluly, por acreditar neste trabalho. Obrigada pela paciência, companheirismo, pelas recepções sempre calorosas e por me ensinar. Grata sou por sua vida e pela pessoa que me tornei ao te conhecê-lo.

A banca examinadora, que se dispôs a avaliar este trabalho. Obrigada pelo empenho e pelas correções.

Aos meus chefes Sérgio Trindade, Teresa Catalani e Alexandre Reis, por compreenderem esse momento, por valorizarem esse momento, e por terem dado todo espaço necessário em meus dias de trabalho para que esta dissertação fosse possível.

Aos meus pais, Suzi e José Geraldo, e ao meu esposo, Pedro, que me sustentam em amor. Obrigada por serem.

Ao Eterno, que pela sua maravilhosa graça me faz seguir.

Sem uma rádio que te coloque dentro do teu país, estando fora, você estaria como uma ilha em um mar, sem comunicação. Você estaria perdido, sem saber o que está acontecendo no mundo. Então eu acho muito importante o trabalho da rádio. É muito fundamental, muito importante para a sobrevivência do ser humano quando está fora do seu país.

Jorge Gutierrez

RESUMO

BERBERT, Susana. **Eles e as rádios:** perfis de comunicadores bolivianos na cidade de São Paulo. 2019. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar um perfil de radiocomunicadores bolivianos que atuam em emissoras voltadas aos imigrantes andinos na cidade de São Paulo. O recorte está focado no papel que os perfilados desempenham como comunicadores, mostrando, assim, as opiniões deles a respeito das rádios, do trabalho que fazem, das dificuldades que enfrentam e do conteúdo que transmitem, com interesse específico nas notícias, a saber, no radiojornalismo. O planejamento da pesquisa foi dividido em quatro fases: elaboração do método, levantamento bibliográfico, a execução dos perfis de dois comunicadores e análise. O método da dissertação foi baseado nas definições de perfis, de Sérgio Vilas-Boas, na escrita literária pautada nas pesquisas de Edvaldo Pereira Lima e Monica Martinez, e na execução de entrevistas semiestruturadas, com base nas definições de César Augusto Bernal Torres. A pesquisa apresenta características do trabalho desses comunicadores, desde a formação até a produção radiofônica, especialmente no jornalismo e o papel que desempenham como radiocomunicadores latino-americanos.

Palavras-chave: Imigrantes Bolivianos no Brasil. Comunicação Popular. Radiojornalismo. Rádio. Perfis de comunicadores.

ABSTRACT

BERBERT, Susana. **They and the radios** – profiles of Bolivian communicators in the city of São Paulo. 2019. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This study aims to present a profile of Bolivian communicators working on radios for Bolivian immigrants in the city of São Paulo. The approach was the relationship of these communicators with the radio and the role they play as communicators, showing their opinion about the radios, about the work they do, about the difficulties they face and the production of news, the radiojournalism. The research was divided into four phases: elaboration of the method, bibliographic survey, the execution of the profiles of two communicators and the analysis. The method was based on the profile definitions by Sérgio Vilas-Boas, in the literary writing based on the researches of Edvaldo Pereira Lima and Monica Martinez, and in the execution of semistructured interviews, based on the definitions of César Augusto Bernal Torres. The analysis of the profiles of Jorge Gutierrez and Jaime Chuquimia was made with the support of the work of André Barbosa Filho, Niceto Blázquez and interviews with others researchers. The research presents characteristics of the work of these communicators and the role they play as Latin American radio communications.

Key-words: Bolivians immigrants in Brazil. Popular Communication. Radiojournalism. Radio. Profiles.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O DIREITO À COMUNICAÇÃO E O EXERCÍCIO DA COMUNICAÇÃO POPULAR.....	19
2.1 Direito à Comunicação.....	20
2.2 A concentração dos meios comunicacionais: impedimento ao acesso e à participação.....	22
2.3 Comunicação popular: o direito à comunicação posto em prática	26
2.4 Rádio na comunicação popular e comunitária: um meio democrático	30
2.5 Rádio popular na Bolívia.....	33
2.5.1 Características do rádio e seu favorecimento na Bolívia	44
3. EMISSORAS DE RÁDIO PARA IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	48
3.1 Da chegada dos Bolivianos ao Brasil: a relação entre o rádio e as máquinas de costura	49
3.2 Referências bibliográficas sobre o papel das emissoras de rádios para bolivianos na Capital Paulista	55
3.3 Rádios para bolivianos no Brasil e as Rádios Livres, Comunitárias e Web Rádios	69
4. JORNALISMO LITERÁRIO E PERFIL: METODOLOGIA APLICADA ..	75
4.1 Jornalismo literário	76
4.2 Perfil.....	84
4.3 Entrevistas semiestruturadas	88
4.4 O perfil do comunicador – Definições e discussões sobre o radiojornalismo, entretenimento, serviço e o papel do radiocomunicador latino-americano	89
4.5 A construção dos perfis – Passo a passo	105
5. ELES E AS RÁDIOS: PERFIS DE COMUNICADORES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	117
5.1 Jaime Wilston Mamani Chuquimia	119
5.2 Jorge Gutierrez.....	142
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS.....	180

1. INTRODUÇÃO

Junto ao barulho das máquinas outro som vibrava. Os meus ouvidos, pouco acostumados com aquele roldão, não o diferenciavam muito bem. Estava alto, eu sabia, mas não compreendia o que os ruídos queriam transmitir. Aos poucos, como fazem os olhos quando, na escuridão, se acostumam com a claridade, minha audição foi encontrando naquela desordem sonora uma orientação. Esse eixo invisível me levava às caixas pretas que ocupavam uma prateleira na estante de madeira, cujo espaço também era preenchidos por linhas e uma miríade de cores. Ali, identifiquei um rádio. Dele saía um mundo boliviano que resiste na imensidão - e à solidão do imigrante - na capital paulista. Enfim, ouvi. A oficina de costura vibrava menos pelos motores das máquinas do que pelo castelhano e canções andinas que invadiam o lugar. A vida, ali, existia por ondas.

Foi na casa de uma costureira boliviana e dona da própria oficina que ouvi uma rádio boliviana tocando pela primeira vez. Enquanto ela e duas funcionárias trabalhavam, a música soava pela pequena sala. A boca da costureira se movia silenciosa, acompanhando a canção. O dia extenuante de trabalho, feito invariavelmente por 16 horas de costura, era atenuado por aquele som. Para mim, a de fora, era difícil entender como era possível ficar mais tranquilo adicionando mais ruídos em um local em que o barulho já é estridente e perene. Mas ali, só importava um som, o que trazia para dentro daquela casa, aquela pequena casa suja, com as paredes cheias de mofo, antiga, esquecida no coração do bairro Luz, um pedaço da Bolívia.

Essa casa e a costureira marcaram minha história com a comunidade boliviana na cidade de São Paulo. Silveria, chamava-se ela. A conheci em outubro de 2015, quando comecei a escrever um livro-reportagem sobre escravidão moderna na indústria da moda para meu Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, na Escola de Comunicações e Artes da USP. O livro *Bienvenidos: história de bolivianos escravizados em São Paulo* foi apresentado em dezembro de 2016 no Departamento de Jornalismo e Editoração. O trabalho teve continuidade, sendo concluído em dezembro de 2017 para publicação em abril de 2018, pela editora Moinhos. O livro conta a história da imigrante Silveria

e de sua família, desde sua infância na Bolívia até a imigração ao Brasil e a vida que teve no país. Entre sua trajetória particular e o universo mais amplo do qual ela faz parte – migratório e produtivo – o livro traça um perfil do imigrante boliviano explorado em oficinas de costura na capital paulista. Junto à história singular de Silveria e de sua família, o trabalho traz dados, entrevistas com especialistas, referências bibliográficas, informações de cunho histórico, econômico e social sobre ambos os países, Brasil e Bolívia, e informações sobre direito do imigrante, escravidão moderna e produção na cadeia têxtil.

A partir desse contato que tive com imigrantes bolivianos em São Paulo, pude conhecer diversas especificidades dessa coletividade. Entre elas, as rádios. No dia em que ouvi a rádio na oficina de Silveria percebi que algo único acontecia ali. Ao começar a estudar mais profundamente essa questão, soube que outras emissoras são desenvolvidas pelos imigrantes. Comecei a compreender a importância dessas iniciativas. Em todas as minhas visitas à casa de Silveria, o rádio estava ligado em alguma estação boliviana e, seja nas bibliografias que consultei para o livro, seja em entrevistas com especialistas, invariavelmente elas eram mencionadas, ora de forma positiva, ora de forma negativa. No entanto, ao tentar me aprofundar sobre esse assunto, percebi que pouco havia de conteúdo sobre a existência dessas emissoras, as programações, quem as faz e como são geridas, formadas e mantidas, seja no ar, seja na web.

A inquietação e curiosidade para saber mais sobre os trabalhos desenvolvidos nessas rádios deu vida à esta dissertação. Ela traz um desejo de enxergar e fazer visível imigrantes que encontraram no rádio uma forma de se expressarem e fornecerem conteúdo à comunidade da qual fazem parte. Para isso, apresentamos os perfis dos comunicadores Jorge Gutierrez e Jaime Chuquimia, escolhidos com cuidado dentro dessa comunidade, tomando a definição de Lima desse subgênero do jornalismo literário, em que diz que “a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão.” (LIMA, 2008, p. 52). A partir das entrevistas e da vivência com os perfilados, estudamos e apresentamos a realidade em que vivem, como compreendem o trabalho que desenvolvem e dificuldades que enfrentam.

Nas ruas de São Paulo, enquanto corremos e levamos nossas vidas, chegam nas casas e oficinas de costura de milhares de imigrantes bolivianos programas personalizados, feitos pelos próprios conterrâneos, na línguas nativas deles, com músicas que os fazem lembrar de suas origens. Para nós essas iniciativas podem parecer irrisórias ou insignificantes, mas são elas que acompanham os costureiros durante toda jornada de trabalho. As rádios e comunicadores, como veremos, têm um papel central para os bolivianos que vivem em São Paulo e que têm como atividade principal a costura. Como Gutierrez expressa:

A gente sabe que nosso alvo é na maioria o costureiro, e o costureiro não tem tempo para estar de olho na televisão, num filme. A única coisa que tem a disposição é o ouvido. E enquanto ele vai trabalhando, ele vai escutando. E isso, por tudo o que a gente sabe, ajuda a minimizar o cansaço, a dor, a amargura que tá passando nesse momento, aumenta e estimula a alegria e o interesse pelo trabalho. Por isso é muito importante a rádio. A magia da rádio é essa, porque ajuda no dia a dia das pessoas. (informação verbal)¹

Para apresentar os perfis, foi desenvolvida uma estrutura para a dissertação que abarque todo o contexto que envolve o direito à comunicação, a imigração e a vida dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo e o desenvolvimento das rádios na capital.

Desta forma, além da introdução e considerações finais, esta dissertação foi composta por quatro capítulos bastante delimitados, que, ao final, acabam por se inter-relacionar. São eles: *Direito à Comunicação e o Exercício da Comunicação Popular*; *Emissoras de rádio para imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo*; *Jornalismo Literário e Perfil: a metodologia aplicada*; *Eles e as rádios: Perfis de comunicadores bolivianos na cidade de São Paulo*.

O quadro teórico do capítulo *Direito à Comunicação e o Exercício da Comunicação Popular* abarca autores que versam sobre o direito à comunicação, a comunicação popular, as características do rádio e o papel desse meio de comunicação nesse cenário e o rádio na América Latina, especialmente na Bolívia. O capítulo foi necessário para entender a importância do rádio na luta de grupos pelo direito à comunicação, os motivos para essa mídia ser popular e o porquê de os

¹ GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 18 abr. 2018.

imigrantes desenvolvem canais de comunicação longe de sua pátria, ainda que muitas vezes de maneira clandestina, mostrando o valor que a comunicação tem para eles.

Para discutir o tema *direito à comunicação*, como ele se relaciona com a comunicação popular e comunitária, e o papel do rádio dentro da comunicação popular e comunitária, alguns autores integram o quadro teórico: Toby Mendel e Eve Salomon, consultores internacionais da UNESCO; Vitor Souza Lima Blotta, professor Doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo; Armand Mattelart, especialista em comunicação internacional e professor em Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade de Rennes II, França; Sean MacBride, membro fundador da Anistia Internacional, que recebeu prêmio Nobel e prêmio Lênin da Paz; Cicília Maria Krohling Peruzzo, Pós doutora pela Universidad Nacional Autónoma de México e professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi; Luiz Fernando Santoro, Doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professor na Universidade de São Paulo; Gisela Swetlana Ortriwano, que foi professora e pesquisadora na Universidade de São Paulo.

Além dos autores, utilizamos documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948; Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (França), 1789; A Constituição Brasileira, de 1988; O Pacto Internacional de Direitos Cíveis e Políticos (PIDCP), de 1992; o documento da Convenção Americana sobre Direitos Humanos de 1969; o documento Corte Interamericana de Direitos Humanos, de 1985.

Para falar sobre a comunicação popular na América Latina, com foco nas iniciativas radiofônicas pioneiras na Bolívia, inserimos os trabalhos de Luis Ramiro Beltrán, doutor pela na Universidade Estadual de Michigan e um dos fundadores da ALAIC – Associação Latino-americana de Investigadores em Comunicação; Jaime Reyes Velásquez, que foi professor da Escola de Comunicação da Universidade Católica de La Paz; Hernando Bernal Alarcón, mestre em sociologia pela Universidade de Wisconsin e referência na história do projeto Ação Cultural Popular (ACPO); Teresa Flores Bedregal, pesquisadora boliviana que desenvolveu trabalhos em universidades como a Universidade Autônoma de Barcelona e Universidade da Califórnia, entre outros; Alan O'Connor, pesquisador e professor na Trent University, no Canadá; José Ignacio López Vigil, jornalista e escritor cubano; Magali Camacho

de Vega, pesquisadora e docente na Universidad Mayor de San Andrés; Sandra Aliaga Bruch, jornalista boliviana, pesquisadora e integrante dos conselhos editoriais de revistas científicas de comunicação como o “Journal of Latin American Communication Research” e “Punto Cero” (da Universidade Católica Boliviana San Pablo); Daniela Cristiane Ota, doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e professora na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Danilo Borges Dias, Doutor em Educação na Universidade Católica de Brasília; Moema Viezzer, escritora e Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Domitila Chungara, importante líder do movimento mineiro boliviano; e também recorreremos ao documentário *A voz de um povo* (2008), dirigido e produzido pelos jornalistas Ben Hur Avelino Pereira e Ítalo Milhomem Santos Zikemura.

O quadro teórico do capítulo *Emissoras de rádio para imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo* aborda as emissoras voltadas aos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo e a vida desses imigrantes andinos na capital paulista. Dessa forma, traz um panorama das causas da imigração boliviana ao Brasil e como ela ocorre, o ambiente de reprodução das rádios, como as oficinas de costura, uma revisão bibliográfica sobre parte da produção científica a respeito de rádios para bolivianos em São Paulo até então e como elas operam na capital. Seu desenvolvimento nesta dissertação foi importante para abordar a vida desses imigrantes no Brasil e a dinâmica em que as rádios e os comunicadores estão inseridos, bem como a relevância destes para o grupo migratório em questão.

Para falar sobre a imigração boliviana ao Brasil e o ambiente de reprodução das rádios utilizamos os autores: Sidney Antônio da Silva, Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo, pioneiro no estudo sobre bolivianos no Brasil; Maria Cristina Cacciamali, Doutora em economia pela Universidade de São Paulo e professora do departamento de Economia, na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo; e Flávio Antonio Gomes de Azevedo, Mestre pelo Programa de Integração da América Latina - PROLAM, além de matérias jornalísticas veiculadas pela Repórter Brasil, BBC Brasil, G1 e Folha de S. Paulo.

A revisão bibliográfica sobre o que já foi feito a respeito de rádios para bolivianos na cidade de São Paulo conta com os autores: Sidney Antônio da Silva, já mencionado na área de Antropologia; Danilo Borges Dias, já mencionado na área de

Comunicação Social; Patrícia Tavares de Freitas, doutora pelo Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp); Giovanna Modé Magalhães, Mestre pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; Iara Rolnik Xavier, Mestre em Demografia pelo Núcleo de Estudos da População da Unicamp; Renato Cymbalista, Pós doutor em História pela Unicamp; Rafael Simões Lasevitz, Doutor em antropologia pela Université de Montréal; Marcia Ernani de Aguiar, Mestre em Ciências na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Isadora Steffens e Jameson Martins, Mestres pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo.

Por fim, dentro dessa temática, o capítulo apresenta como operam as rádios para bolivianos. Para isso, aborda o surgimento de iniciativas independentes nas rádios livres, uma retomada da legislação brasileira de rádios comunitárias por meio da Lei 9.612/98, que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil, o Código Brasileiro de Telecomunicações, Lei nº 4.117/ 1962, e como funcionam as Web Rádios.

A união dos capítulos apresentados contém um bom panorama sobre a vida dos imigrantes bolivianos em São Paulo e a centralidade das rádios nessa realidade. Com eles, compreende-se o contexto em que operam tanto as rádios como os comunicadores e tem-se um bom panorama para a escrita e compreensão dos perfis desses profissionais.

O capítulo *Jornalismo Literário e Perfil: Metodologia aplicada* apresenta o método usado nessa dissertação. Os comunicadores elencados foram Jorge Gutierrez e Jaime Chuquimia. O método está alicerçado nos pesquisadores: Sergio Vilas-Boas, Doutor pelo programa de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e autor da tese pela Universidade de São Paulo *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico* (2006), da dissertação de mestrado, pela Universidade de São Paulo, *Páginas da Vida. A arte biográfica e perfis* (2001), e do livro *Perfis: o mundo dos outros. 22 personagens e 1 ensaio* (2014); Edvaldo Pereira Lima, autor da tese pela Universidade de São Paulo *O livro-reportagem com extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade* (1990) e do livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2008); Monica Martinez, Doutora em Ciências da Comunicação e autora da tese *Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de*

vida em jornalismo (2002), pela Universidade de São Paulo, e autora do livro *Jornalismo literário: tradição e inovação* (2016), e César Augusto Bernal Torres, com definições de entrevista semiestruturada no livro *Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales* (2006).

Além dos presentes autores, também são apresentadas as definições de alguns gêneros do rádio e uma discussão sobre o perfil do comunicador, com foco no radiocomunicador latino-americano.

Para desenvolver as definições dos gêneros do rádio: radiojornalismo, entretenimento e serviço, tem-se como base bibliográfica as definições apresentadas na Enciclopédia INTERCOM de comunicação (2010) e o trabalho desenvolvido pelo pesquisador André Barbosa Filho, autor do livro *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio* (2003) e Doutor em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo. Esses gêneros especificamente foram selecionados por serem os mencionados de forma constante pelos comunicadores bolivianos em entrevistas e encontros realizados durante a pesquisa. A discussão sobre o papel e perfil do comunicador é embasada no trabalho *Ética e Meios de Comunicação* (1999) do pesquisador Niceto Blázquez.

Abarcando as definições de radiojornalismo e o perfil do comunicador, com foco no radiocomunicador latino-americano, tem-se a participação de seis pesquisadores especialistas na área de Comunicação Social, que lecionam e pesquisam especificamente sobre rádio, sobretudo o radiojornalismo. Via e-mail, responderam as seguintes perguntas: (1) O que é radiojornalismo? (2) Como o radiocomunicador (dos locutores - radialistas e jornalistas) deve conduzir a transmissão que mescle jornalismo e entretenimento? (3) Qual seria o perfil ideal de um radiocomunicador latino-americano?

Os pesquisadores são: Marcelo Cardoso, Mestre em Comunicação na Contemporaneidade pela Faculdade Cásper Líbero com a dissertação: *O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras: experiências de emissoras paulistanas* (2010); Lourival da Cruz Galvão Júnior, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo com a tese *O futuro hoje: a formação em Radiojornalismo na era da convergência das mídias* (2016) e pesquisador da Universidade de Taubaté (UNITAU); Janine Marques Passini Lucht, Doutora em comunicação Social pela

Universidade Metodista de São Paulo com a tese *Gêneros radiojornalísticos no Brasil: análise da Rádio Eldorado de São Paulo* (2009), e membro do Conselho Editorial da Revista Alterjor da Escola de Comunicações e Artes da USP; Pedro Serico Vaz Filho, Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo com a tese *Promoção da Cidadania Pelas Rádios Comunitárias do ABCD Paulista Sob desafios e Enfrentamentos Políticos* (2016) e professor na Universidade Anhembí Morumbi; André Naveiro Russo, mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com a dissertação *Gesto, Som e Voz: um estudo da aprendizagem da comunicação por meio do radiojornalismo* (2015) e professor de Radiojornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Centro Universitário Belas Artes; e Lenize Villaça Cardoso mestre em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo com a dissertação *Radiojornalismo na era digital: Internet como fonte de notícias na Rádio CBN* (2002) e professora na graduação em Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

A partir dos pesquisadores apresentados, os perfis de dois comunicadores de rádios para bolivianos na cidade de São Paulo foram desenvolvidos, no capítulo *ELES E AS RÁDIOS: perfis de comunicadores bolivianos na cidade de São Paulo*. Esses perfis foram escritos tendo como base as entrevistas semiestruturadas realizadas com Jorge Gutierrez e Jaime Chuquimia no decorrer da pesquisa, além de entrevistas de apoio realizadas com outros seis comunicadores que compõem os *mini-perfis*, e da vivência da pesquisadora. Todas as entrevistas semiestruturadas realizadas durante esta dissertação estão disponíveis em áudio e também transcritas na internet.²

A partir dos perfis, esta pesquisa apresenta como é o trabalho desempenhado por esses comunicadores, o que eles pensam sobre as rádios, as atividades que desenvolvem, as dificuldades que enfrentam e como compreendem e enxergam o conteúdo que transmitem. Com isso, levanta-se uma discussão sobre o papel que esses homens e mulheres desempenham como comunicadores latino-americanos e a relevância que possuem para o grupo migratório do qual fazem parte e para o qual se dirigem.

² Link para acessar as entrevistas <https://bit.ly/2HNSnih>

2. O DIREITO À COMUNICAÇÃO E O EXERCÍCIO DA COMUNICAÇÃO POPULAR

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma discussão que permita entender os conceitos de direito à comunicação, a importância do rádio como viabilizador desse direito, principalmente em iniciativas populares na América Latina, e o papel desse meio especificamente para os bolivianos.

Em um primeiro momento, discutem-se temas como o conceito de liberdade de expressão e direito à comunicação, as mudanças pelas quais a definição passou ao longo dos anos, como o conceito se apresenta hoje na prática, ou seja, sua aplicabilidade no dia a dia das pessoas, e quais limitações no acesso a esse direito permeiam a vida dos cidadãos. A partir dessa exposição, apresenta-se a comunicação popular e comunitária e qual o papel dela na promoção do direito à comunicação.

A partir da contextualização da comunicação popular, entramos, então, na comunicação popular desenvolvida na América Latina, revelando as utilizações pioneiras do rádio como meio de comunicação em iniciativas populares na Bolívia. Abordamos, em seguida, as características do rádio, apresentando porque historicamente essa mídia se apresentou como a de maior alcance e mais acessível para população, sendo instrumento e porta-voz de inúmeras manifestações culturais, políticas e sociais sem espaço na mídia hegemônica. Por fim, apontamos quais características específicas do rádio fizeram com que o meio fosse popular na Bolívia.

Essa revisão e retomada histórica é importante para compreendermos a importância do rádio, com suas características peculiares, como promotor do direito à comunicação. Da mesma forma, dado seu papel histórico na luta das classes subalternas, o capítulo ajuda no entendimento dos motivos de esse ser um meio especialmente popular e emblemático na Bolívia. Com o resgate da história, a compreensão do papel das rádios para bolivianos que existem hoje na capital paulista torna-se mais fundamentada. Podemos entender de certa forma qual a relação entre a população à que o meio de comunicação se dirigia na Bolívia com a presente hoje no Brasil e porque as rádios se destacam tanto dentro do grupo migratório.

2.1 Direito à Comunicação

Nas primeiras manifestações da Idade Contemporânea, o direito à comunicação e à liberdade de expressão é defendido. Em 1789, a Revolução Francesa promulgava a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Seu artigo 11 proclama: “A livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela lei”.

Quase duzentos anos mais tarde, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, afirma no Artigo 19 que:

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por quaisquer meios de expressão.

Embora não seja um documento de obrigatoriedade legal, seus princípios influenciam e permeiam inúmeros tratados e constituições pelo mundo. A Constituição Brasileira de 1988, Carta Magna do país, é um exemplo da propagação desses valores ao trazer em seu conteúdo a defesa da liberdade de expressão. Seu Capítulo I, Artigo 5º, inciso IX, diz: “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

Em 1992, o país assinou o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (PIDCP). O Artigo 19 do pacto diz que ninguém pode ser discriminado por causa das suas opiniões e que todos os indivíduos têm direito à liberdade de expressão. Como o Pacto expressa: “Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de toda a índole sem consideração de fronteiras, seja oralmente, por escrito, de forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo que escolher.”

No mesmo ano, 1992, foi ratificado pelo Brasil o documento produzido pela Convenção Americana sobre Direitos Humanos, realizada na Costa Rica, em 1969. Seu Artigo 13 afirma:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e ideias de toda natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo de sua escolha.

Pensando na definição e importância da liberdade de expressão, Toby Mendel e Eve Salomon, consultores internacionais da UNESCO, no texto *Liberdade de Expressão e Regulação da Radiodifusão*, discorrem sobre o conceito e explicam que ele é complexo. Primeiro, porque não é absoluto, podendo ser restringido para proteger interesses maiores, públicos ou particulares. Segundo, porque é amplo. Embora conferido de forma individual, a liberdade de expressão tem uma natureza dual, pois não protege apenas o direito de divulgar pensamentos, dados e ideias, mas também o direito de terceiros de buscá-los e de ter acesso às informações que desejam.

Dentro dessa visão, Mendel e Solomon destacam a importância da pluralidade da mídia. A necessidade de diversidade dos canais, segundo os consultores, é exatamente um resultado do direito dos indivíduos de fornecerem, buscarem e receberem informações, tendo acesso a uma ampla gama de perspectivas e análises por meio da mídia. “É a diversidade de pontos de vista que permite às pessoas exercerem plenamente a cidadania, participando do processo público de tomada de decisões por meio da escolha entre posições e propostas divergentes.” (MENDEL; SOLOMON, 2011, p. 16)

A Corte Interamericana de Direitos Humanos explicita essas questões no documento de 1985, quando realizou parecer consultivo sobre a Convenção Americana sobre Direitos Humanos. Quanto à natureza dual da liberdade de expressão, o parecer afirma que este é um direito coletivo, o que quer dizer que quando um indivíduo tem sua liberdade de expressão limitada não é apenas o direito dele que está sofrendo uma violação, mas de igual modo o direito de todos os cidadãos de receberem as informações que seriam por esse indivíduo propagadas.

[...] Põem-se assim de manifesto as duas dimensões da liberdade de expressão. De fato, esta requer, por um lado, que ninguém seja arbitrariamente prejudicado ou impedido de manifestar seu próprio pensamento e representa, portanto, um direito de cada indivíduo; mas implica também, por outro lado, um direito coletivo a receber qualquer informação e a conhecer a expressão do pensamento alheio (Convenção Americana sobre Direitos Humanos, 1985, p. 07)

Se a liberdade do livre expressar não se esgota em nível individual e alcança o coletivo, também ela diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, que, como

afirmado por Toby Mendel e Eve Salomon, devem ser plurais. O documento produzido pela Corte Interamericana de Direitos Humanos também discute o papel da mídia e faz uma explanação importante sobre a importância da apropriação dos meios para que o exercício da liberdade de expressão seja possível. O documento afirma que esta compreende inseparavelmente o direito de utilizar qualquer canal apropriado para propagar o pensamento e fazer com que ele chegue até o maior número de pessoas possível.

Quando a Convenção proclama que a liberdade de pensamento e de expressão compreende o direito a difundir informações e ideias "por qualquer processo", está destacando que a expressão e a difusão do pensamento e da informação são indivisíveis, de modo que uma restrição das possibilidades de divulgação representa diretamente, e na mesma medida, um limite ao direito de se expressar livremente. (Convenção Americana sobre Direitos Humanos, 1985, p. 08)

Dessa forma, para que esse direito seja satisfeito, os meios de comunicação devem estar abertos à participação de todos, não havendo discriminação ou exclusão de indivíduos e grupos, proporcionando um acesso democrático aos canais. De acordo com o parecer, os meios de comunicação servem para materializar o exercício da liberdade de expressão. Para isso, seria indispensável a pluralidade de meios de comunicação e a proibição de qualquer tipo de monopólio que possa atingi-los, garantindo, assim, a liberdade e independência dos jornalistas. (Convenção Americana sobre Direitos Humanos, 1985, p. 08)

O conceito de direito à comunicação tradicionalmente se discute em termos de direito de liberdade de expressão e acesso à informação, como anteriormente demonstrado. Entretanto, evidencia-se nas afirmações acima uma definição importante que tem sido resgatada nas discussões sobre comunicação como um direito humano, em que é incluído não somente o direito de acesso à informação e de expressão, mas o direito de participação nos meios comunicacionais. Essa interpretação do conceito é positiva no sentido de impedir a concentração midiática, fazendo com que as pessoas tenham acesso aos canais de comunicação.

2.2 A concentração dos meios comunicacionais: impedimento ao acesso e à participação

Como visto, na teoria, tratados, declarações e constituições de países asseguram uma igualdade de direitos no desempenho da liberdade de expressão e de comunicação. No entanto, os direitos afirmados são prejudicados na prática, por desigualdades que assolam a sociedade, como econômicas e sociais, e relações de poder. Dessa forma, diversos segmentos da população não se veem representados na mídia hegemônica ou não têm acesso aos meios.

O pesquisador e professor da USP, Vitor Souza Lima Blotta, no artigo *Obstáculos econômicos aos princípios do pluralismo e da igualdade no acesso à informação*, afirma que após os primeiros dez anos do século 21, o que se vê é a continuidade de uma determinação econômica dos espaços públicos das democracias de massa. De acordo com o professor, há uma concentração econômica dos meios de comunicação que provocam uma assimetria no acesso a eles. Para utilizar o caso brasileiro como exemplo, o professor cita os dados da obra *A televisão Brasileira na era digital* (2007)³ de César Ricardo Siqueira Bolão e Valério Cruz Britos. “Fica clara a concentração dos meios em mãos privadas, liderada por cinco famílias com mais da metade das geradoras e retransmissoras do Estado”. (BLOTTA, 2012, p. 189)

Essas famílias são a família Marinho (Globo), que detém 121 geradores de TV, seguido por Abravanel, com 91 (SBT), Macedo (Record), com 76, Saad (Band), com 43. (BOLAÑO; BRITTO, 2007, p. 264 apud BLOTTA, 2012, p. 189).

As emissoras e rádios brasileiras não são donas dos canais em que sua programação é transmitida, mas recebem do Estado o direito de veicularem seus conteúdos. Para terem concessão, as emissoras devem passar por um processo licitatório, avaliado pelo Ministério das Comunicações, cumprindo inúmeras exigências em relação ao conteúdo e à programação, para que a pluralidade e a diversidade sejam garantidas. Nesse sentido, quem atender melhor aos requisitos e tiver a melhor média de avaliação recebe a concessão e, portanto, o direito de explorar determinado canal por um período pré-definido. Ao final dele, passam por uma nova análise.

Embora as exigências busquem proporcionar uma mídia que represente a diversidade da sociedade brasileira, como vimos, a mídia brasileira está concentrada.

³ BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. **A televisão brasileira na era digital**. São Paulo: Paulus, 2007.

Dessa forma, o cerne da estrutura tradicional de concentração midiática se mantém. O pesquisador Armand Mattelart afirma que, historicamente, cada avanço nas tecnologias criou desigualdades na apropriação dos meios econômicos e técnicas de comunicação. “Assim foram constituídos os ‘monopólios do conhecimento’, que são tanto o instrumento como o resultado da dominação política” (MATTELART, 2009, p. 37), de acordo com Mattelart, a partir desse monopólio foi traçada uma espécie de perímetro no qual era possível se discutir o conteúdo da liberdade de expressão.

Mattelart explica que, no início, o quadro geopolítico em que o conceito se desenvolveu e foi codificado favoreceu a tese liberal da versão americana na chamada doutrina do *free flow of information*, uma concepção seletiva e unilateral da liberdade de expressão, defendida pela delegação dos Estados Unidos na Conferência das Nações Unidas em Genebra (1948), que buscava permitir uma livre circulação de informação e distribuição de conteúdo internacionalmente. Como expressa Mattelart, essa concepção “materializou-se nas estratégias e nas políticas de desenvolvimento/modernização que tornaram-se temas de pesquisas e de programas de mão única em comunicação e cultura.” (MATTELART, 2009, p. 38)

O pesquisador afirma que foi apenas na década de 1970 que a diversidade das culturas e dos meios de comunicação passou a ser enaltecida, destacando a importância das diferentes culturas como sendo fontes de identidade, significações, inovação social e dignidade.

É sobre este pano de fundo que foi reconhecida a necessidade de um direito mais amplo: o direito humano à Comunicação. Nas instituições internacionais, o modelo vertical do fluxo de mão única simplesmente para distribuir conteúdos começa e ficar ultrapassado; surge, então, uma representação da Comunicação como um processo dialógico e recíproco, no qual o acesso e a participação tornam-se fatores essenciais. (MATTELART, 2009, p. 38)

Após essa mudança de paradigmas, Mattelart afirma que passa a haver uma recusa de uma comunicação hierarquizada, linear e unidirecional: da elite para as massas, do centro para a periferia, dos ricos para os pobres, fazendo com que a diferença floresça, e negando a distinção entre origem nacional, étnica, linguística ou religiosa.

Em 1977, exatamente na época em que Mattelart afirma ter havido essa ruptura na visão da comunicação, a UNESCO criou a Comissão Internacional para Estudo dos

Problemas da Comunicação, coordenada por Sean MacBride. O documento final da Comissão, feita por MacBride junto a outros 16 especialistas no tema, faz um diagnóstico da comunicação no mundo atual, falando sobre exclusão de grupos, classes sociais e regiões do processo comunicacional. Segundo o documento, um dos maiores defeitos da comunicação é a ausência de participação do público na administração e na tomada de decisões.

MacBride aborda de forma contundente o monopólio informativo desempenhado por quatro agências internacionais da época, responsáveis por 80% do conteúdo noticioso do mundo. France-Press (França) United Press International y Associated Press (EUA), Reuters (Reino Unido). Nesse sentido, MacBride chama atenção e critica o eixo Norte-Sul/ Leste-Oeste de fluxo de informação, que seria uma divisão invisível do mundo entre critérios de pobreza e ideologia. Em nível nacional, a informação flui de cima para baixo e a nível internacional flui dos que tem melhores meios tecnológicos para os que tem os piores, e dos países maiores para os menores, havendo muito mais informações sobre países desenvolvidos do que subdesenvolvidos.

Por todas essas razões, as notícias tendem a canalizar-se em um eixo Norte-Sul que inibe os intercâmbios mais amplos, sobretudo entre os países em desenvolvimento. Ainda que haja uma corrente de notícias entre Europa e América do Norte, e um intercâmbio menor, mas importante, entre os países socialistas, a corrente entre Norte e Sul está tão desequilibrada que podemos falar de uma corrente em só uma direção. (MACBRIDE, 1980, p. 124, tradução da autora)

Para MacBride, a corrente unilateral da comunicação é um reflexo das estruturas políticas e econômicas dominantes no mundo, que tendem a perpetuar a dependência dos países mais pobres em relação aos mais ricos, que são também os principais consumidores das agências de notícias. Elas também são responsáveis por uma homogeneização do conteúdo, uma vez que pequenos grupos controlam a maior parte de informação que chega até as pessoas. Além do desequilíbrio entre regiões do mundo e países, há o desequilíbrio interno de cada nação que provoca desníveis no acesso à informação e liberdade de expressão.

A comunicação reflete inevitavelmente a natureza da sociedade da qual faz parte: os regimes políticos antidemocráticos afetam adversamente a comunicação, assim como as desigualdades econômicas de uma sociedade propiciam a formação de categorias de pessoas bem e mal informadas. (MACBRIDE, 1980, p. 144, tradução da autora)

As principais soluções elencadas para os problemas comunicacionais são a pluralização e a democratização dos meios. É interesse público uma comunicação ampla, de melhor qualidade e que possa ser desempenhada livremente. Para isso, princípios democráticos precisam ser estabelecidos nos veículos comunicacionais. Nessa visão, os indivíduos não estariam mais no outro extremo do trajeto comunicacional apenas como receptores passivos, e se transformariam em agentes ativos no processo, contribuindo para maior diversidade de mensagens e participação.

Assim, o relatório marca um período de mudança na discussão do papel da comunicação na sociedade. Na mesma época, começam a emergir, especialmente na América Latina, formas alternativas de comunicação. Como veremos a seguir, elas afloram dentro de movimentos sociais que buscam voz, representação e espaço dentro dos processos comunicacionais, apresentando-se como via oposta dos canais hegemônicos, pouco democráticos e dominantes.

2.3 Comunicação popular: o direito à comunicação posto em prática

Como apontado, os meios massivos dominam a forma de fazer comunicação. Ao contrário de ser um processo entendido como dialógico, participativo e de intercâmbio, a comunicação é mais pautada no sentido de transmissão e recepção. O pesquisador, educador e comunicador Mario Kaplún no livro *Una pedagogia de la comunicacion* (2002) explicita essa questão demonstrando como os meios de comunicação hegemônicos interferiram na definição do que é comunicação:

O modo de operar desses meios tornou-se um modelo de referência, um paradigma de comunicação. Para estudá-los, foi construída uma "teoria da comunicação", que se concentrou exclusivamente na transmissão de sinais e mensagens. O que eles faziam – transmitir – era a comunicação. Assim, em vez de partir das relações humanas, era a tecnologia, a engenharia, a eletrônica – e as poderosas empresas que possuem a mídia – que promovia a forma de conceber a comunicação. (KAPLÚN, 2002, p. 54, tradução da autora)

Kaplún defende que a concepção correta da comunicação é a pautada no diálogo, intercâmbio, compartilhamento e reciprocidade, como afirmado também por MacBride no documento anteriormente abordado, *Uno solo mundo, voces multiples* (1980). O significado de comunicação atrelado apenas à transmissão de informação, com receptores passivos, na concepção de Kaplún corresponde a uma sociedade

pautada na lógica do poder, em que alguns lançam sobre a maioria da população conteúdos e formas de ler o mundo. Por outro lado, a comunicação vista como um processo participativo, de trocas e experiência, corresponde a busca por uma sociedade pautada em valores comunitários e democráticos.

Para retomar a comunicação no seu sentido humano, amplo e plural, o autor afirma que são necessárias ações que vão além de discussões semânticas a respeito do assunto. “Isso implica uma demanda humana e, acima de tudo, uma reivindicação dos setores dominados, até agora os grandes excluídos das grandes redes transmissoras. A controvérsia tem uma dimensão social e política.” (KAPLÚN, 2002, p. 56, tradução da autora).

Assim, na busca por uma comunicação mais participativa são desenvolvidos mecanismos de ação que podem envolver interferências em nível político, como, por exemplo, os tratados anteriormente citados, como o documento do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (PIDCP), ou interferências no âmbito local, como, por exemplo, rádios comunitárias de determinado bairro. Mario Kaplún, no texto *La comunicación popular: alternativa valida?* distingue de forma clara essas duas tendências. A primeira o autor denomina como “macro” e é voltada para combater o monopólio informativo, as empresas transnacionais de comunicação, com políticas nacionais e internacionais voltadas à comunicação: “Sua meta é a transformação estrutural das redes de comunicação massiva, em escala de um país e inclusive em escala planetária.” (KAPLÚN, 1983, p. 40, tradução da autora). Na articulação dessa tendência encontram-se teóricos, pesquisadores da comunicação, que agem em institutos, congressos, conferências da Unesco, entre outros.

A segunda forma de ação é a que Kaplún chama de “micro”, mas que, apesar de não tão abrangente quanto a primeira, não tem sua importância em nada diminuída. Ao contrário, em conjunto com a corrente “macro” é que possibilita uma comunicação mais acessível e participativa. A ênfase da tendência “micro” está exatamente nas experiências diárias das pessoas e comunidades que “ainda que em pequena escala, tentam materializar aqui e agora a nova ordem comunicacional democrática e igualitária.” (KAPLÚN, 1983, p. 40, tradução da autora). Nesse aspecto, atuam então grupos sociais, populares, comunidades, por meio de jornais comunitários, rádios populares, vídeos, autofalantes, e tantos outros meios, que variam de acordo com a criatividade e praticidade.

Nesse sentido, a comunicação popular, micro, desempenha um papel crucial na vida das comunidades e representa para elas uma via alternativa à mídia de massa, possibilitando acesso e participação aos conteúdos comunicacionais. Como anteriormente dito, embora seja uma comunicação pequena e de alcance limitado, sua importância não pode ser subestimada. Se vista como uma tentativa de combater os meios massivos, as iniciativas realmente podem parecer pequenas e insignificantes, no entanto, como lembra Kaplún:

Ainda que não desconheçam a importância dos problemas da comunicação em escala nacional e mundial, os meios populares não nasceram como resposta direta e imediata a tais problemas e nem em função deles. Seus verdadeiros objetivos, os que os geraram e validam suas existências, são de outro caráter e apontam para a resolução de outras necessidades. O que os críticos parecem esquecer e não compreender, é que para o movimento de base a comunicação não constitui um fim em si mesma, mas um instrumento necessário a serviço da organização e educação popular. (KAPLÚN, 1983, p. 41, tradução da autora)

Tendo em vista esses apontamentos, a comunicação popular, cunhada em diversos momentos de “participativa”, “alternativa”, “comunitária”, entre outros, é uma forma alternativa à comunicação de massa que torna-se mais relevante principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, na América Latina, em decorrência dos movimentos populares que floresciam na região, em um período de intensas mudanças políticas e econômicas. “Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares,” explica a pesquisadora Cicília M. Krohling Peruzzo (2008, p. 368). Como afirma Peruzzo, essa comunicação se apresenta como uma via diferente a das informações obtidas pelas mídias hegemônicas:

Era uma comunicação vinculada à prática de movimentos coletivos, retratando momentos de um processo democrático inerente aos tipos, às formas, e aos conteúdos dos veículos, diferentes daqueles de estrutura então dominante, da chamada “grande imprensa”. Nesse patamar, a “nova” comunicação representou um grito, antes sufocado, de denúncia e reivindicação por transformações, exteriorizando sobretudo em pequenos jornais, boletins, auto-falantes, teatro, folhetos, volantes, vídeos, audiovisuais, faixas, cartazes, pôsters, cartilhas etc. (PERUZZO, 1998, p. 115)

Segundo Peruzzo, essas manifestações se dão das mais diferentes formas, mas com um objetivo principal em comum: a busca de mudança social, contestação de correntes dominantes, produzindo um conteúdo crítico e emancipador, cujo principal agente de sua organização é o povo (PERUZZO, 2008, p. 370). Ou seja, é um espaço

que vai na contramão da mídia de massa, sendo, portanto, mais acessível à participação popular e objetivando a construção de condições melhores de vida.

Em sua gênese, a comunicação popular nasce como instrumento político cujo fim último é a promoção da igualdade. “Uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social”, define Peruzzo (2008, p. 368).

Com o tempo a comunicação popular passa a apresentar diversas formas de expressão do povo e deixa de ser unicamente ligada aos movimentos sociais, tornando-se mais abrangente. No Brasil, como explica Peruzzo, o termo foi substituído por comunicação comunitária, uma definição menos politizada que a original e que engloba diferentes tipos de experiências.

Na prática a comunicação comunitária por vezes incorpora conceitos e reproduz práticas tipicamente da comunicação popular em sua fase original e, portanto, confunde-se com ela, mas ao mesmo tempo constrói outros matizes. Por exemplo, às vezes se desconecta de movimentos sociais e assume feições diversificadas quanto às bandeiras defendidas e mensagens transmitidas. (PERUZZO, 2008, p. 369)

A comunicação comunitária é, em primeiro lugar, uma forma de fazer comunicação que se preocupa com a comunidade onde está inserida e em proporcionar a ela acesso aos meios comunicacionais. Algumas características particulares a diferenciam de outras formas de comunicação.

É sem fins lucrativos e se alicerça nos princípios de comunidade, quais sejam: implica na participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; na propriedade coletiva; no sentido de pertença que desenvolve entre os membros; na co-responsabilidade pelos conteúdos emitidos; na gestão partilhada; na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; no poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura. Portanto, é uma comunicação que se compromete, acima de tudo, com os interesses das “comunidades” onde se localiza e visa contribuir na ampliação dos direitos e deveres de cidadania. (PERUZZO, 2007, p. 05)

A emergência desses canais comunitários como forma de resistência e de dar voz a movimentos silenciados evidencia as disputas de poder que ocorrem na esfera comunicacional. Apesar de ser feita em pequena escala, a comunicação comunitária é importante para o grupo ao qual se dirige. “Trata-se de uma comunicação [...] que se torna expressiva porque está dispersa por todo o País e se multiplica de diferentes

maneiras e em diferentes lugares, dentro do Brasil e no mundo.” (PERUZZO, 2007, p. 05)

Dessa forma, a luta por transformações sociais e o uso de ferramentas comunicacionais pelas classes subalternas implica necessariamente em uma discussão sobre a regulação e acesso aos meios. De sua gênese, a comunicação popular, como uma manifestação criada no seio de movimentos populares, o tema passa a ser entendido como um direito amplo que deve estar ao alcance de todos os indivíduos e passa a se manifestar de diferentes formas na sociedade, seja com fins políticos ou não. Ele, então, se baliza na visão de direito comunicacional como um direito humano, em que o acesso e participação aos canais de comunicação são indispensáveis para o desenvolvimento de uma cidadania plena. E é nessa perspectiva que os canais comunitários e alternativos se desenvolvem e resistem até hoje, enfrentando muitas vezes leis restritivas e se mantendo na clandestinidade.

2.4 Rádio na comunicação popular e comunitária: um meio democrático

A luta por espaços nas mídias e por uma comunicação plural encontrou no rádio um dos canais de expressão mais acessíveis à população, tanto para produção de conteúdo quanto para o consumo, que passou a utilizá-lo como porta-voz de inúmeras manifestações culturais, políticas e sociais sem espaço na mídia hegemônica.

O pesquisador Luiz Fernando Santoro afirma que desde a origem desse meio de comunicação há a luta por um rádio engajado, que não se limite a repetir ou distribuir informações hegemônicas. “Desde cedo [o rádio] apresentou potencialidades democráticas, possuidor de uma característica técnica que possibilita a todos o acesso imediato a determinadas informações.” (SANTORO, 1981, p. 97). De acordo com o professor, desde 1930 há a percepção da possibilidade de fazer um rádio que servisse aos interesses do povo, que buscasse a transformação da realidade por meio da troca de informações entre os donos dos meios de comunicação e a população. Assim, o rádio passaria a ser não apenas um meio de distribuição, mas verdadeiramente um meio de comunicação.

O rádio é, para muitos, o meio alternativo por excelência, pois é um meio de operação bastante simples e barato. Os custos de produção das mensagens são mínimos e a relação custo/penetração é excelente: um pequeno transmissor portátil de rádio pode cobrir grandes áreas. Além disso, permite a imediatividade da informação e, como quase todo mundo possui um receptor, o circuito de difusão está garantido. Os grupos militantes procuraram avançar o máximo possível na área técnica, bastante simplificada no caso do rádio, como uma forma de garantir sua independência, além de elaborarem as emissões desde o script até a realização (SANTORO, 1981, p. 101)

Santorio explica que, dentro dessa compreensão, o rádio não deve ser visto como um “promotor” de transformações, mas sim como um instrumento adicional para a mobilização de classes subalternas, que tomaram consciência de que teriam mais voz com a simplificação das tecnologias utilizadas para comunicação em massa, identificando formas de fazer rádio “fora do grande rádio”: “Descobriram o rádio como um instrumento para que outras maneiras de pensar, ou que determinados elementos culturais, determinadas músicas, que não tinham espaço nos meios de comunicação tradicionais, pudessem chegar ao coletivo.” (2017, informação verbal)⁴

A pesquisadora Gisela Swetlana Ortriwano aponta os principais aspectos do meio que, em conjunto, o diferenciam em relação a outras mídias, tornando-o mais praticável e aberto, sendo, portanto, ideal para o desempenho da comunicação popular. São as características a oralidade, a penetração, a mobilidade, a autonomia, o imediatismo, a instantaneidade, o baixo custo em relação aos demais veículos e a sensorialidade. (ORTRIWANO, 1985, p. 81).

A oralidade é uma vantagem do rádio, pois, por ser composto exclusivamente da fala, é necessário apenas ouvir para receber as informações, não sendo necessário, portanto, que o ouvinte seja alfabetizado.

A penetração diz respeito à capacidade do rádio de chegar a lugares distantes e remotos, sendo, assim, entendido como um meio de comunicação de alcance nacional. Se por um lado tem um grande alcance, ao mesmo tempo o rádio pode operar em regiões fragmentadas, sendo presente nele o regionalismo. Como afirma Ortriwano (1985, p. 79): “tendo menor complexidade tecnológica, [o rádio] permite a existência de emissoras locais, que poderão emitir mensagens mais próximas ao campo de experiência do ouvinte.”

⁴ SANTORO, Luiz Fernando. Entrevista concedida a Susana Berbert. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. 22 jun. 2017.

Já a mobilidade, a pesquisadora divide entre dois aspectos: a mobilidade do emissor e a mobilidade do receptor. A mobilidade do emissor é relacionada à pouca complexidade do rádio. Por possuir equipamentos de fácil transporte e fáceis de dominar, o meio pode estar presente com mais facilidade nos locais em que ocorrem eventos importantes e transmiti-los com mais rapidez. Não é preciso, por exemplo, pensar em distribuição, como ocorre com a mídia impressa, e “com a utilização das unidades móveis de transmissão, as emissoras praticamente se ‘deslocam’, podendo transmitir de qualquer lugar dentro de seu raio de ação” (ORTRIWANO, 1985, p. 79). Já a mobilidade do receptor significa que o ouvinte do rádio não precisa estar necessariamente ouvindo um equipamento preso a fios e não precisa estar sempre ao lado do aparelho para ouvi-lo e entender o que está acontecendo.

A característica de baixo custo significa que, comparado à televisão e aos veículos impressos, o rádio é a mídia mais barata, fazendo com que sua aquisição esteja ao alcance de mais pessoas.

O ouvinte – assim como o telespectador e o leitor – geralmente não se da conta de que o uso fruto das mensagens dos meios de comunicação de massa exige um pagamento permanente para sua manutenção. Esse pagamento está diluído no preço que o consumidor paga pelos produtos e/ou nos impostos. (ORTRIWANO, 1985, p. 80)

Pelo fato de a mídia radiofônica ser menos complexa do que as demais, ela se torna então mais barata. “Se levarmos em consideração o grande número de pessoas que recebem a mensagem radiofônica, esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido.” (ORTRIWANO, 1985, p. 80)

A característica de imediatismo significa que por meio do rádio os acontecimentos podem ser repassados ao público ao vivo, no instante em que ocorrem. Nesse sentido, Ortriwano chama mais uma vez a atenção para a pouca complexidade dos aparelhos de rádio, que o colocam em vantagem em relação à TV na transmissão ao vivo.

A instantaneidade diz respeito ao fato de o ouvinte precisar estar ouvindo o meio quando a mensagem é transmitida, caso contrário, não a ouvirá. Com a televisão o mesmo acontece. Nessa característica, os meios impressos saem na frente, pois possibilitam ao leitor uma releitura ou uma leitura atrasada dos acontecimentos. No

entanto, hoje, por meio da web e *podcasts*, é cada vez mais fácil armazenar mensagens radiofônicas antigas e baixá-las para ouvir.

A sensorialidade é uma característica do rádio que engloba o ouvinte, fazendo com que ele crie uma relação com o emissor do conteúdo. Ouvir o rádio desperta sua imaginação “através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um.” (ORTRIWANO, 1985, p. 80) Sem a imagem, o ouvinte fica muito mais livre para usar suas próprias referências.

A autonomia faz com que o rádio seja um meio de recepção individualizado. Por meio de celulares, carros, internet, e a praticidade do equipamento, os ouvintes podem receber o conteúdo individualmente. “Essa característica faz com que o emissor possa falar para toda a sua audiência como se estivesse falando para cada um em particular, dirigindo-se diretamente àquele ouvinte específico” (ORTRIWANO, 1985, p. 81)

Todos esses apontamentos demonstram que o rádio é uma mídia ímpar que fez com que se destacasse no desenvolvimento de iniciativas em comunicação popular, como na Bolívia. Para entender melhor especificamente o porquê de essa mídia ter obtido tanto êxito no país, iremos fazer uma breve retomada histórica e, em seguida, abordar algumas características específicas que favoreceram o rádio na Bolívia.

2.5 Rádio popular na Bolívia

Uma luta expressiva por uma comunicação popular e mais democrática na América Latina apresenta seus primeiros registros na década de 1940, tendo como os principais pioneiros exercícios com rádio desenvolvidos na Colômbia e na Bolívia. (BELTRÁN, 2011, p. 35). Na Bolívia, em 1947, surge uma das mais relevantes rádios do período, a Rádio Sucre, fundada por professores da cidade de Sucre que iam às minas de Siglo XX e Catavi para prestar serviços. A rádio Sucre foi um movimento especial por ter sido feita dentro da Bolívia, falando para a população trabalhadora de problemas locais. Apesar de seu pioneirismo, foi fechada em 1949 durante a guerra civil que ocorreu no país. (BEDREGAL, 1989, p. 42; PERUZZO, 1998, p. 192)

Foi três anos mais tarde, em 1952, que a experiência de rádio popular se consolidou no país andino com a criação da rádio La Voz Del Minero, na mina Siglo XX, e, logo em seguida, com o surgimento da rádio Radio Nacional, de Haununi e da 21 de Diciembre, na mina Cataví, precursoras do que mais tarde seriam conhecidas como as Rádio Mineiras Bolivianas, como afirmam os pesquisadores Luis Ramiro Beltrán e Jaime Reyes no artigo: *Radio popular en Bolivia: la lucha de obreros y campesinos para democratizar la comunicación*. (1993)

As primeiras tentativas de estabelecer rádios mineiras ocorreram aparentemente entre 1915 e 1949, mas foram efêmeras e, segundo alguns, eram clandestinas. No entanto, foi somente a partir do segundo semestre de 1952 que as primeiras estações foram abertas e efetivamente estabelecidas nos principais povoados da região de extração de estanho mais importante, o estado de Postosí. Essas estações pioneiras foram a Rádio La Voz del Minero, de Siglo XX, 21 de Diciembre, na mina Cataví, e Radio Nacional, de Haununi. (BELTRÁN; REYES, 1993, p. 7, tradução da autora)

O estanho, na época, era considerado um dos produtos de exportação mais importantes do país andino e era monopolizado por três grandes empresários: Patiño, Hoschild y Aramayo da Bolívia. Com a Revolução de 1952 e a nacionalização das minas, o Sindicato de Trabalhadores Mineiros iniciou a experiência com as rádios para veicular suas informações e organização. (BELTRÁN, 2011, 35). A popularidade e difusão do movimento foi tanta que, em menos de 10 anos, já se contabilizavam 23 emissoras mineiras. (BELTRÁN; REYES, 1993, P. 07)

No documentário *A voz de um povo* (2008), dirigido e produzido por Ben Hur Avelino Pereira e Ítalo Milhomem Santos Zikemura, Felix Salvatierra, presidente Sindicato aposentados de Llallaguna, discorre sobre esse momento de criação das rádios. “Como os trabalhadores estavam sofrendo uma exploração sobre-humana dos patrões, dos barões do estanho, nós vimos que seria conveniente termos um instrumento de defesa. E esse instrumento de defesa era a rádio ‘A voz de um mineiro’”.

De acordo com ele, a rádio orientava os ouvintes política, econômica e socialmente.

Essa era nossa defesa. Porque essa rádio-emissora era nosso instrumento, nossa arma nobre dos trabalhadores do sub solo, em especial dos mineradores deste distrito. Uma rádio orientadora, conscientizadora, que capacitava a todos os mineiros, porque era considerada uma escola política dos trabalhadores mineiros da Bolívia. (A VOZ DE UM POVO, 2008)

Dessa forma, vemos que as emissoras mineiras bolivianas foram criadas, pagas e operadas por membros do Sindicato. Como afirmam os pesquisadores Luis Ramiro Beltrán e Jaimes Reyes, o rádio começou a ser usado na Bolívia e Colômbia exatamente “para aliviar as necessidades dos estratos mais baixos da sociedade, os camponeses e obreiros.” (BELTRÁN e REYES 1993, p. 01, tradução da autora)

Como um meio de comunicação popular, as emissoras bolivianas eram auto-geridas e se configuraram como um local de expressão da classe subalterna. Como afirma Beltrán (2011, p. 35), as rádios mineiras deram para população a oportunidade de se expressarem, de exporem publicamente seus problemas, necessidades e até mesmo suas conquistas. Junto a isso, tinha também a valorização da cultura, com a veiculação de músicas de origens folclóricas. Para dar espaço para as pessoas, uma prática recorrente das rádios era a tática de microfone aberto:

Levaram os microfones ao mais profundo das minas e se moveram por lugares de encontro da população, como mercados, igrejas e ginásios de esporte, convidando a todos a falar o que quisessem. Qualquer um se sentia livre para visitar o estúdio e ir até o microfone, ainda que por motivações pessoais ou domésticas, como uma mulher denunciando as agressões que levava do marido. Por meio dessa prática de microfone aberto, as rádios mineiras permitiram as pessoas a mostrar seus desejos e sentimentos e exerciam pressão sobre a administração da corporação e das autoridades de governo de sua jurisdição (BELTRÁN e REYES, 1993, p.7, tradução da autora)

Comparado a outros meios de comunicação, o rádio se popularizou na região entre as classes sociais mais baixas por chegar a inúmeros lugares, diferenciando-se de outras mídias. Segundo Luis Ramiro Beltrán e Jaimes Reyes (1993, p. 04, tradução da autora), o rádio é exceção à regra, não apenas por ser o meio de comunicação mais persuasivo, “Como também porque alcança especialmente os estratos mais baixos da população, muito mais que todos os outros meios, incluindo os camponeses nativos, já que se adequa a sua tradição oral.”

De acordo com os pesquisadores, a maior parte dos bolivianos está limitada a padrões de comunicação interpessoal, especialmente os que não têm o espanhol como língua materna e vivem no campo.

Para a maioria dos meios massivos, financiados essencialmente pela publicidade, os que não estão no mercado não estão na audiência, como refletem claramente seus conteúdos. A comunicação massiva é um privilégio das minorias dominantes. O nascimento da rádio popular na Bolívia foi uma reação dos grupos populares contra essa injusta situação. (BELTRÁN; REYES, 1993, p. 05, tradução da autora)

Em um sentido mais amplo, as iniciativas proporcionam uma representação da história da América Latina com a comunicação popular. Para Luis Ramiro Beltrán, o rádio foi uma chave para luta pela democratização em todo território latino.

Esse resumo da situação do rádio na Bolívia pode ser representativo em algum grau da história latino-americana, no sentido de que é a região do mundo em desenvolvimento em que esse meio é ferramenta chave para luta pela democratização da comunicação e da sociedade. Pioneiros, como evidentemente foram os latino-americanos na prática e na teoria da comunicação alternativa em geral, são também adiantados no uso do rádio a serviço dos ideais de libertação da dominação interna e da dependência exterior. (BELTRÁN, 2011, p. 36)

A pesquisadora Teresa Flores Bedregal, no livro *Radio y Democracia en America Latina* (1989), conta a história das rádios dos mineiros bolivianos. Ela afirma que as rádios eram feitas coletivamente, as decisões eram tomadas em assembleias e os cargos poderiam ser reorganizados e revogados. Ou seja, caso a linha das rádios comesçasse a se afastar da ideologia dos trabalhadores mineiros, eles intervinham e reorganizavam as emissoras para que elas continuassem contemplando a classe trabalhadora. (BEDREGAL, 1989, p. 51)

Bedregal chama atenção para programação veiculada por elas, que tinha uma ligação profunda com a cultura andina, retomando características do campo e indígenas que não eram valorizadas pela mídia de massa, como a música e os idiomas nativos.

Suas programações eram compostas fundamentalmente por comunicados sindicais, músicas folclóricas e por algumas emissões em línguas nativas. A música autóctone faz sua incursão na radiofonia nacional, uma vez que antes havia sido depreciada pela oligarquia, por ser considerada de “índios”. (BEDREGAL, 1989, p. 43, tradução da autora)

Nesse sentido, os programas em língua quéchua e aimará eram importantes e os que se valiam do humor para realizar sátiras políticas foram muito populares, segundo a pesquisadora. Já os de caráter informativos eram os que recebiam maior atenção e eram tratados com mais cuidado: “Os informativos tinham mais importância, eram feitos com critérios mais exigentes e entraram em contato com rádios de prestígio de La Paz” (BEDREGAL, p. 45, tradução da autora)

Embora fosse possível identificar uma tendência nas programações das rádios, Bedregal afirma que havia diversidade de conteúdo e horas de transmissão, uma vez

que cada distrito tinha suas especificidades. “Havia distritos com mais de 15 empregados nas rádios, enquanto outros não passavam de 3 ou 4. No geral, transmitiam de 7 a 8 horas diárias. Começavam às 5 da manhã, hora em que o mineiro começa o trabalho.” (BEDREGAL, 1989, p. 54, tradução da autora)

Artesanais, as emissoras operavam entre 150 a 300 watts. (BEDREGAL, 1989, p. 42). As ondas curtas foram consideradas um dos grandes obstáculos de operação das rádios, por impedir uma clara recepção na zona a que elas se dirigiam, assim como a falta de recursos econômicos e capacitação pessoal dos funcionários em que nelas trabalhavam. (BEDREGAL, 1989, p. 56)

A partir de 1965 começam a ocorrer na Bolívia uma série de golpes militares que reprimem as rádios, com fechamento de sindicatos e confisco de equipamentos. (BEDREGAL, 1989, p. 45) Assim, como afirma Bedregal, o funcionamento delas passa a ser alternado, entre períodos de ausência de programações e períodos de atividade intensa. De qualquer modo, quando ocorriam os golpes, a veiculação de informação continuava até que as rádios fossem desativadas. Os mineiros se organizavam e forneciam informações para resistência da população. A mais emblemática foi após o golpe de 1980, encabeçado por Garcia Menza, governo que, como afirma Bedregal (1989, p. 46, tradução da autora), “ocupou militarmente as minas, massacrou e reprimiu milhares de trabalhadores mineiros. Essa ditadura invadiu todos os meios de comunicação do país.” Os mineiros, nessa perspectiva, já haviam organizado a “Cadeia da Democracia”. Com informações políticas e mobilizadoras, a cadeia era sintonizada e escutada de forma clandestina, pois o governo perseguia os que a ouviam e os ameaçavam com possibilidade de prisão. Assim, “a cadeia cumpriu a função de organizador de coletivo, impulsionou os comandos de resistência popular, a formação de comissões de bloqueio de caminhos, piquetes de vigilância, etc.” (BEDREGAL, 1989, p. 47, tradução da autora)

O pesquisador Alan O'Connor é autor do livro *Community Radio in Bolivia: The Miners' Radio Stations* (2004). Em seu artigo *The Miners' Radio Stations in Bolivia: A Culture of Resistance* (1990) ele faz um resumo e análise da experiência boliviana de radiodifusão. O'Connor explica que em tempos de calma na democracia e diminuição de conflitos, as rádios transmitiam assuntos relacionados à união dos mineiros e de seus membros e à cultura diária desses trabalhadores e de camponeses. Já em tempos de emergência, quando o país entrava nos sucessivos golpes militares,

as estações formaram uma rede de resistência contra as forças armadas. Nesse cenário, O'Connor (1990, p. 104, tradução da autora) expressa:

As decisões são tomadas em reuniões públicas e organizacionais, e permitem que líderes sindicais e membros, mulheres e estudantes, ofereçam conselhos, incentivos ou críticas. Finalmente, em tempos de controle militar, quando as estações são fechadas, elas se transformam em um foco de organização subterrânea, e as pessoas exigem o retorno das rádios ao ar.

Citando Lozada e Kuncar (1983; 1984)⁵, o autor afirma que o sucesso das rádios mineiras está relacionado ao senso de coletividade e à responsabilidade da cultura campesina, à predominância da cultura oral do povo andino e ao isolamento geográfico dos acampamentos mineiros. O mais importante, no entanto, segundo o pesquisador, foi a consciência que os mineiros tinham de seu papel para o país.

Foi a consciência dos mineiros de que tinham importância na economia nacional e o alto nível de consciência política. Seus sindicatos estavam envolvidos em tudo, desde os problemas do cotidiano até a política internacional, e as estações de rádio faziam parte desta cultura de resistência diária” (O'CONNOR p. 104, tradução da autora)

O livro *“Se me deixam falar...”: Testemunho de Domitila Barrios de Chungara, uma mulher da Bolívia - 25 anos depois* (2003) de Moema Viezzer, traz um emocionante depoimento de Domitila Chungara, uma mulher boliviana que se tornou uma importante líder do movimento mineiro.

Em seu depoimento, Domitila fala inúmeras vezes sobre acontecimentos que testificam a importância do rádio para os trabalhadores. Um deles é o massacre de São João, que aconteceu na Bolívia em 1967. Na ocasião, o exército boliviano invadiu uma festa junina no acampamento da mina Siglo XX e começou a disparar contra civis. Domitila conta que, durante o massacre, a sirene do sindicato começou a tocar para avisar as pessoas. Como ela só tocava em casos de emergência, os trabalhadores souberam que tinha algo errado “Então ela estava tocando e ligamos o rádio. E ouvimos que o exército estava atacando e que tínhamos que proteger nossas emissoras.” (VIZZER, 2003, p.144)

⁵ Lozada, Fernando e Kuncar, Gridvia. “Las Emisoras de Bolivia: Una Historica Experiencia de Comunicacion Autogestionaria.” In Fernando Reyes Matta (Ed.), *Comunicacion Alternativa y Bus quedas Democraticus*. Mexico City: ILET/Friedrich Ebea Stiftung, 1983, pp. 105-132
Lozada, Fernando e Kuncar, Gridvia. “Las Voces del Coraje: Radios Mineras de Bolivia.” *Chasqui*, April-June 1984, pp. 52-57.

No depoimento desse episódio, evidencia-se a relevância e centralidade do rádio para os mineiros e familiares, e como esse meio era a fonte de informação que tinham sobre acontecimentos. Ao ouvir o barulho, imediatamente as pessoas sabiam que, se quisessem ter informações sobre o que estava acontecendo, deveriam sintonizar o rádio nas rádios mineiras, pois era por elas que eram informadas.

Em outro momento do livro, quando aborda a realidade que vivia no ano de 1976, ela diz que os mineiros tinham três emissoras: A voz do mineiro, da mina Siglo XX, a 21 de Diciembre, de Catavi e a rádio Llallaguana, desse mesmo lugar. Então, Domitila começa a falar sobre a relação que os mineiros tinham com a rádio. Ela deixa claro a proximidade com os trabalhadores.

Nós a adquirimos com nossos esforços e sacrifícios e nós a mantemos. Os locutores são nossos e falam uma linguagem bem nossa, e nos informam de toda situação que o país vive. É a maneira que temos de informar-nos e comunicar-nos. Por isso, cuidamos delas com muita atenção. São bens da classe trabalhadora. E são muito importantes para saber no que nos atermos cada vez que acontece algo. (VIEZZER, 2003, p. 207)

Por ser uma forma de organização e expressão dos trabalhadores, ela conta que as rádios eram alvos das ações do exército e que os trabalhadores mineiros se organizavam para defendê-las, como anteriormente afirmado por O'Connor.

Por isso, cada vez que tem um problema, sempre procuramos defendê-las para que não se corte a comunicação entre nós. E sempre que o exército entra nas minas, o primeiro que ataca são as rádios, e nós lutamos para que elas sejam devolvidas. (VIEZZER, 2003, p. 207)

Para exemplificar essa defesa, Domitila relembra um episódio que aconteceu em 1974, quando o governo da Bolívia enviou cinco mil televisores na mina Siglo XX. Na época, só havia programas veiculados pelo governo na televisão, e como Domitila diz, “passando apenas a visão dos órgãos oficiais sobre a realidade.” (VIEZZER, 2003, p. 208). Como as rádios eram uma forma de resistência a essas informações, ela afirma que o governo fechou as emissoras.

O que temos são nossas rádios, e justamente para que não respondêssemos que dizia o governo, numa manhã de janeiro de 1975, veio o exército e destruiu nossas emissoras. Fizeram-nas em pedaços. Pedaços. Só de ver, dava raiva. Não deixaram um prego no lugar. E levaram tudo: rádios, aparelhos, música folclórica, música antiga, música moderna, gravações que tínhamos de nosso dirigentes... Levaram tudo. Prenderam, também, muita gente: trabalhadores da rádio, dirigentes e outros mais. (VIEZZER, 2003, p. 208)

O fechamento das emissoras mobilizou os trabalhadores, que declararam greve até que as rádios fossem devolvidas. O movimento foi muito grande, e o governo tentou inúmeras formas de quebrar a união e fazer outros acordos para que eles voltassem a trabalhar. Em certo momento, o governo chegou a cercar a mina Siglo XX com o exército para que ninguém saísse e recebesse comida. (VIZZER, 2003, p. 208). Não obstante, a opinião pública começou a ficar a favor dos mineiros e obrigou uma negociação. Esse movimento fez com que o governo devolvesse as rádios dois meses depois do fechamento, em primeiro de maio.

No documentário *A voz de um povo* (2008) Domitila explicita essa união entre rádios e trabalhadores.

As rádios não são uma coisa a parte, faziam parte da luta do movimento trabalhador. As rádios foram muito importantes para nossa informação. A rádio sempre foi importante na nossa vida. Pela informação. Através dela, nos inteirávamos de tudo o que estava acontecendo nos conflitos, foi nossa voz. Nós poderíamos comunicar, falarmos. (A VOZ DE UM POVO, 2008)

Dessa forma, tem-se que o movimento de comunicação popular encabeçado pelas rádios mineiras está estritamente ligado ao âmbito político do país. Elas foram importantes na promoção da consciência de classe entre os indivíduos da sociedade boliviana e da solidariedade entre membros da classe subalterna. De todas, a mais organizada estruturalmente e com alta qualidade, foi a rádio PIO XII, que será apresentada a seguir.

Rádio PIO XII

Em 1959, identificando a profusão das rádios mineiras e preocupado com os movimentos políticos na Bolívia, a Igreja Católica criou a Rádio Pio XII, na mina Siglo XX, com o objetivo de combater o alcoolismo, o comunismo e erradicar a solicoze, doença resultante da inalação da poeira da sílica que se fixa nos pulmões e afeta especialmente os mineiros. (BEDREGAL, 1989, p. 43). Bedregal afirma que a rádio tinha uma tecnologia superior às outras rádios.

Foi construída com uma infraestrutura superior a qualquer rádio de então, com os melhores equipamentos técnicos. Em 1960 operava com dois quilowatz de potencia, o que permitiu cobrir todos os distritos mineiros e contratar os melhores locutores do país. (BEDREGAL, 1989, p. 43)

A excelência de transmissão da PIO XII passou a significar uma grande concorrência com as rádios mineiras, que eram pequenas e simples. Teresa Flores Bedregal, (1989, p. 43) conta que a competição e luta cada vez mais forte entre as emissoras mineiras e a católica levou a uma verdadeira guerra.

O clímax do conflito ocorreu em quatro de julho de 1961, quando os mineiros dinamitaram a PIO XII. “Reunidos em assembleia, deram um prazo de quarenta e oito horas ao diretor da rádio, o padre Lino Grenier, para que deixasse o distrito. Assim terminou a página anticomunista da história da PIO XII” (BEDREGAL, 1989, p. 44, tradução da autora). Entretanto, depois de anos de convívio entre os padres e os trabalhadores, em 1964 começa a haver uma transformação na visão da Igreja Católica, que se aproximou dos discursos sociais dos trabalhadores mineiros. A partir de 1967, após uma manifestação de obreiros na mina Siglo XX ter sido brutalmente reprimida pelo regime militar, com rádios mineiras destruídas, e a PIO XII mudou radicalmente sua posição:

Haveria de ser o terrível massacre de San Juan, em junho de 67 que os levou a mudar radicalmente sua linha se converter em uma rádio mineira a mais. É precisamente nesses anos que se vê uma clara radicalização das rádios mineiras em um confronto frontal com os governos dessa época. (BEDREGAL, 1989, p. 44, tradução da autora).

Domitila Chungara, em seu depoimento, deixa explícita essa mudança de posicionamento da rádio PIO XII, que passa de perseguidora para aliada dos trabalhadores mineiros.

No princípio, como estava nas mãos de pessoas que tinham uma “missão especial” e que eram os padres que tinham uma formação especial, a PIO XII não cumpriu com seu papel. Como o Papa Pio XII ainda vivia e o vaticano havia dado ordens de combater o comunismo no mundo todo, então os sacerdotes, que vieram, faziam uma luta aberta contra o comunismo. E como na Siglo XX tínhamos dirigentes que declaravam abertamente que eram comunistas, então era uma luta constante contra os dirigentes, contra os sindicatos. Agora, faz alguns anos, está tudo diferente e a rádio PIO XII trabalha bastante a nosso favor. E se antes não molestavam os sacerdotes, agora os tratam igual a nós, os prendem e os expulsam do país. (VIEZZER, 2003, p. 207)

Com o declínio da produção de estanho a partir de 1980 e, conseqüentemente, o fechamento de minas, o movimento das rádios mineiras se viu cada vez mais enfraquecido. (BEDREGAL, 1989, p. 57) Muitas foram desativadas e outras mantidas com voluntariado e poucos trabalhadores. No entanto, as rádios mineiras são o grande

modelo de comunicação popular na América Latina e abriram um caminho de resistência na busca de uma comunicação mais participativa.

Cultura campesina em rádios comerciais e não comerciais

A revolução de 1952 na Bolívia teve consequências na estrutura econômica, social e política do país. A insurgência das rádios mineiras foi um dos grandes eventos impulsionados na época, período que também marcou uma maior valorização da cultura campesina. No livro *Radio e Democracia en América Latina* (1989), as pesquisadoras Magali Camacho de Vega e Sandra Aliaga Bruch afirmam que a Reforma Agrária ocorrida em 1953, que entregou terras aos campesinos, foi fundamental para a mudança de percepção da sociedade em relação aos habitantes da área rural, que passaram a ter mais visibilidade e espaço. “O habitante nativo da área rural aimará ou quéchua era pejorativamente chamado de índio. O processo revolucionário o transformou em “companheiro” e em “campesino”, ao que outorga um sentido de libertação e participação nacional.” (VEGA; BRUCH, 1989, p. 66, tradução da autora)

Com uma maior integração entre campo e cidade e ascensão da importância das culturas nativas, as pesquisadoras afirmam que programas nas línguas aimará e quéchua passaram a ser incorporados nas emissoras comerciais para atrair o público campesino. Antes, a programação era toda em castelhano. “Como vimos, o ressurgir do idioma e o valor musical das culturas aimará e quéchua influenciaram diretamente o mundo radial.” (VEGA; BRUCH, 1989, p. 72, tradução da autora)

As pesquisadoras apontam para algumas características dos programas feitos em idiomas nativos nas rádios. A principal delas diz respeito ao fato de eles não serem previamente escritos ou gravados, mas feitos ao vivo sem um *script* para ser seguido. Isso era devido ao fato de não haver a cultura escrita nos idiomas quéchua e aimará. Outra questão abordada por elas fala sobre a conotação política e social expressa na escolha dos idiomas a serem utilizados nos programas. “A adoção de um alfabeto ‘castelhanizante’ e de outro ‘quechuizante’ pode refletir políticas opostas, tanto do ponto de vista linguístico como social.” (VEGA; BRUCH, 1989, p. 73, tradução da autora)

Pensando nessa organização de programas radiofônicos voltados aos camponeses, Vega e Bruch afirmam que em 1978 surge a Asociación de Radialistas Nativos y Promotores de Espectáculos, composta principalmente por rádios comerciais. Em 1983 foi criado o Curso de Profesionalización de Comunicadores en Idiomas Nativos. Com duração de três anos em nível de Técnicos Superiores em Comunicação, o curso foi feito em aimará e quéchua. Um ano depois, em 1984, foi organizado o primeiro congresso nacional, em que a Asociación de Radialistas Nativos y Promotores de Espectáculos buscava se transformar em Asociación Nacional de Comunicadores y Radialistas en Idiomas Nativos. Vega e Bruch dizem que o caráter econômico comercial das emissoras não impedia os questionamentos sociais do grupo e apontam para o documento final⁶ do encontro, que afirmava a importância da comunicação a serviço dos movimentos populares.

O objetivo de nossa ação comunicacional é desenvolver e valorizar nossos valores culturais. A comunicação deve estar em função dos setores populares a fim de promover a participação ativa dos mesmos, culturas nativas e setores populares submetidos a exploração. Assim, de nosso ponto de vista, a participação das nações aimará, quéchua, tupiguaraní, no governo é um desejo legítimo. A história nos ensinou que os problemas estruturais do país não poderão ser solucionados sem a participação dos oprimidos, explorados e discriminados. (Documento final, apud. VEGA; BRUCH, 1989, p. 75, tradução da autora)

As iniciativas comerciais foram representativas para as culturas nativas, importantes para sua valorização, e também representaram um canal de expressão para esses bolivianos. Outra contribuição nesse aspecto foi de igual modo desenvolvida pela ERBOL, uma iniciativa não comercial de educação realizada por meio do rádio.

De acordo com Vega e Bruch, a ERBOL se transformou em um projeto que valorizou tanto a participação quanto o acesso da população aos meios de informação. Além de incentivar a alfabetização, promoveu a cultura e as línguas nativas, forneceu informações sobre saúde, história, tecnologia, artesanato, por exemplo. As emissoras da ERBOL tiveram tanto sucesso e se multiplicaram de tal forma que chegaram a representar 43% da potência em quilowatts do total de emissoras da Bolívia. (VEGA; BRUCH, 1989, p. 78)

⁶ Primer Congreso Nacional de Comunicadores y Radialistas en Idiomas Nativos de Bolivia. Documento final. La Paz, Bolivia. Jul. 1984.

Luís Ramiro Beltrán (2011, p. 36) explica que a ERBOL foi inspirada na iniciativa educacional colombiana das Escolas Radiofônicas, que usou o meio como ferramenta de alfabetização. Entre a segunda metade da década de 1950 e primeira metade da década de 1960, a Igreja Católica abriu na Bolívia as primeiras emissoras bilíngues destinadas aos camponeses. A primeira delas, *Rádio Peñas*, atuava na alfabetização e educação cristã. A programação da rádio não tinha a intenção de promoção de um conteúdo político, tampouco de transformação social, e não havia participação ativa da sociedade na manutenção e elaboração da programação. “Enfatizava a alfabetização em espanhol junto com a doutrinação católica, recorrendo tanto ao espanhol como ao aimará. Não cogitou outro tipo de necessidade de sua audiência nativa nem promoveu seus valores culturais.” (BELTRÁN; REYES, 1993, p. 08)

Entretanto, essa finalidade aos poucos foi se modificando. Em 1967 foi criada a Escola Radiofônicas Bolivianas (ERBOL) que, posteriormente, mudou o nome para Educación Radiofônicas Boliviana. O modelo se desenvolveu e passou a apresentar uma proposta mais próxima ao campesinato e de promoção popular. (BELTRÁN, 2011, p. 36)

Assim, de um projeto que surge limitado à alfabetização, as rádios filiadas a ERBOL tiveram gradativamente seu foco de ação ampliado e passaram a representar um espaço de voz e representatividade de culturas antes pouco valorizadas, dando espaço para aimarás, quéchuas e tupi-guaranis se auto expressarem. Dessa forma, vemos que o rádio se configurou como uma mídia muito importante na Bolívia. Para entender melhor especificamente o porquê obteve tanto êxito no país, iremos retomar às características já abordadas que fazem da rádio um meio de comunicação acessível à população, analisando especificamente as características da penetração, do baixo custo de produção e da oralidade.

2.5.1 Características do rádio e seu favorecimento na Bolívia

A geografia da Bolívia⁷ é dividida em diferentes áreas e altitudes, com regiões montanhosas e de difícil acesso, colocando a população em áreas fragmentadas e isoladas. Nesse sentido, a penetração do rádio faz com que o seu funcionamento atinja locais distantes dos grandes centros políticos, como o campo boliviano, e informe os habitantes da região, o que não acontece com a mídia massiva.

Nessa perspectiva, a pesquisadora Teresa Flores Bedregal, anteriormente citada, no livro *Radio y Democracia en America Latina* (1989), afirma que as rádios mineiras bolivianas foram também uma forma de quebrar o isolamento das pessoas que viviam no campo, um ambiente “incomunicável”, exatamente por causa da penetração e alcance até regiões distantes.

Precisamente em um país que se caracteriza por sua incomunicação, pela falta de integração, estradas e transporte, com um extenso território de pouca densidade, onde a estratificação social e as enormes diferenças étnicas e culturais impossibilitam um diálogo intercultural e o intercâmbio de mensagens, surgem as rádios mineras para romper esse silêncio e isolamento. (BEDREGAL, 1989, p. 19. 41, tradução da autora)

Além de seu alcance nacional e amplo, o rádio também desenvolve a característica do regionalismo, como apontado por Ortriwano, o que no país significou inúmeras iniciativas radiofônicas no interior, voltada a grupos étnicos, trabalhadores e ao folclore, como anteriormente apresentado.

Pensando nas regiões interioranas, as programações pelo equipamento veiculadas pode ser acessada sem a necessidade de energia elétrica, quando o rádio funciona por meio da pilha. Isso é especialmente importante quando pensamos que

⁷ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA DA BOLÍVIA. 2015. **Estadísticas Sociales – Línea de pobreza**. Disponível em: <<http://www.ine.gob.bo/index.php/pobreza-desarrollo/introduccion-2>> Acesso em: 17 jul. 2017.

UNICEF. **Panorama de la situación de la niñez y adolescencia indígena en América Latina: Bolivia** El derecho a la educación y a la protección en Bolivia, Unicef, Panamá, dez. 2014. Disponível em: <[https://www.unicef.org/lac/UNICEF_LAC_Sit-indigena_Bolivia_dic2014\(1\).pdf](https://www.unicef.org/lac/UNICEF_LAC_Sit-indigena_Bolivia_dic2014(1).pdf)> Acesso em: 08 jan. 2018

MINISTERIO DE EDUCACIÓN BOLIVIANO. **Bolivia reafirma y celebra su condición de Estado Libre de analfabetismo con una tasa del 2,8%**. Bolívia, 20 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.minedu.gob.bo/index.php/noticias/998-266-benianos-concluyen-la-primaria-gracias-a-la-post-alfabetizacion>> Acesso em: 17 jul. 2017.

PNDU. Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Bolivia sube un puesto en el ranking mundial de Desarrollo Humano**. Disponível em: <<http://idh.pnud.bo/article/bolivia-sube-un-puesto-en-el-ranking-mundial-de-desarrollo-humano>> Acesso em: 08 jan. 2018

historicamente regiões afastadas dos centros urbanos, como o campo, não têm acesso à energia elétrica ou não tinham no passado.

Junto com a facilidade de não necessitar de energia e alcançar regiões distantes, o baixo custo também é uma característica importante do rádio na Bolívia. Por ter seus equipamentos simplificados, custo diluído, o meio é socialmente mais acessível, o que é importante principalmente para comunidades que subsistem em um alto nível de pobreza, como, por exemplo, é o caso do campo boliviano. O país tem um dos menores IDHs da América Latina, com quase 40% da população vivendo na linha da pobreza, percentagem que aumenta na área rural e chega a 55%, segundo dados do Instituto Nacional de Estadística da Bolívia (2017).

Dentre as características mencionadas, talvez seja a oralidade uma das mais emblemáticas, sendo muito proeminente na região da Bolívia, por ser ligada à ancestralidade dos povos andinos. A pesquisadora Daniela Cristiane Ota (2017)⁸ afirma que embora a oralidade seja importante na América Latina de modo genéricos, para os bolivianos a transmissão do conhecimento por meio da fala é o que ainda mantém a perpetuação da cultura local, uma vez que os registros e a veiculação midiática são focados na espetacularização da identidade andina e em generalizações. “A cultura andina, o cerne dela, a sua manutenção, o que é resguardado e preservado, é por meio da oralidade. Ela é muito ligada à afetividade”, diz (informação verbal). Segundo ela, ainda hoje o rádio é valorizado no país pela sua proximidade com as culturas locais: “Nas cidades pequenas, distantes ou de fronteira, as rádios são presentes e preocupadas com o local, com valorização de movimentos sociais e articulação social.” (2017, informação verbal).

O pesquisador Danilo Borges Dias afirma em sua dissertação de mestrado, *Mídia, imigração e identidade(s): as rádios bolivianas de São Paulo* (2010), que foram exatamente as tradições orais que facilitaram e fortaleceram a instalação do rádio na América do Sul, especialmente na região andina, onde a cultura e a socialização são principalmente mantidas por meio da fala. O pesquisador cita Gumúrcio (1996)⁹ para explicar que a valorização da oralidade é decorrente de questões econômicas, sociais e culturais:

⁸ OTA, Daniela Cristiane. Entrevista concedida a Susana Berbert. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. 02 jun. 2017.

⁹ GUMÚCIO, Mariano Baptista. **Breve história de Bolívia**. La Paz: Editora Fondo de Cultura, 1996.

Para ele [Gumúrcio], os aspectos culturais dessa questão estão relacionados com as escolhas de muitas etnias de repetirem a forma de vida de seus antepassados, preservando costumes e crenças que refletem uma perspectiva racional capaz de explicar o mundo de uma maneira própria e lógica. Os aspectos sociais e econômicos ressaltados pelo autor fazem referência às desigualdades de acesso aos meios educacionais formais nas regiões mais pobres da Bolívia que mantém muitas pessoas à margem das questões de letramento e escolarização. (DIAS, 2010, p. 142)

É importante ressaltar que, na época em que foram escritos os estudos de Gumúrcio, 1996, o analfabetismo era grande no país andino. Entretanto, a questão foi erradicada em 2014 após a implantação do projeto de alfabetização cubano “YoSíPuedo”, em 2006. Os números do Ministerio de Educación Boliviano (2016) mostram que em 2001 a taxa de analfabetismo do país era de 13,28% e em 2016 ela chegou apenas até 2,8%.

Dessa forma, pela tradição oral dos povos da Bolívia e devido às questões sociais e geográficas, o rádio historicamente desempenha um papel de destaque no país, principalmente em relação aos estratos mais baixos da população, trabalhadores mineiros, campesinos e seus descendentes, moradores oriundos de regiões interioranas que, como apontaremos a seguir, representam a principal parcela de imigrantes bolivianos que chegam a São Paulo para trabalhar em oficinas de costura, ambiente em que o rádio é reproduzido em todo dia de trabalho, que varia de 12 a 16 horas.

3. EMISSORAS DE RÁDIO PARA IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

“As investigações sobre a comunicação popular implicam a necessidade de a teoria abarcar os processos no contexto mais amplo em que se realizam, ou seja, devem ir além do estudo do meio comunicativo em si mesmo, de um jornal, por exemplo, pois a dinâmica social na qual este se insere é que vai lhe dar significado.” (PERUZZO, 1998, p.114)

O objetivo deste capítulo é contextualizar a imigração boliviana no Brasil e demonstrar como esse povo vizinho se estabelece em um novo contexto de vida, na região metropolitana de São Paulo, e como na capital desenvolvem seus canais de comunicação, especificamente as rádios, apontando para os diversos papéis desempenhados por essas emissoras no dia a dia dos trabalhadores das oficinas de costura.

Entender como essa imigração se dá e como esses imigrantes se estabelecem no território brasileiro, compreendendo o dia a dia nas oficinas de costura e o ofício desempenhado pelos bolivianos, é importante para contextualizar o papel do rádio nessa nova realidade. Assim, além da bibliografia apresentada, neste capítulo também recuperamos e desenvolvemos conhecimentos apresentados no livro *Bienvenidos - História de bolivianos escravizados em São Paulo*, publicado pela editora Moinhos (2018) e fruto de uma pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso do

Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Após o contexto da imigração e vida no Brasil, o capítulo apresenta uma revisão bibliográfica sobre as emissoras de rádio voltadas para bolivianos na cidade de São Paulo, mostrando, por meio dela, os diversos papéis assumidos pelas rádios dentro dessa coletividade, como o da informação, por meio do radiojornalismo, do entretenimento e de prestação de serviço.

3.1 Da chegada dos Bolivianos ao Brasil: a relação entre o rádio e as máquinas de costura

O pesquisador Sidney Antônio da Silva, no livro *Costurando sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo* (1997), afirma que os primeiros registros da entrada de imigrantes bolivianos no Brasil são da década de 1950, quando jovens estudantes e profissionais liberais chegaram ao país com o objetivo de estudar nas universidades brasileiras, fixar residência, além de buscar melhores oportunidades de trabalho. Os motivos da imigração nesse primeiro momento incluíam também perseguições ideológicas ocorridas durante a Revolução de 52 e posteriores golpes militares. Essa imigração faria parte de um acordo bilateral entre os países, de cooperação científica, econômica e social. Apesar de ter começado nos anos 1950, Silva (1997) diz que foi apenas após a segunda metade de 1980 que a chegada de mais habitantes do país andino aumentou. Nesse período, o ingresso no país passou a ser marcado por uma busca de ascensão econômica, com inúmeros bolivianos sem qualificação profissional que vieram em migração laboral e ocuparam principalmente o lugar de mão de obra barata em pequenas oficinas têxteis. Esse mercado foi anteriormente dominado por judeus e na década de 1970 passou a ser controlado por coreanos.

O ramo de costura chama inúmeros trabalhadores, porque promete rápido enriquecimento e um futuro melhor do que o possível na Bolívia. Essas promessas são feitas por redes de relacionamentos, até familiares, por trabalhadores que já residem

no Brasil, e também por aliciadores, muitos bolivianos, que agem em importantes cidades bolivianas, como El Alto, La Paz e Santa Cruz de La Sierra.

Destaca-se uma ativa rede de contratação e aliciamento de mão-de-obra para este setor do mercado de trabalho, pois aqueles que já estão estabelecidos na cidade estimulam a vinda de outros compatriotas, com promessas de que em São Paulo é possível ganhar muito dinheiro trabalhando como costureiro. (SILVA, 2005, p. 19)

Como afirma Sidney Antônio Silva, as ofertas de emprego e a mudança para o Brasil chamam muitas pessoas que já haviam passado pela migração interna do campo em direção às cidades da Bolívia, mas que ainda vivem em condições de pobreza. “Parte destes imigrantes antes de chegar ao Brasil já havia passado por um processo de migração interna, ou seja, em direção a alguns centros urbanos mais importantes, entre eles La Paz, Chochabamba, e Santa Cruz de La Sierra.” (SILVA, 2005, p. 15). Ou seja, percebe-se que os imigrantes que chegam ao Brasil são em grande parte camponeses, descendentes de camponeses e indígenas, indivíduos oriundos de regiões interioranas do país e de classes historicamente identificadas como subalternas, que, como vimos no capítulo anterior ao estudar o rádio na América Latina e Bolívia, têm sua cultura ligada à oralidade e proximidade com o rádio, por meio, por exemplo, das rádios mineiras e rádios com iniciativas voltadas à cultura do campo. Muitos desses imigrantes nasceram em locais interioranos da Bolívia, ambiente em que o rádio popular no país principalmente se desenvolveu.

Hoje, o perfil dos imigrantes que entram no território brasileiro é misto, equilibrado entre homens e mulheres, invariavelmente com pouco estudo, como apontado, mas que nutrem o sonho de melhorarem de vida. Os pesquisadores Iara Rolnik Xavier, e Renato Cymbalista, no artigo *A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade*. (2007), explicitam as características dos imigrantes bolivianos. De acordo com eles:

Os imigrantes que chegam da Bolívia (em sua maioria jovens) têm, em geral, um perfil de baixa qualificação profissional, de escolaridade média e variação de gênero equilibrada entre o sexo masculino e feminino. Trata-se de uma migração voltada para o trabalho (migração laboral) e para um ramo bastante específico da costura, no universo da indústria do vestuário. (CYMBALISTA; XAVIER, 2007, p. 24)

No caminho da imigração, a rota mais utilizada para entrar no Brasil é por meio da cidade de Corumbá, no Mato Grosso, que faz fronteira com a cidade

boliviana de Puerto Quijarro, no departamento de Santa Cruz de La Sierra. A entrada dos imigrantes é autorizada com a apresentação do documento de identidade e eles recebem um carimbo com um visto de turista, que tem validade de 90 dias. Completados três meses, tornam-se irregulares caso não procurem os órgãos competentes para atualizar sua situação. (BERBERT, 2018, p. 55). Com o acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul, desde 2009 os bolivianos passaram a ter entrada livre no Brasil. Antes, era necessário que apresentassem um passaporte válido. Assim, quem não possuía o documento tinha que realizar a imigração de forma irregular, a pé ou por meio de carro clandestinos em locais onde o controle era menor ou que até tinham a passagem facilitada. Um desses locais é a Ponte da Amizade, que liga o Paraguai ao Brasil. A imigração de trabalhadores também é muitas vezes agilizada pela atuação coiotes, responsáveis por ir até a Bolívia em busca de costureiros para contratantes no Brasil. (SILVA, 2005, p. 17)

Após quase 70 anos do início da imigração de bolivianos ao Brasil, estima-se que hoje existam mais de 150 mil bolivianos na capital paulista. Não existe um consenso oficial entre entidades que contabilizam o número de imigrantes, uma vez que há muitos que vivem de forma irregular. Há grupos que falam em quase 300 mil bolivianos na cidade. Segundo estimativas do Ministério do Trabalho, em São Paulo e cidades vizinhas há um total de 11 mil oficinas de costura, onde eles trabalham. Esses dados foram obtidos por meio das matérias escritas pelos repórteres Carlos Juliano Barros, Flávia Mantovani e Elvis Pereira, respectivamente nos meios de comunicação Repórter Brasil, G1 e Folha de S. Paulo, listados nas referências bibliográficas.

Quando chegam a São Paulo, a maioria dos bolivianos se concentra nas regiões centrais da cidade, como nos bairros Bom Retiro, Brás, Pari, e também Vila Maria e Vila Guilherme, onde também ficam a maioria das oficinas. (SILVA, 2005, p. 16) O centro de São Paulo, especificamente o Brás, é conhecido pelo comércio e pela venda de roupas. Invariavelmente o dono da oficina é um boliviano. Ele trabalha ou para coreanos e brasileiros que vendem o produto final em suas lojas, ou costura para empresas que são intermediárias entre os donos das oficinas e grandes marcas de roupas. (SILVA, 2005, p. 20)

Para manter uma alta produtividade, Sidney Antônio da Silva (2005, p. 21) explica que as jornadas nas oficinas de costura são longas e se iniciam tão cedo

quanto podem, normalmente às seis da manhã. Os trabalhadores produzem por três turnos em locais abafados e com pouca iluminação, onde também muitas vezes dormem. Apenas às dez da noite a atividade de costura dos bolivianos se finda, totalizando dezesseis horas.

O salário é pago de acordo com a produção individual. Dessa forma, depende da quantidade de peças que o costureiro produz por mês. Esse valor também varia de acordo com a complexidade da peça e, geralmente, fica em torno de 10% do recebido pelo patrão (SILVA, 2005, p. 20). Dessa forma o dono da oficina recebe hipoteticamente dois reais para entregar determinada blusa, o costureiro embolsará vinte centavos para costurá-la. Os imigrantes também não têm nenhum direito trabalhista. Como apontado por Sidney Antônio da Silva, (2005, p. 20): “os trabalhadores nesse sistema de produção não gozam de nenhum direito garantido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) permanecendo, portanto, vulneráveis aos altos e baixos do mercado e à ganância de seus empregadores”.

Em muitos casos, a condição de trabalho atinge níveis precários inaceitáveis. Os empregados podem ser controlados pelos patrões com ameaças de serem entregues para Polícia Federal e também podem ter seus documentos confiscados. Os salários podem ser retidos e a liberdade de ir e vir do trabalhador pode ser cerceada. Quando isso acontece, os bolivianos são inseridos na “escravidão moderna”.

Tal regime de controle consiste em reter os salários, bem como em cercear-lhes a liberdade de ir e vir, já que muitos deles encontram-se indocumentados no país. Vale notar, contudo, que esse tipo de relação trabalhista não é uma prática exclusiva de empregadores bolivianos, mas é igualmente constatada entre oficionistas de outras nacionalidades, inclusive nas de brasileiros, que se dedicam ao ramo da costura” (SILVA, 2005, p. 22)

Dessa forma, pensando na carga de trabalho e nas relações de abuso que em alguns casos são desenvolvidas dentro das oficinas de costura, muitos dos trabalhadores ao chegarem ao Brasil não têm conhecimento da realidade que os espera e encontram uma perspectiva de vida diferente daquela que havia sido prometida pelos empregadores. Como apontado, enfrentam jornadas exaustivas de trabalho, em ambientes insalubres e com alimentação insuficiente, como afirmam os pesquisadores Maria Cristina Cacciamali e Flávio Antonio Gomes de Azevedo, no artigo *Entre o Tráfico Humano e a Opção da Mobilidade Social: os Imigrantes Bolivianos na Cidade de São Paulo* (2006, p. 137):

A atividade é clandestina, de modo que o trabalhador costura em um ambiente inadequado, em galpões sem janelas ou porões respirando o pó gerado pela grande quantidade de tecido que será transformado em peças. Ele vive no mesmo local dormindo sobre um colchonete, que estende atrás de sua máquina de costura, em uma situação abaixo de condições mínimas, sem refeitório e um banheiro coletivo.

Por muitos adentrarem ao país sem ter uma concepção real do trabalho que realizarão e em que condições esse trabalho se dá, em muitos casos a imigração de bolivianos pode estar inserida no sistema de tráfico humano. Como expressa Cacciamali e Azevedo:

O tráfico humano ocorre quando há uma motivação da vítima para emigrar, podendo ser a busca da mobilidade social devido ao desemprego, por exemplo, ou a fuga de perseguição política, problemas policiais, familiares outros. Por outro lado, é necessária a presença de intermediários, recrutadores, agentes, empreendedores e até de redes do crime organizado, que por um lado agem no imaginário das vítimas, contribuindo para a formação de suas expectativas positivas para emigrar, e por outro, conduzem-nas ao local de destino. (AZEVEDO, CACCIAMALI, 2006, p. 131).

Nesse cenário produtivo que envolve os bolivianos no Brasil, as relações entre os costureiros e os donos das oficinas podem ser familiares e de compadrio. Essas relações criam um vínculo entre eles, em que a servidão por dívida passa a ser comum. O boliviano começa a trabalhar sem receber para quitar as despesas que o empregador teve com sua viagem ao Brasil ou porque acredita que deve um “favor” ao patrão, pois este o deu a oportunidade de vir até o país. “O trabalhador só vai receber o dinheiro pelo seu trabalho quando for embora pelo término do vínculo ou devido a uma emergência, por exemplo, um problema de família.” (AZEVEDO; CACCIAMALI, 2006, p. 137)

Quando o trabalho é abusivo, os patrões também podem controlar o trabalhador por meio do “Truck System”. Nesse sistema, o uso do salário pelo costureiro é limitado, sendo ele induzido ou coagido a comprar ou usar bens essenciais fornecidos pelo próprio empregador.

As jornadas exaustivas de trabalho e o pagamento feito por peça em um valor irrisório, colocam esse modelo produtivo no sistema chamado de “Sweating System”. Nesse modelo, a cadeia produtiva é dividida em microempresas que fazem concorrência entre si. Essa concorrência é acirrada, fazendo com que haja uma diminuição do valor do trabalho e o surgimento de condições degradantes. A

contratação dessas microempresas é feita baseada no menor preço encontrado para o pagamento por peça, no prazo de entrega das encomendas e na capacidade de produção. Dessa forma, o sistema produtivo que envolve os bolivianos os deixa praticamente sem opções. Caso o costureiro ou donos de oficina não aceitem o pagamento oferecido pelo contratante, outras oficinas e trabalhadores estarão dispostos a executar a tarefa. Como afirma Renato Bignami, auditor fiscal do trabalho especialista em escravidão moderna, no artigo *Trabalho escravo contemporâneo: o sweating system no contexto brasileiro como expressão do trabalho escravo urbano* (2011, p. 07):

A produção está toda fracionada em uma cadeia de pequenas e microempresas que concorrem entre si mesmas, derrubando o valor do trabalho e ocasionando as péssimas condições no ambiente laboral. Cada célula de produção é responsável pela manufatura de uma parte da peça. A subcontratação advinda dessa relação é estabelecida em virtude do menor preço e a contratação se faz na base da peça produzida e por prazo de entrega. Essa lógica vai descendo nas camadas sociais, segundo o nível de terceirização, até chegar ao obreiro, que também absorve, completamente, o sistema de produção, trabalhando e ganhando por peça e competindo com seus pares por mais trabalho e, conseqüentemente, mais dinheiro.

As oficinas de costura se configuram como um local não apenas de trabalho dos bolivianos, mas de desenvolvimento de relações que mudam e afetam de forma profunda suas vidas. É nessas oficinas que os imigrantes costuram, moram, e passam a maior parte de seus dias, vivendo entre os seus e tendo pouco contato com os cidadãos brasileiros. É nelas que dia a dia eles alimentam o sonho de uma vida melhor e um futuro vitorioso, ao mesmo tempo que em muitas delas inúmeros trabalhadores vivem sob um regime pesado e opressivo de trabalho.

Dentro desse ambiente, além do barulho das máquinas, outro som se sobressai e chama atenção: invariavelmente há sempre um rádio ligado em uma estação boliviana. A presença do meio é reafirmada em inúmeros estudos sobre imigrantes bolivianos em São Paulo, como veremos, e também por autoridades que estão diariamente em contato com eles. O auditor fiscal do trabalho, Luís Alexandre de Faria (2017)¹⁰, é responsável por realizar as fiscalizações em oficinas de costura. Luís afirma que em todas as fiscalizações que realiza sempre há uma rádio boliviana sendo ouvida.

¹⁰ FARIA, Luís Alexandre de. Entrevista concedida a Susana Berbert. Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em São Paulo, São Paulo. 28 mar. 2017.

Está sempre tocando um rádio. Percebemos que a radio tem um papel do lado de lá, na Bolívia, que é o de oferecer oportunidades de trabalho no Brasil, mas também tem um papel do lado de cá, com o viés religioso, cultural. E o volume é ensurdecedor. (Informação verbal)

Interessa-nos agora, a partir de uma revisão bibliográfica, apresentar a importância desse meio de comunicação nas oficinas de costura.

3.2 Referências bibliográficas sobre o papel das emissoras de rádios para bolivianos na Capital Paulista

A pesquisa para elaboração desta revisão bibliográfica foi realizada utilizando plataformas digitais à procura de palavras-chave, com buscas realizadas pelo Google Acadêmico, e pesquisas nas bibliotecas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A partir dessa primeira etapa, foram elencados trabalhos acadêmicos que abordassem o tema de rádios bolivianas. Com a seleção, as pesquisas foram lidas para a compreensão de seus conteúdos, realizando uma separação de informações, dados e citações de acordo com a relevância para o tema. A busca trouxe como destaque pesquisas oriundas de três universidades: Universidade de São Paulo - USP, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Universidade de Brasília – UnB. Além disso, foram encontrados artigos oriundos de revistas e anais de eventos acadêmicos, como a Interface - Comunicação, Saúde, Educação; o Cadernos Metrópole; o Informe GEPEC; a Iluminuras; a Revista Comunicação e Sociedade; Lua Nova: Revista de Cultura e Política.

Como veremos a seguir, no ambiente de labor, as oficinas, esses homens e mulheres são expostos à programação radiofônica durante todo dia de trabalho, das seis da manhã às dez da noite, sendo ela, para muitos, o principal meio de informação e entretenimento. É por meio dele que os bolivianos se informam, criam grupos, pontos de contato, rememoram a cultura de origem e se organizam na capital.

Nos estudos pioneiros sobre os imigrantes bolivianos no Brasil, a presença do rádio no dia a dia dessa comunidade já era destacada. **Sidney Antônio da Silva**, pesquisador já mencionado, apresenta um extenso estudo sobre a imigração do grupo ao Brasil e sua organização no país de chegada. O foco do estudo de Silva é antropológico, voltado à cultura, economia, imigração. Seu primeiro trabalho sobre o tema foi sua dissertação de mestrado em Antropologia pela Universidade de São Paulo, em 1995, que foi publicada em livro *Costurando sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo* (1997). Desde então, Silva continuou trazendo inúmeras contribuições sobre o tema.

Em seu estudo, Silva caminha sobre vários temas: realidade socioeconômica boliviana, imigração ao Brasil, realidade produtiva dos imigrantes, escravidão moderna, estratégias de mobilidade sociais e econômicas desenvolvidas pelos imigrantes, cultura, entre outros. Ao falar sobre o dia a dia de trabalho, Silva explicita o quão difícil é a realidade pelos bolivianos enfrentada no Brasil e menciona o papel das rádios nesse contexto de vida.

Nessa abordagem, Silva (1995, p. 123) aponta que as rádios direcionadas aos bolivianos atuam nas oficinas, e diariamente na vida desses imigrantes e trabalhadores, como agentes amenizadores do ofício de costura:

Para amenizar este dia-a-dia embrutecedor em que o trabalho acaba —adestrandol os seus corpos, tornando-os dóceis e submissos ao ritmo da máquina, a música contínua em alto volume, em geral música boliviana, cumpre a função de recriar nos mesmos a ilusão de que o retorno vitorioso à pátria está muito próximo. (SILVA, 1995, p.23)

Em seu livro publicado posteriormente, *Imigrantes bolivianos no Brasil: a presença da cultura andina* (2005), o autor volta a mencionar o rádio como um canal de escape, em que o boliviano irá ouvi-lo para fazer com que sua realidade não seja tão pesada:

E, para tornar um pouco mais amena esta árdua tarefa [a de trabalhar], um aparelho de som tocando algum CD de música boliviana, ou simplesmente sintonizado em algum programa voltado para a comunidade hispânica, exerce um papel importante (SILVA, 2005, p. 21).

Na concepção de Silva, podemos dizer que as rádios, conscientemente ou não, exercem um papel alienante, fazendo com que o boliviano se distraia de sua vida

factual e permaneça focado em seu trabalho sem questioná-lo e sem pensar nos obstáculos e dificuldades que enfrenta. É como se as programações, as músicas, a presença desse meio de comunicação tivessem um efeito analgésico, fazendo com que a vida nas oficinas seja mais possível. É interessante perceber a correspondência que Silva faz com o ouvir o rádio e a ilusão que um retorno vitorioso à Bolívia está próximo. A associação entre essas duas questões – rádio e retorno à Bolívia – no imaginário do boliviano, explicita que o rádio não está apenas inserido no contexto de chegada desses imigrantes, o Brasil, mas que ele exerce um papel importante desde a Bolívia, mostrando a familiaridade que esses imigrantes possuem com o meio desde antes de imigrarem. Assim, há um peso emocional e saudosista que o meio de comunicação exerce, sendo para eles um “lembrete” sobre o país de origem.

O pesquisador **Danilo Borges Dias** apresenta, em sua dissertação de mestrado *Mídia, imigração e identidade (s): as rádios bolivianas de São Paulo* (2010), uma vasta pesquisa que passa pelos processos migratórios realizados pelos bolivianos pelo mundo, até o início do fluxo para o Brasil, e aborda a importância do rádio na nova configuração espacial em que estão inseridos como imigrantes. Sua pesquisa se atém nas interfaces existentes entre mídia, imigração e identidade, intermediadas pelas rádios para bolivianos em São Paulo. Por meio de sua pesquisa, Dias procura entender como as rádios atuam no processo recriação de identidades e nas manifestações culturais dos imigrantes radicados no mercado de confecção e costura. A primeira hipótese supõe que as rádios têm um papel importante na questão cultural e identitária, promovendo programações específicas e tematizadas para os seus ouvintes. A segunda considera que essas programações compõem comunidades bolivianas específicas que, por sua vez, estão dentro de uma coletividade boliviana mais ampla. Assim, a ideia de Dias é entender como essas rádios representam os diversos enclaves culturais e étnicos dentro da coletividade maior boliviana, demonstrando se há uma pluralidade de abordagens, conteúdos, músicas, línguas, e como elas atuam também na construção dessas comunidades.

Dias afirma que as rádios são meios quase que “onipresentes” no dia a dia desses imigrantes, só não estando ligadas quando os bolivianos não têm acesso ao meio. “O rádio só não funciona enquanto os costureiros estão dormindo ou fora da oficina de trabalho, revelando como a mídia tem um papel de destaque nos dias dos imigrantes bolivianos em São Paulo”. (DIAS, 2010, p. 135)

Segundo o pesquisador, aparelhos televisivos, smartphones, acesso à internet, e disponibilidade de aparatos tecnológicos não fazem parte do dia a dia de muitos desses trabalhadores. Os bolivianos chegam ao país sem recursos financeiros e vivem reclusos em suas comunidades locais. Nelas, o rádio, que é ligado nas oficinas quando os trabalhadores começam a realizar os primeiros afazeres da manhã e desligado apenas quando eles se retiram para dormir, desempenha um papel central: é a forma de obtenção de informações sobre os acontecimentos que cercam o grupo migratório em São Paulo, notícias sobre o país de origem, e fonte de cultura, prestação de serviço e entretenimento.

Para os bolivianos radicados em São Paulo, principalmente os trabalhadores no mercado de confecção e costura, o rádio é a mídia de maior expressão e adesão dentro das oficinas de costura, capaz de atingir um número relevante de pessoas que compartilham afinidades, perspectivas de mundo e realidades parelhas (DIAS, 2010, p. 234)

De acordo com Dias, as rádios para bolivianos em São Paulo surgem com o objetivo de se reorganizarem perante o sistema midiático dominante brasileiro, apresentando diferentes conteúdos para essa população e abordagens opostas aos dos meios de comunicação brasileiros. Nesse sentido, o autor afirma que a discussão sobre a legalidade dessas rádios deve ser sobreposta pelo papel efetivo que elas desempenham na vida dos imigrantes, sendo uma comunicação de minorias.

Podemos afirmar que as rádios bolivianas de São Paulo atendem aos anseios comunicacionais das comunidades de São Paulo, uma vez que estes mesmos anseios não são satisfeitos minimamente nas rádios de comunicação massiva e de cunho comercial que alcançam os bairros nos quais os imigrantes bolivianos trabalham. (DIAS, 2010, p. 199)

O conteúdo veiculado pelas rádios é o mais diverso, como questões relacionadas à regularização, saúde, informações sobre o consumo de álcool, ofertas de emprego em diferentes oficinas, programas religiosos, e, também, programações ligadas às manifestações culturais desses imigrantes na capital, como o anúncio das festas bolivianas. O papel das festas é muito importante, uma vez que resgata a cultura desses imigrantes. Cultura, esta, fortalecida pelo próprio hábito de ouvir rádio e pelos laços que esse meio ajuda a criar e aproximar dentro da coletividade boliviana.

As rádios e os radialistas se transformaram em instrumentos-chave da construção do que é festejar e cultivar a religião, enquanto um componente cultural, para os imigrantes bolivianos trabalhadores do mercado de confecção e costura de São Paulo. Pelos diversos bairros da capital, essas rádios e esses radialistas tornam-se espaços de construção e reconstrução

da cultura marcados pelo significado do que é ser imigrante em um contexto marcado por comunidades bolivianas inseridas dentro de uma coletividade maior. (DIAS, 2010, p. 169)

Mais adiante, em sua pesquisa, Dias reforça mais uma vez o papel simbólico das rádios e dos radialistas para os bolivianos. Pela importância que esse meio detém, o pesquisador afirma que além de promover diversas facetas da cultura boliviana, o próprio rádio e os radialistas se transformam em itens de valor cultural para a comunidade de imigrantes.

Os radialistas e as rádios são uma espécie de patrimônio cultural dos bolivianos em São Paulo. Simbolicamente, eles ultrapassam a questão da locução pura e simples. Muito além dos interesses, quaisquer que sejam eles, há legitimidade para falar às suas comunidades. Podem acusa-los de qualquer coisa, menos de dizer que não têm nada a ver com a realidade dos imigrantes radicados na Capital. (DIAS, 2010, p. 205)

Em sua pesquisa, Dias realiza uma série de questionários com bolivianos em São Paulo sobre as rádios. Na pergunta número 7, *Antes de sair da Bolívia escutava rádio com frequência diária?* 100% das pessoas respondem afirmativamente, ou seja, ouviam rádio todos os dias na Bolívia (DIAS, 2010, p. 82). Esse resultado aponta exatamente para a proximidade que os bolivianos que chegam ao Brasil têm com o meio, desde o país de origem, fruto de uma cultura voltada ao uso do rádio pelas camadas populares. Essa afinidade com o meio, portanto, é trazida ao país de chegada quando os imigrantes passam a desenvolver seus próprios canais de comunicação, sendo manifesta e visível nas rádios para bolivianos que existem na cidade de São Paulo.

Dias conclui que as rádios bolivianas atendem às necessidades comunicacionais da comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo e que, além de representarem a pluralidade cultural desses imigrantes, contribuem também para a construção de comunidades específicas em torno de interesses em comum, como, por exemplo, por meio da veiculação de suas expressões religiosas, demonstrada de forma clara em programas evangélicos.

No geral, para os ouvintes, o rádio significa uma forma de encontro com seu igual, uma forma de se remeter e relembrar uma vida que foi vivida ainda na Terra Natal, mas também significa um agente capaz e necessário para repensar essa mesma vida em outro país, em outra cultura, em um local no qual exista a re-significação do que venha a ser boliviano, paceño ou cochabambino. Já para os radialistas, as funções das rádios giram, basicamente, em torno do agrupamento temático de pessoas (perspectiva fundante das comunidades) na tentativa de responder a demandas

específicas dentro da coletividade (caso dos evangélicos, por exemplo) (DIAS, 2010, p. 234)

Dentro da abordagem, além de responderem às necessidades dos imigrantes, o pesquisador afirma que as rádios também se configuram como um instrumento de poder dentro da coletividade de imigrantes, pois todos estão cientes da relevância do veículo de comunicação no dia a dia dos bolivianos. A questão 27: *Você acha que a rádio que você ouve atende mais às necessidades de quem?* (DIAS, 2010, p. 70), realizada por Danilo, mostra que 43% dos 96 entrevistados responderam que atendem às necessidades dos donos das oficinas e dos ouvintes, 38% apenas ouvintes e 19% atendem apenas às necessidades dos donos das oficinas. Como afirma Dias:

[...] Percebemos que as rádios são um verdadeiro instrumento de poder dentro do mundo boliviano de São Paulo. A eficiência e alcance do rádio torna-o fonte de disputas com interesses setorizados, muitas vezes, não muito claros ou subentendidos nas falas dos radialistas e dos ouvintes (DIAS, 2010, p. 234)

Dias proporciona uma importante compreensão da influência desempenhada por esse meio de comunicação entre os bolivianos residentes em São Paulo, especificamente os que trabalham com a atividade de costura. A pesquisa de Dias demonstra que as rádios estão profundamente conectadas com os anseios da população boliviana e a atende de forma adequada. Seus apontamentos afirmam que as programações influenciam a comunidade de bolivianos no Brasil e significam para eles um meio de socialização, além de transmitirem conteúdos específicos para grupos diferentes e contribuir para aglutinação de comunidades.

Para nós, seu trabalho é fundamental, uma vez que testifica a penetração e influência desse meio de comunicação para os bolivianos, reafirmando, dessa forma, a relevância de nossa proposta de estudo voltada ao tema, que se concentra naqueles que fazem com que as rádios sejam possíveis: os comunicadores .

A pesquisadora **Patrícia Tavares de Freitas** estudou a migração boliviana vinculada à indústria de confecção nas cidades de São Paulo e Buenos Aires. Em sua dissertação de mestrado *Imigração e Experiência Social: o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo* (2009), a pesquisadora aborda as origens históricas do circuito de subcontratação transnacional de bolivianos para o trabalho em oficinas de costura informais e a experiência social boliviana efetiva no interior desse circuito na cidade de São Paulo. Na pesquisa, Freitas afirma que mesmo

após um tempo no novo local de vida, esses imigrantes mantêm laços com o país de origem. A manutenção da relação dos bolivianos com a Bolívia ocorre principalmente em alguns locais específicos na capital paulista, onde elementos da cultura boliviana são encontrados de forma mais evidente, como, por exemplo, na praça Kantuta ou na rua Coimbra. Dentro desses “espaços” em que a cultura boliviana resiste, a pesquisadora também chama atenção para as rádios para bolivianos, que trazem para o ouvinte elementos da Bolívia e de sua cultura.

De maneira mais imediata, a manutenção, mesmo que simbólica, dos laços desses imigrantes, ligados ao trabalho na costura, com a Bolívia, constata-se, por exemplo, na presença marcante de elementos da cultura boliviana em seus locais de sociabilidade na cidade de São Paulo – não apenas graças à venda de produtos e comidas típicas, mas também, por exemplo, no som de fundo – em alto-falantes na Rua Coimbra, aos sábados e domingos e, na Praça Kantuta, aos domingos – das rádios piratas bolivianas na cidade, que possuem uma programação toda falada em espanhol (FREITAS, 2009, p. 53)

Em seu artigo *Imigração Boliviana Para São Paulo E Setor De Confecção – Em Busca De Um Paradigma Analítico Alternativo* (2011), em dado momento, Freitas aborda a criação de espaços bolivianos na cidade que emergem a partir da atividade das oficinas de costura. Nessa concepção, os bolivianos deixam de ser apenas força de trabalho e se transformam também em pequenos empreendedores, que visam ser donos de oficinas e recrutam força de trabalho. É entorno das oficinas que novas oportunidades começam a surgir, com novos empreendimentos. Freitas cita a criação de estabelecimentos comerciais, serviços de telefonia e transporte próprios, consolidação de espaços de lazer como as praças, e, também, cita a criação das rádios para bolivianos como um desses empreendimentos: “[...] a formação de rádios piratas que transmitem programas em espanhol e em aimará com informações sobre serviços – de saúde, educação e lazer – e questões relativas ao trabalho nas oficinas de costura.” (FREITAS, 2011, p. 227)

Na abordagem de Freitas, as rádios aparecem como “espaços” de manutenção da cultura para os bolivianos radicados em São Paulo e como empreendimentos que florescem em torno da principal atividade laboral que desempenham, a de costura. É importante perceber que, embora as rádios não tenham um espaço físico como ponto de encontro para esses imigrantes, como as praças, as ruas, os locais de festividade, elas ocupam um espaço simbólico no dia a dia desses imigrantes e fazem com que eles se sintam acolhidos, em casa e parte de um grupo maior.

A pesquisadora **Giovanna Modé Magalhães**, em sua dissertação de mestrado, *Do direito humano à educação: Um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo* (2010), estuda como os imigrantes bolivianos em São Paulo têm acesso à educação e se esse direito está ao alcance dessa população. Ao tratar do tema de lazer, sobre rotas culturais e espaços de cultura para os bolivianos em São Paulo, a pesquisadora cita a peculiaridade do alcance das rádios bolivianas entre eles. Ela afirma que as rádios não são regularizadas perante o Ministério das Comunicações e, portanto, se escondem do poder público, sendo constantemente denunciadas e obrigadas a mudar de localização e frequência do dial.

Segundo relato de um dos dirigentes de uma dessas rádios, estas são denunciadas ora por emissoras vizinhas (no caso de brasileiros, que perceberam interferência em seu sinal), ora pelos próprios compatriotas que competem pela audiência. Portanto abrem, fecham e reabrem, por vezes em outros lugares, com outro nome e em outra frequência do dial. (MAGALHÃES, 2010, p. 55)

Magalhães conta que visitou uma das rádios, cujo lugar de funcionamento era um pequeno quarto dentro de uma oficina, com isolamento acústico feito com caixas de ovos. Ela também faz menção às programações – feitas às vezes em línguas nativas, com notícias sobre saúde, regularização, documentos - e sobre a possibilidade de as programações serem ouvidas como uma atividade de segundo plano, enquanto os costureiros fazem o trabalho, o que não acontece com outros meios, como a televisão.

[As rádios] Tocam músicas em espanhol, primeira língua dessas emissoras, e por vezes transmitem mensagens em quechua e aimará. As programações mesclam serviços úteis à comunidade – notícias sobre regularização, documentos, postos de saúde, entre outros – com anúncios de comerciantes voltados ao ouvinte: dentista para bolivianos, máquinas de costura em oferta, empregos, classificados, anúncios de restaurantes. É interessante perceber que, enquanto costuram, os imigrantes escutam essas emissoras, pois podem fazê-lo simultaneamente ao trabalho, diferentemente da televisão por exemplo. (MAGALHÃES, 2010, p. 56)

Magalhães chama atenção para a situação de clandestinidade e invisibilidade que as rádios enfrentam, condição essa muito similar ao de inúmeros imigrantes bolivianos em São Paulo. Além disso, a pesquisadora também apresenta alguns temas que compõem os conteúdos oferecidos pelas emissoras, o que nos fornece pista do serviço prestado pelas rádios à comunidade. A pesquisa de Magalhães também mostra

uma das razões para o rádio ser uma mídia viável na oficina, pois ele pode ser ouvido como atividade de segundo plano.

A pesquisadora **Iara Rolnik Xavier**, tratou em sua dissertação *Projeto migratório e espaço: Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo* (2010) a lógica da inserção socioterritorial dos migrantes bolivianos residentes na Região Metropolitana da capital paulista. Nessa abordagem, as rádios são apresentadas como recursos urbanos da região central da cidade que valorizam o espaço. Segundo a pesquisadora, em entrevistas, como a da boliviana Rosário, foi notado que os imigrantes bolivianos usam as rádios para obter informações e como um apoio, fazendo com que eles se conectem à comunidade boliviana mais ampla e não se sintam sozinhos.

A rádio, que escuta para saber informações sobre como tomar providências para a regularização de sua estadia no Brasil, por exemplo, nos parece servir também como uma voz amiga, reconfortante, que faz com que não se sinta sozinha na cidade, uma vez que coloca no ar bolivianos falando uns aos outros sobre como é morar em São Paulo. (XAVIER, 2010, p. 177)

Rosário, uma das entrevistadas pela pesquisadora, disse não conseguir emprego em oficinas de costura onde possa morar e trabalhar ao mesmo tempo por ter dois filhos, pois para os patrões isso significa mais pessoas no espaço. No entanto, esse impedimento de trabalhar e morar no mesmo lugar é compensado para a boliviana por poder viver no centro, em um local onde as rádios funcionam.

A compensação à essa impossibilidade se concretiza em poder estar num lugar de concentração de “capital urbano”, simbolizado pela sintonia do rádio. “Se querem te pegar, te levam pra São Miguel, Santo André (...). Fica ruim para fazer os trâmites daqui, lá não pega a rádio boliviana para você saber o que vai precisar quando você quer fazer documentos. Longe não pega, perto de aqui pega” (...). (...) “lá a gente fica desinformado. (XAVIER, 2010, p. 177)

A frase “lá não pega rádio boliviana para você saber o que vai precisar quando você quer fazer documentos”, dita pela entrevistada, evidencia um papel importante do meio, o de prestação de serviços à comunidade boliviana e o de delimitar espaços de convivência e ditar áreas importantes da cidade para o grupo migratório.

No artigo *A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade*. (2012), a pesquisadora mais uma vez fala da importância do rádio para esses imigrantes. Xavier explica que a região central de São Paulo é

articuladora de densidade e variedade de oportunidades para os bolivianos que chegam. Além disso, o espaço é um local de transição na cidade, principalmente quando os imigrantes acabam de imigrar. A pesquisadora também afirma que a região central de São Paulo proporciona a independência de muitos dos trabalhadores, pois apresenta uma série de recursos urbanos e sociais. “É possível manter-se por conta própria, tornar-se independente da família, viabilizar projetos mais autônomos, depender menos de outras pessoas a não ser de si mesmo, ainda que se mantendo de uma forma mais precária.” (XAVIER, 2012, p. 136)

No entanto, não são apenas os recursos materiais que fazem a região ser atrativa para o imigrante – como os mencionados, além de transporte, metrô e ônibus, por exemplo -, mas também recursos simbólicos, como as rádios. Ao observar a relação do imigrante boliviano com o espaço, a pesquisadora afirma que o desenho da centralidade em muitos casos é traçado pelas ondas de rádio. Para exemplificar, ela conta novamente a história da imigrante Rosário:

Em uma das entrevistas ficou claro na fala de uma boliviana recém-separada que vive em São Paulo com dois filhos que, sair do centro, significa não poder mais escutar a rádio boliviana – cujo alcance é circunscrito às áreas centrais da cidade – que a mantém informada e conectada a uma série de redes. Nesse caso temos o desenho desta centralidade– e tudo o que aqui a atribuímos de significado – traçado por ondas de rádio. Esse exemplo deixa claro que para aqueles que tem menos recursos materiais e sociais fazem maior uso da infraestrutura material e simbólica existente neste espaço. (XAVIER, 2012, p. 137)

Esses apontamentos encontrados no trabalho de Xavier nos mostram que as rádios são tão importantes para esses imigrantes que aparecem efetivamente como um capital urbano para eles, desenhando a centralidade da cidade e podendo ser um fator de preferência por locais de moradia. Além disso, os ajuda com informações referentes à vida no Brasil, regularização, e atua como meio reconfortante.

No trabalho *"La mano costura, pero es la boca quien habla" : narrativas de fugas e repetições bolivianas na cidade de São Paulo* (2011), o pesquisador **Rafael Simões Lasevitz**, faz um estudo de espaços e tempos dos imigrantes bolivianos em São Paulo. Em sua pesquisa, Lasevitz aponta especificamente para três espaço-temporalidades desses imigrantes: “as semanas de trabalho – em geral, em uma das várias oficinas de costura da cidade – os sábados de feira na Rua Coimbra, e os domingos de feira e festividades na Praça Kantuta” (LASEVITZ, 2011, p. 07). Dentro dessa temática, Lasevitz chama atenção em sua pesquisa sobre a conversa que teve

com um peruano que havia trabalhado muito tempo com bolivianos em oficinas de costura a respeito da presença da rádio no dia a dia da oficina: “O Leo me falava da importância do rádio nas oficinas de costura, principalmente quando foi trabalhar em uma oficina boliviana. Lá o rádio ficava ligado permanentemente.” (LASEVITZ, 2011, p. 84). Assim, dentro das oficinas de costura, o pesquisador chama atenção para uma função dupla da rádio: seu papel de pautar assuntos e gerar conversas no ambiente de trabalho e de abafar o barulho ensurdecedor das máquinas de costura.

A ideia era usar o rádio para invisibilizar a oficina, frequentemente clandestina, tática que invariavelmente saía pela culatra, posto que para isso, o volume do aparelho de som tinha que ser colocado no limite e acabava por chamar a atenção da vizinhança de um jeito ou de outro. De qualquer forma, era notável o quanto essa situação de clandestinidade, seja por falta de documentos dos trabalhadores, seja por condições de trabalho irregulares, levava bolivianos, peruanos e paraguaios – mas principalmente, bolivianos, maioria neste grupo – a jogar com essa relação entre o estar visível e o não estar. As barreiras podem ser espaciais (portas fechadas, janelas, paredes, muros), materiais (ruas escuras, e até prédios abandonados em casos extremos), sonoras (novamente, o rádio), e temporais (as muitas horas do dia, e os muitos dias da semana) (LASEVITZ, 2011, p. 84)

Lasevitz mais uma vez aborda a questão no artigo *Máquinas de costura e máquinas de escape: três narrativas de fuga e a criação de um espaço-tempo boliviano em São Paulo*. (2014), em que, além de reafirmar certa onipresença do rádio no ambiente de trabalho dos imigrantes bolivianos, aponta para o tipo de programação veiculada ao público:

A pauta das rádios é sempre mais ou menos a mesma, intercalando músicas bolivianas e peruanas com informes para a comunidade a respeito de eventos sociais, questões de documentação, e notícias da imprensa andina. (LASEVITZ, 2014, p. 146)

Os apontamentos de Lasevitz evidenciam, mais uma vez, a presença das rádios no cotidiano dos costureiros. Além do papel informativo que as emissoras podem oferecer aos ouvintes, Lasevitz nos mostra outras funções que elas aparentam desempenhar dentro das oficinas de costura: o de gerar assunto entre os trabalhadores, mas também de abafar o barulho das máquinas e ocultar o ofício desempenhado na residência.

A pesquisadora **Marcia Ernani de Aguiar** apresenta em sua dissertação de mestrado *Tecnologias e cuidado em saúde: a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o caso do imigrante boliviano e coreano no bairro do Bom Retiro - SP* (2013) uma

análise da interação entre o Programa Saúde da Família e os imigrantes. A pesquisadora, com base na pesquisa de Iara Rolnik Xavier, disserta em seu estudo sobre o papel desempenhado pelas rádios na centralidade da cidade. Na região central é onde fica localizado o bairro Bom Retiro, que faz parte de seu estudo.

Portanto, o centro é um espaço onde há uma concentração de recursos urbanos materiais, mas também simbólicos (imateriais), como o acesso a rádios bolivianas, que não podem ser sintonizadas fora de um determinado e limitado perímetro. Esse meio de comunicação é identificado pelos imigrantes bolivianos como um modo de diminuir as distâncias; de ouvir depoimentos de bolivianos sobre sua experiência na cidade de São Paulo; e também de obter informações sobre a regularização de sua estadia no Brasil. (AGUIAR, 2013, p. 83)

A pesquisadora reafirma a presença do rádio nas oficinas e menciona os diferentes tipos de informações veiculadas pelo meio, que orientam os ouvintes sobre documentos para regularização no Brasil, auxiliam no encontro de familiares e amigos e veiculam ofertas de emprego. Além disso, as rádios também desempenham um papel fundamental na prestação de serviço sobre saúde aos imigrantes. Aguiar aponta que a relevância do meio de comunicação na comunidade boliviana é tamanha que foi detectada pelas Equipes da Estratégia de Saúde da Família.

As rádios também falam sobre saúde, sobretudo alertando para o perigo da tuberculose, e fazem propaganda de ungentos e pomadas para dores de coluna e câibras, corriqueiras entre eles. Sendo assim, a Equipe da Estratégia de Saúde da Família reconhece a relevância desse veículo e utiliza-o como canal de comunicação com essa comunidade; (AGUIAR, 2013, p. 219)

O artigo *Falta um Jorge: a saúde na política municipal para migrantes de São Paulo* (2016), de **Isadora Steffens e Jameson Martins**, também aborda os desafios da saúde pública frente ao grande número de migrantes na capital paulista. Ao apontar iniciativas para incluir estrangeiros no atendimento, pois muitos não estão cientes de seus direitos e não entendem bem o português, os autores utilizam como exemplo positivo o uso dos meios de comunicação criados pela própria comunidade imigrante, como as rádios: “como o demonstra a utilização das rádios bolivianas da Zona Central como difusoras de informação sobre saúde.” (STEFFENS; MARTINS, 2016, p. 280). Os pesquisadores citam, também, uma ação especial da Estratégia Saúde da Família que contratou um boliviano chamado Jorge para intermediar a relação com a comunidade boliviana. Essa ação resultou num aumento da procura dos serviços

oferecidos pela UBS do Bom Retiro e na conscientização sobre o direito ao acesso à saúde por parte dos bolivianos:

Então ele fez uma parceria com uma rádio local e começou a falar na rádio sobre o que era a Unidade Básica de Saúde Bom Retiro, o que se fazia, dava [sic] vacina nas crianças, que cuidava do pré-natal das mulheres grávidas [...]. Com o trabalho do seu Jorge as portas começaram a ser abertas e hoje na UBS Bom Retiro, por exemplo, é quase inexistente um lugar em que as pessoas não sejam atendidas pela saúde pública, porque fizemos essa parceria de ter um trabalhador boliviano. (STEFFENS; MARTINS, 2016, p. 284)

Nos apontamentos, tanto de Aguiar quanto nos de Steffens e Martins, notabiliza-se mais uma vez o papel de prestação de serviço também desempenhado pelo meio. No último caso, notamos ainda a familiaridade do boliviano Jorge com o rádio. Nesse sentido, por ter consciência da relevância da mídia para o grupo migratório do qual faz parte, ele sabia que o rádio era o canal mais apropriado para falar com seus conterrâneos e fez uso dessa ferramenta para chegar até eles.

Assim, o papel central do rádio entre o grupo migratório é reconhecido e reafirmado pelas pesquisas relacionadas a ele, como observado nos trabalhos acima, que demonstram a influência e penetração do meio entre os bolivianos residentes na capital paulista. Retomamos a seguir os principais pontos:

Sidney Antônio Silva, por debruçar-se sobre a imigração boliviana no Brasil e sobre as relações produtivas que envolvem o grupo, apresenta uma função social do meio, principalmente como um amenizador do ofício desempenhado pelo boliviano. O pesquisador descreve a rotina dos costureiros como extenuantes, iniciando-se às seis da manhã e se findando às dez da noite. As 16 horas de costura diárias acontecem no mesmo ambiente de morada dos bolivianos, que são locais pouco arejados, pouco iluminados e sem conforto. Para ele, nesse cenário, o rádio tem o papel de transportar o costureiro para outra realidade, tornando o seu trabalho uma tarefa mais fácil de ser realizada.

Danilo Borges Dias traz inúmeras contribuições para a compreensão da importância desse meio de comunicação entre os imigrantes bolivianos no que se refere às questões sociais, culturais, identitárias e de relações de poder. Por meio dele vemos que as rádios aglutinam pessoas em torno de interesse em comum e refletem de certa forma a pluralidade cultural desses imigrantes na capital paulista.

Patrícia Tavares de Freitas também concentra-se na imigração e no trabalho nas oficinas de costura, mas salienta o rádio como sendo um canal que o boliviano

encontra para se relacionar com o país de origem e uma forma de negócio dentro de São Paulo.

Rafael Simões Lasevitz apresenta o papel informativo do meio, mas também destaca outra utilidade das rádios: o fato de abafar o som das máquinas de costura dentro das oficinas. Já a abordagem de Giovanna Modé Magalhães contribui ao falar sobre a condição de irregularidade de muitas rádios perante a legislação brasileira. Ela também aborda o papel de destaque das rádios dentro das oficinas, apontando assuntos por elas transmitidos. Magalhães também traz o fato de que ouvir rádio é uma atividade de segundo plano para os trabalhadores bolivianos, que pode ser realizada junto à costura, sem prejuízo à execução do trabalho, o que não se repete em outros meios de comunicação, como a televisão.

A pesquisadora Iara Rolnik Xavier revela a questão da territorialidade ao relacionar o alcance das ondas de rádio com a região de morada dos bolivianos. Ou seja, segundo a pesquisadora, os ouvintes gostam de viver em locais onde o rádio pode ser ouvido com melhor qualidade. Assim como Xavier, Marcia Ernani de Aguiar também chama atenção para o ambiente de circulação dos bolivianos, marcado pelo alcance das rádios, para a centralidade do meio e sua importância como um capital social. A pesquisadora também aponta para o papel de prestador de serviço do rádio, o que também é demonstrado por Isadora Steffens e Jameson Martins, principalmente em assuntos voltados à saúde. Steffens e Martins demonstram a importância do canal como fonte de informação para a comunidade boliviana. Nesse aspecto, eles ressaltam a familiaridade dos próprios imigrantes com o rádio e a consciência de que o meio é importante para eles, mostrando como essa ferramenta comunicacional foi utilizada pelo boliviano Jorge para alcançar indivíduos de seu grupo migratório e os incluir no atendimento da Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro.

Esses autores auxiliam na compreensão da interferência das rádios na comunidade boliviana, apontando as emissoras como mantenedoras de laços e contatos existentes, além de atuarem como mediadoras entre indivíduos dentro do grupo migratório. As rádios se apresentam como fonte de informação, prestação de serviço e entretenimento.

3.3 Rádios para bolivianos no Brasil e as Rádios Livres, Comunitárias e Web Rádios

Por surgirem em situações de irregularidade perante a Legislação Brasileira de Telecomunicações, as rádios para bolivianos foram chamadas pejorativamente de piratas. Nesse sentido, é importante abordar o surgimento das emissoras de rádio sem concessão pública, e como os bolivianos articulam sua comunicação dentro dessa realidade.

Dentro do contexto de emergência da Comunicação Popular, tratado no capítulo anterior, surgem as **rádios livres**, emissoras que ocupam um espaço no dial sem concessão pública, que podem ser articuladas por qualquer grupo que deseje se manifestar, mas se sinta excluído da atuação da mídia hegemônica.

A explosão dessas iniciativas ocorreu em meados 1968, na Europa, em um contexto de contestação e de grande mudança social, que formou o movimento que ficou conhecido como Maio de 68. Segundo o professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, Luiz Fernando Santoro, isso ocorreu porque a desmobilização ocasionada pelos meios de comunicação de massa na época foi supervalorizada por muitas pessoas, em detrimento de fatores políticos e sociais, o que acabou pesando sobre as mídias de massa a acusação de serem os grandes responsáveis pelo fracasso das greves na época. Assim, aparecem as rádios livres. “Surgiram, a partir de então, verdadeiros ‘militantes das ondas’, jovens que se propunham a trabalhar no domínio do rádio e que, em sua maioria, agrupavam-se em torno de organizações políticas.” (SANTORO, 1981, p. 99)

No Brasil, as rádios livres efervesceram entre as décadas de setenta e oitenta, em um momento do país marcado pela concentração e monopólio dos canais de comunicação, durante a ditadura militar, como afirma a pesquisadora Cicília M. Krohling Peruzzo (1998, p. 03): “O regime militar estava em vigor e os meios de comunicação de massa estavam, de forma predominante, nas mãos de pessoas ou grupos privilegiados com a concessão de canais, por decisão unilateral do Poder Executivo Federal.” Como conta Peruzzo, no país, as iniciativas foram lideradas por jovens que queriam se inserir na emissão radiofônica e expressar diferentes culturas.

A pioneira foi a Rádio Paranoica, no Espírito Santo, em 1970, comandada por dois irmãos de 15 e 16 anos que abriram a emissora pela simples vontade de fazer

rádio. Em Sorocaba, em 1976, foi presenciado um movimento de rádios livres que levou à existência de cerca de 40 rádios no início da década de 1980, cuja precursora foi a Rádio Spectro. Em 1985 foi criada na cidade de São Paulo a cooperativa dos Rádios-Amantes, formada por inúmeras emissoras que contestavam a centralização dos meios de comunicação (PERUZZO, 1998, p. 03).

No geral, as iniciativas não se restringiam à política, mas apresentaram uma importante forma de resistência. Como expressa Peruzzo, mesmo que algumas das rádios livres tenham se originado sem grandes objetivos políticos, elas contribuem para discussão sobre a estrutura anti-democrática dos meios de comunicação no Brasil. “[...] são, no conjunto, um protesto contra a forma de acesso aos instrumentos massivos e uma tentativa de conquistar a liberdade de expressão a qualquer preço.” (PERUZZO, 1998, p. 05)

Foi a partir e dentro dessas experiências de rádio livre que, em meados de 1990, começaram a aparecer no Brasil as chamadas Rádios Comunitárias. Elas foram resultado da reelaboração do sistema midiático, nas rádios livres, e também herdeiras do sistema comunicacional de autofalantes.

A rádio livre que começou com transmissões isoladas e feitas por jovens, sem nem mesmo possuir as menores pretensões políticas de esquerda, foi apropriada por grupos comunitários que colocaram a tecnologia em benefício das lutas coletivas populares, ou seja, no Brasil surgem também as emissoras livres no âmbito de movimentos sociais. (PERUZZO, 2009, p. 03)

Dentro desse corpo de rádios livres, as rádios comunitárias se diferenciam por apresentar as características da comunicação comunitária e se distanciam da programação das rádios comerciais. Antes, são iniciativas sem fins lucrativos, comprometidas com a comunidade local, garantindo a ela o acesso e a participação dos cidadãos em sua elaboração (PERUZZO, 2007, p. 05). Ou seja, a liberdade de expressão é assegurada no direito de expressão, no direito de receber informações, mas também de participar ativamente nos canais de comunicação. Por resistirem fora do âmbito legal, as rádios livres e muitas comunitárias passam por um processo de criminalização. São entendidas como “piratas”, nomenclatura pejorativa atribuída às iniciativas.

Para que houvesse uma certa regularização das iniciativas comunitárias, em 19 de fevereiro de 1998, na década em que as rádios comunitárias floresciam no país e durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, foi promulgada a Lei 9.612/98,

que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil, que oficializa as Rádios Comunitárias.

Há algumas orientações na lei que contribuem para uma uniformidade nas rádios comunitárias, preservando características positivas desse modo de comunicação. O artigo 3º aponta para aspectos e finalidades da rádio comunitária, como o:

Atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade; oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social; prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário; contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente; permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível. (BRASIL, Lei 9.612, 1998)

Já o artigo 4º sinaliza princípios que devem ser observados nas programações das emissoras comunitárias. São eles:

preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade; promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida; não discriminação de raça, religião, sexo, preferências sexuais, convicções político-ideológico-partidárias e condição social nas relações comunitárias. (BRASIL, Lei 9.612, 1998)

O artigo também afirma que

as programações opinativas e informativas observarão os princípios da pluralidade de opinião e de versão simultâneas em matérias polêmicas, divulgando, sempre, as diferentes interpretações relativas aos fatos noticiados” e que “qualquer cidadão da comunidade beneficiada terá direito a emitir opiniões sobre quaisquer assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar ideias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações. (BRASIL, Lei 9.612, 1998)

Apesar dessas definições, a lei 9.612/98 também contém delimitações prejudiciais à regularização das rádios comunitárias, fazendo com que muitas se encontrem em condições de “ilegais” pelas dificuldades impostas pela legislação e lentidão do processo.

A lei define Serviço de Radiodifusão Comunitária, a radiodifusão sonora feita em frequência modulada (FM), operada em baixa potência e cobertura restrita, que seja outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço. A potência deve ser limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura da antena não pode ser superior a trinta metros. A lei também

delimita um único e específico canal na faixa de frequência em nível nacional e veda a transmissão em redes. Não há para as rádios comunitárias proteção contra eventuais interferências causadas por emissoras de quaisquer Serviços de Telecomunicações e Radiodifusão regularmente instaladas. Não é permitido que sejam inseridos anúncios publicitários, a não ser patrocínio sob a forma de apoio cultural para os programas, desde que restritos aos estabelecimentos situados na área da comunidade atendida pela rádio.

Evidencia-se por meio do exposto que a legislação para o funcionamento de uma rádio comunitária é difícil e implica em impedimentos para regularização de muitas emissoras, não proporcionando efetivamente o direito ao acesso à comunicação por parte de inúmeros grupos. Além das exigências, a lei obedece ao disposto no art. 223 da Constituição “Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal” e ao Código Brasileiro de Telecomunicações, lei nº 4.117/ 1962. As emissoras que não operam sob autorização estão sujeitas a punições severas. (PERUZZO, 2009)

Como forma de continuarem no ar e serem relevantes na região em que operam, muitas rádios têm utilizado a internet para propagação de seus conteúdos, com as **Web Rádios**.

Citando Prata (2008)¹¹, A Enciclopédia da Intercom de Comunicação, volume I, (2010, p. 1229) apresenta a definição de Web Rádio como “emissora radiofônica que pode ser acessada através de um endereço eletrônico na internet e não mais por uma frequência sintonizada em um aparelho receptor de ondas hertzianas”

A partir dos anos 2000 a internet começa a se popularizar e, com ela, iniciativas comunicacionais emergem ainda mais na rede digital. O rádio não fica de fora e emissoras no dial passam a organizar suas programações também on-line e outras aparecem exclusivamente pela internet. Essas dão origem ao modelo conhecido como Web Rádios, que apresentam novas vantagens para o exercício da comunicação popular.

¹¹ PRATA, Nair. Web radio: novos gêneros, novas formas de interação. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 31º Congresso Brasileiro de Comunicação. Natal, 5 set. 2008. 15f. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora.

As Web Rádios não se diferenciam das rádios tradicionais exatamente pelos seus conteúdos, mas pelo canal utilizado para transmiti-los, que passa a ser a internet. Por meio dela, as emissoras encontram diferentes formas de organização de conteúdo, distribuição e disponibilização da produção ao público. É possível que os áudios sejam distribuídos em fluxo contínuo, pelo *streaming* e, também, os ouvintes podem ter a possibilidade de realizar *download* dos conteúdos produzidos e ouvir posteriormente, pelos *podcasts* (FERNANDES, 2014, p. 79). Além disso, por ter uma página na internet para veiculação dos programas, as rádios passam a ter a possibilidade de adicionar textos, imagens e vídeos junto às matérias em áudio, ampliando o conteúdo e formatos utilizados.

Dentro da luta por espaço e acesso aos meios comunicacionais, a Web Rádio é vantajosa pois não necessita de muito investimento em equipamentos para ser viabilizada, como a rádio no dial, o que a torna ainda mais econômica. Não é preciso antena para transmissão, por exemplo, apenas computador e serviço de streaming. Como aponta a Enciclopédia Intercom de Comunicação, (2010, p. 1229) “por ser uma iniciativa relativamente recente, não há legislação específica para controlar o surgimento e a atuação de web rádios no Brasil”. Diferentemente do dial, as web rádios não estão sob a regulamentação do Código Brasileiro de Telecomunicações, portanto são legais perante a lei e não precisam ter registro oficial ou autorização para seus funcionamentos.

As rádios para bolivianos na cidade de São Paulo não se enquadram em todas as exigências do Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil, e, portanto, não conseguem se configurar como Rádios Comunitárias. Os comunicadores afirmam que as rádios para bolivianos iniciaram seus trabalhos na FM de forma irregular, mas hoje inúmeras iniciativas são encontradas on-line. Isso porque a internet se popularizou entre o grupo migratório nos últimos anos e a web também é uma possibilidade de as rádios se manterem no ar sem correrem o risco de serem autuadas pela Anatel e terem seus aparelhos confiscados.

Jorge Gutierrez, presidente da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil, conta (2017) que o FM ainda tem mais peso entre os imigrantes bolivianos, pelo hábito cultural, mas que ele tem perdido espaço para as rádios na internet. “Hoje, no celular, você encontra rádio. O costureiro tem essa facilidade. Há cinco anos, vamos dizer que a cada cem bolivianos, um tinha acesso à internet. Hoje isso se inverteu”,

afirma. O presidente explica que Associação de Comunicadores orienta as rádios a veicularem seus conteúdos pela web, por questões legais. Quando trabalhava na FM com um programa esportivo, Jorge Gutierrez (2017)¹² conta que perdeu inúmeras vezes seus equipamentos em apreensões policiais e era visto como criminoso.

Eu falava pra mim mesmo: “gente, que vida é essa? Eu não roubei, não matei, não devo dinheiro pra ninguém e eu tenho que ficar saindo escondido, entrando escondido?” Para mim não é vida. E parei de cooperar com uns colegas na FM. Quando abriram a possibilidade de rádio na web, eu voltei, porque estava dentro da legalidade e dava para fazer algo. Hoje eu pergunto: e agora? Vão falar o quê? Porque somos legais. (informação verbal)

Embora as iniciativas na web sejam vantajosas, mesmo que tenham a transmissão pela internet, algumas emissoras veiculam por alguns períodos no ano suas programações das duas formas, pela web e por FM, pois podem alcançar os ouvintes que ainda não têm acesso à internet. Durante a execução desta pesquisa não foi encontrado nenhum comunicador que trabalhasse em uma rádio exclusivamente no dial. Todos afirmaram trabalhar em emissoras na Web e que, invariavelmente, têm seus conteúdos transmitidos no dial, mas não de forma recorrente. Assim, temos que, hoje, as rádios para bolivianos operam majoritariamente pela web.

A partir do exposto nos capítulos anteriores, vemos que as rádios para bolivianos em São Paulo expressam a importância da posse de meios comunicacionais por grupos minoritários. Criar os próprios canais de comunicação faz com que os bolivianos se insiram de melhor forma na sociedade e passem a receber informações às quais antes não tinham acesso. Embora elas não representem uma disputa direta com as mídias hegemônicas, as rádios são importantes para essa comunidade e se configuram, de certa forma, como promotoras do direito de comunicação desses imigrantes. Sem categorizações maniqueístas, que podem classificar essas iniciativas ora como perfeitas, ora como absolutamente problemáticas, é importante lembrar que o rádio desempenha papéis diversos para os bolivianos.

Com o apresentado até aqui, tem-se uma boa base para compreender o ambiente em que as rádios para bolivianos na capital paulista se dão, como operam e a importância desse meio para essa comunidade de imigrantes em questão. Dessa

¹² Informação fornecida por Gutierrez em entrevista concedida a Susana Berbert. Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 16 ago. 2017.

forma, pode-se entender o contexto em que as falas dos perfilados estão inseridas, suas histórias, assim como o trabalho que realizam.

4. JORNALISMO LITERÁRIO E PERFIL: METODOLOGIA APLICADA

Este capítulo apresenta o método utilizado na pesquisa. Como expresso na Introdução, ele está alicerçado nos conceitos de construção de perfis de Sergio Vilas-Boas: autor da tese pela Universidade de São Paulo *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico* (2006), da dissertação de mestrado, pela Universidade de São Paulo, *Páginas da Vida. A arte biográfica e perfis* (2001), e do livro *Perfis: o mundo dos outros. 22 personagens e 1 ensaio* (2014), resultado de sua pesquisa. Está também ancorado nas definições e características do jornalismo literário apresentadas por Edvaldo Pereira Lima, autor da tese pela Universidade de São Paulo *O livro-reportagem com extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade* (1990) e do livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2008), resultado de sua tese. Também neste tópico teremos apoio de Monica Martinez, autora da tese, que transformou-se em livro, *Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo* (2002), pela Universidade de São Paulo, e autora do livro *Jornalismo literário: tradição e inovação* (2016). As entrevistas, como anteriormente mencionado, foram realizadas tendo por base o método de entrevista semiestruturada,

do pesquisador e professor da Universidad de La Sabana, Colômbia, César Augusto Bernal Torres, no livro *Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales* (2006).

Em primeiro lugar, são abordadas as técnicas do jornalismo literário apresentado o porquê elas interessam para nortear a postura do pesquisador e a escrita nessa pesquisa. Inicialmente discute-se a potencialidade da reportagem desenvolvida no livro-reportagem que, por sua vez, tem sua expressão máxima ao unir-se com o gênero jornalismo literário. A partir disso são apontadas técnicas do gênero jornalismo literário, com sua aplicação na construção da escrita desta pesquisa. Tendo claras as definições do jornalismo literário, aborda-se as características e propósitos do perfil, subgênero do jornalismo literário. Assim, tem-se uma compreensão do que é jornalismo-literário e perfil e como executar a pesquisa dentro de seus moldes.

Em segundo lugar, é apresentada a definição de entrevista semiestruturada. Em seguida, temos apresentadas definições de radiojornalismo e uma discussão com seis pesquisadores da área de comunicação sobre esse tema e as características do comunicador popular latino-americano. Essa discussão é importante para a análise dos perfis desenvolvidos.

Por último, tem-se o passo a passo da construção dos perfis.

4.1 Jornalismo literário

Ora, como afirma Edvaldo Pereira Lima, o jornalismo contemporâneo floresce principalmente no século XIX e é caracterizado por ter a notícia como um elemento basal da comunicação. A notícia segue uma lógica mais simplificada da transmissão dos acontecimentos, tendo como norteadoras as perguntas: *o que, quem quando, como, onde e por que*, que devem preferencialmente aparecer no *lead* no modelo de pirâmide invertida. Há também as técnicas de pirâmide normal ou pirâmide mista que também precisam responder a essas questões. Como afirma Lima: (2008, p. 16)

A estruturação da mensagem jornalística nessa fórmula atende melhor à categoria jornalística que acabou conhecida por jornalismo informativo. Seu papel é informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata, objetiva. Em virtude disso, essa prática é muitas vezes criticada como superficial, incompleta.

Para aprofundar e melhorar o relato jornalístico, a modalidade foi se desenvolvendo até dar corpo à chamada reportagem. Segundo Lima, a reportagem surge em meados de 1920 com o jornalismo interpretativo, pautado em fornecer aos leitores meios para compreenderem a conjuntura dos acontecimentos, abarcando origem, causas, consequências futuras. “Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros.” (LIMA, 2008, p.20)

A reportagem surge como uma extensão da notícia. Segundo o pesquisador, ela apresenta duas características importantes: a *horizontalização* do relato, no sentido de poder fornecer ao leitor uma abordagem extensiva em detalhes; e a *verticalização*, ao proporcionar um aprofundamento da questão em foco, na busca de suas raízes, causas e desdobramentos possíveis. (LIMA, 2008, p. 26)

Apesar de ser encontrada em revistas, jornais, em diferentes periódicos, é na modalidade livro-reportagem que essa possibilidade de ampliação e informação aprofundada pode se desenvolver da melhor forma. Como expressa o pesquisador Lima: “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro dos meios de comunicação jornalística periódicos.” (LIMA, 2008, p. 26)

Lima aponta para principal função do livro-reportagem, que é a de oferecer ao leitor uma compreensão do mundo que faz parte:

A função aparente de informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, 2008, p. 39)

Na evolução das formas de escrita de livro-reportagem, o autor fala sobre a absorção de técnicas literárias e aborda o *new journalism*, que floresceu principalmente nos Estados Unidos na década de 1960 unindo jornalismo e literatura. O *new journalism*, de acordo com o pesquisador, elevou os métodos da reportagem.

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, de outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o *new journalism* [...] À objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de

impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real. (LIMA, 2008, p. 195)

Dessa forma, dentro das maneiras de escrever um livro-reportagem, o pesquisador afirma que o *new journalism* encontrou nessa modalidade o melhor campo de expressão.

O principal legado do new journalism - a de que a melhor reportagem, no sentido de captação de campo e fidelidade para com o real, pode combinar-se muito bem com a melhor técnica literária - encontrou sua mais refinada expressão no livro-reportagem.” (LIMA, 2008, p. 210)

A partir do exposto por Lima, podemos depreender que a reportagem encontra na literatura um nível de excelência no que se refere ao fornecimento de informações e transmissão do real. O livro-reportagem, dado seu poder de extensão e profundidade, é a forma mais completa em que essa união se manifesta. Como diz Lima: (2008, p. 325)

De todas as formas de expressão do jornalismo e da literatura, a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro-reportagem é o jornalismo literário. Os dois combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa.

As características do jornalismo literário

Dessa forma, um bom relato da realidade e a compreensão do mundo que nos cerca podem ser encontrados no jornalismo literário e, portanto, ele foi utilizado para execução da escrita da presente pesquisa.

A primeira característica do jornalismo literário apontada por Lima é o *compromisso com o real*. É necessário que a abordagem esteja pautada no mundo e nos fatos que nele ocorrem. “Deve informar, portando, elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto.” (LIMA, 2008, p. 355)

A segunda característica é a *exatidão e precisão* no fornecimento de informações. Ora, embora seja pautada em características da literatura, por ser jornalismo, ou seja, ancorada no real, a narrativa deve estar fincada em dados precisos e corretos. Entretanto, para colocar essa característica em prática, será necessário criatividade e sensibilidade. “O modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo - e desafiador - para o autor do que no jornalismo convencional. É também muito mais cativante para o leitor.” (LIMA, 2008, p. 355)

A terceira característica está no resgate do que o autor chama de *propensão humana a contar histórias*. Nesse sentido, o Lima afirma que o jornalismo convencional se esqueceu do poder da narrativa, fincando-se em estruturas muito rígidas, objetivas e lógicas na composição das matérias, que fazem com que o relato seja de certa forma frio e não envolva o leitor, que logo esquece o que foi lido. Dessa forma, uma produção pautada nas técnicas do livro-reportagem ancorado no jornalismo literário deve valorizar a narrativa.

A partir da característica da *propensão humana a contar histórias*, Lima aponta para outro fator imprescindível na abordagem proposta, a *humanização*, que coloca o humano no primeiro plano da narração. De acordo com o pesquisador, toda boa narrativa do real só é justificada se forem encontrados nelas personagens humanos tratados com “o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos.” (LIMA, 2008, p. 359) A humanização busca evitar o estereótipo e retrata os seres humanos na sua complexidade, sem ver as pessoas como meras fontes de informação, mas sim como protagonistas de suas vidas. Assim, esse aspecto também norteou nossa abordagem.

A quinta característica desse tipo de abordagem é composta pela união de dois propósitos. O primeiro propósito é a *função educativa de disseminação do conhecimento* e o segundo é a *compreensão*. A *função educativa de disseminação do conhecimento* é o propósito oriundo do livro-reportagem, e de forma mais ampla, do jornalismo. Ou seja, nos lembramos da produção de um conteúdo informativo e educacional no trabalho desenvolvido. A *compreensão* vem do propósito do jornalismo literário. Como afirma Lima, há uma distinção entre compreender e explicar. A última invariavelmente implica uma visão unilateral, colonizadora e taxativa sobre um determinado assunto, já a compreensão está aberta para uma miríade de significados e perspectivas diversificadas.

Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo. (LIMA, 2008, p. 366)

Na *compreensão* e da *função educativa de disseminação do conhecimento* fica implícito que o trabalho não deve ser pautado em julgamento, opinião panfletária e estereótipos. Dessa forma, a abordagem deve “evitar preconceitos, assim como leituras rígidas da realidade. Tenta ultrapassar os estereótipos, levantando a

compreensão de uma situação por inteiro, iluminando-a sob diferentes óticas.” (LIMA, 2008, p. 366)

Outro fundamento, a sexta característica, é a *universalização temática das histórias contadas*. “O autor está em busca, em qualquer assunto, dos temas subjacentes que o tornam universal. O caminho mais comum para alcançar essa universalidade é o aspecto humano.” (LIMA, 2008, p. 367)

Assim, voltamos à *humanização*. A *humanização*, aspecto importante tratado anteriormente, além de orientar diretamente sobre como os personagens devem ser abordados e retratados, diz também sobre a inserção do autor na narrativa contada. Como explica Lima, o autor de jornalismo literário é uma pessoa que sente, que tem uma história pessoal, com um corpo, nome, membros. Não é uma máquina impessoal, mas relacional. “É um estudioso constante da realidade. Interpreta, avalia, busca unir os fios de compreensão que unem ações, pessoas, ambientes. (LIMA, 2008, p. 369) Assim, para que ele humanize, é necessário que sinta também e viva o universo que deseja retratar. Ele precisa estar imerso.

Dessa forma, aparece a sétima característica elencada aqui que orienta a abordagem, a *imersão*. Para realizar uma transmissão do real de forma séria é imprescindível que haja uma imersão profunda do profissional no objeto de estudo. Dessa forma, o autor deve mergulhar no tema, estar ao lado das pessoas, nos lugares que elas frequentam e entender o mundo que as cerca. O objetivo desse contato íntimo é compreender os comportamentos das fontes, sua cultura, hábitos, os valores que constroem seu mundo e consequências de determinadas posturas. Depois, segundo Lima, é necessário um *distanciamento*.

Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a vivência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem-se. E então escreve. (LIMA, 2008, p. 373)

Para que essa narrativa proposta seja possível, Lima aponta como deve ser a postura do profissional. Para fazer um trabalho preciso de narração e interpretação do real, é preciso, de acordo com Lima, *pesquisar* e *estudar*, que compõem o oitavo ponto aqui exposto. Dessa forma, como ele afirma, não basta que sejam utilizadas apenas impressões ou intuições quando o jornalista profissional está a campo. “É fundamental o exercício do discernimento do autor para apreender o que está à sua volta, obter clareza das forças dinâmicas que movem qualquer acontecimento.”

(LIMA, 2008, p. 367). Assim, todo conhecimento prévio que adquirimos a respeito de rádios para bolivianos na cidade de São Paulo, por meio de revisão bibliográfica e entrevistas, comunicação popular, o papel do rádio na comunicação popular, direito à comunicação, entre outros, mostrou-se fundamental para entrevistas e visitas à rádio. Ainda sobre a atuação do profissional, Lima aponta que ele deve ser um *tradutor de conhecimentos*, nono aspecto importante de ser lembrado. “Registra, observa, testemunha, interpreta, traduz. Só assim pode disponibilizar ao leitor propostas de compreensão da realidade. Só assim presta um serviço que vale a pena, pois com seu esforço de apreensão reconstrói o mundo.” (LIMA, 2008, p. 368).

Na hora da escrita, Lima aponta que a construção do texto de jornalismo literário deve estar ligada às questões narrativas, de estruturação, organização e condução do texto, enquanto o conteúdo deve estar totalmente voltado ao real, pautado na observação, pesquisa e reprodução fiel. “As licenças poéticas de criação e imaginação de conteúdos devem permanecer reservadas à arte ficcional.” (LIMA, 2008, p. 368)

Na escrita, é imprescindível que o texto literário e humanizado tenha *Estilo próprio e voz autoral*, que devem ser trabalhados de acordo com o conteúdo da realidade captada pelo autor. “A singularidade individual do olhar do autor transmite à obra um toque de exclusividade que a diferencia, valorizando-a.” (LIMA, 2008, p. 369)

Por fim, a última característica aqui apontada é o *simbolismo*. Lima aponta que os acontecimentos são carregados de significados, muitas vezes não tão claros e concretos. Assim, como é dever do autor compreender a realidade da forma mais ampla possível, ele “precisa estar atento aos significados que saltam dos fatos, ao sentido oculto cuja melhor forma de expressão nem sempre é o relato objetivo.” (LIMA, 2008, p. 378)

Dessa forma, a escrita de um perfil dos comunicadores bolivianos que trabalham em rádios para bolivianos na cidade de São Paulo foi norteadas pelos seguintes aspectos: *horizontalização e verticalização dos relatos; compromisso com o real; exatidão e precisão no fornecimento de informações; resgate da propensão humana a contar histórias; humanização; função educativa de disseminação do conhecimento e compreensão; universalização temática das histórias contadas;*

imersão; pesquisa e estudo; tradução de conhecimentos; estilo próprio e voz autoral; simbolismo.

No livro *Jornalismo Literário - tradição e inovação* (2016), a pesquisadora Monica Martinez elenca oito características do jornalismo literário a partir da obra de Mark Kramer¹³, coautor de *Literary Journalism* (Ballantine Books, 1995)¹⁴, que apresentaremos como apoio para embasar ainda mais nossa abordagem. Alguns pontos também foram mencionados por Edvaldo Pereira Lima, e são, portanto, reafirmados, enquanto outros se mostram diferentes e também pertinentes para esta pesquisa.

A primeira característica apontada, e já citada por Lima, é a *imersão* no mundo e no universo em que se pretende retratar. “esse mergulho na realidade, que tem um dos alvos um alto nível de exatidão de informação, demanda muita pesquisa e familiaridade com a temática.” (MARTINEZ, 2016, p. 40)

A *atuação ética* é a segunda característica elencada por Martinez da obra de Kramer. Nesse sentido, ela afirma que deve estar claro que o jornalista está o local como profissional, para que não haja confusões, um vínculo pessoal que atrapalhe na apuração. É importante também que o jornalista exponha de forma clara o método de trabalho: “deve haver transparência com a fonte para que ela possa, inclusive, recusar o convite para participar.” (MARTINEZ, 2016, p. 41)

A terceira característica é *olhar para o simples*. “o jornalista literário deve prestar atenção e escrever sobre acontecimentos rotineiros, lançando luzes sobre fatos que aparentemente passam despercebido.” (MARTINEZ, 2016, p. 42) Nesse sentido, acompanhar o trabalho, o programa, as atitudes dos comunicadores é essencial para captar os detalhes.

¹³ Mark Kramer foi escritor residente no Programa de Estudos Americanos do Smith College (1980-1990), escritor residente e professor de jornalismo na Universidade de Boston (1990-2001), além de escritor-residente e diretor fundador do Programa Nieman de Jornalismo Narrativo, da Universidade de Harvard (2001-2007). Ele escreveu para a revista New York Times, National Geographic, The Atlantic Monthly e muitos outros periódicos. Ele é co-autor de dois livros sobre narrativa de não-ficção: *Telling True Stories* e *Literary Journalism*.

¹⁴ KRAMER, Mark. Breakable rules for literary journalists In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. *Literary journalism: A new collection of the best American nonfiction*. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.

SIMS, Norman; KRAMER, Mark. *Literary journalism: A new collection of the best American nonfiction*. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.

Outra característica, já apontada por Lima, é a *voz autoral*. O jornalista deve externar sua personalidade e transmiti-la no texto. Junto a isso, entra a quinta característica, também anteriormente citada em Lima, que é o *estilo*. A autora aponta que o autor deve prestar atenção aos excessos e não exagerar na hora de construir o texto. “Em Jornalismo Literário, menos continua sendo mais - mão pesada nunca teve vez entre os leitores” (MARTINEZ, 2016, p. 43)

A *posição móvel do autor* é a sexta característica da obra de Kramer, elencada por Martinez. Ele tem liberdade para criar e inovar. O jornalista “está livre da tradicional narração em terceira pessoa para fazer experimentações quanto ao ponto de vista.” (2016, p. 43)

A sétima característica diz respeito à necessidade de conferir uma *estrutura adequada e agradável* à história que será contada. “Segundo Kramer, narrativa primária, histórias e digressões se misturam para ampliar e para recompor os fatos.” (MARTINEZ, 2016, p. 43).

Pensando na voz autoral, estilo, posição móvel e conferência da estrutura adequada, entra a oitava e última característica, que é a *criação de sentidos*. Ela é essencial para potencializar todas os outros pontos mencionados, pois é ela que conecta o leitor com a história contada e faz com que ele a compreenda e interaja com ela. A autora afirma que a criação de sentidos é possível principalmente com o uso de símbolo e metáforas.

Todo o trabalho do jornalismo é perdido se o leitor não tiver ideia do que ele está falando e, também, se não souber de onde e para onde está sendo conduzido. A história precisa ter um fio condutor e ressoar na experiência pessoal do leitor, que tem de sentir a catarse de chegar a algum lugar depois de ter aceitado acompanhar o protagonista da história por várias cenas, ordenadas de forma a revelar gradativamente a situação.” (MARTINEZ, 2016, p. 44)

Além desses aspectos elencados por Martinez da obra de Kramer (1995), uma observação da autora referente à captação também nos interessa para a execução da pesquisa. Martinez aponta para a necessidade de o jornalista, no caso aqui o pesquisador, estar focado no relato oral e na forma como os entrevistados e personagens se expressam.

Como toda boa narrativa, o Jornalismo Literário presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo. (MARTINEZ, 2016, p. 29)

Dessa forma, as características de *imersão, atuação ética, olhar o simples, voz autoral, estilo, posição móvel, estrutura adequada e agradável, criação de sentidos e focar no relato oral*, foram observadas na pesquisa.

4.2 Perfil

A partir do exposto sobre características do jornalismo literário, apresentaremos agora com mais profundidade características do perfil. Essa definição será brevemente introduzida por Lima e aprofundada na obra *Perfis: o mundo dos outros* (2014), e na dissertação de mestrado *Páginas da Vida. A arte biográfica e perfis* (2001) de Sergio Vilas-Boas.

O perfil é entendido como um gênero do jornalismo-literário, uma forma e um tipo de texto em que as características do jornalismo literário podem ser aplicadas. Edvaldo Pereira Lima no livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2008) faz uma definição do livro-reportagem perfil. De acordo com ele, essa é uma obra que evidencia o lado humano de uma pessoa. O personagem elencado para ser retratado não necessariamente precisa ser famoso e público, mas pode ser um indivíduo anônimo que, devido a alguma razão, é interessante. Nesse caso, como aponta Lima, “a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão.” (LIMA, 2008, p. 52). Ora, essa definição apresentada por Lima foi importante para nortear a construção desta pesquisa.

Sérgio Vilas-Boas define perfil como “um gênero nobre do jornalismo literário” (VILAS-BOAS, p. 271), sendo um tipo de texto biográfico sobre uma pessoa, famosa ou não. Diferente de biografias, que são cheias de pormenores sobre a vida, ancestralidade, e apresentam inúmeros acontecimentos, o autor do texto perfil pode se concentrar em apenas uma fase da vida do retratado ou em aspectos particulares. Aqui, o recorte do perfil, os aspectos particulares que foram retratados, focaram na atividade que os comunicadores bolivianos de rádios desempenham para compreensão desse universo.

Esses episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades, etc.) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer) (VILAS-BOAS, 2001, P. 87)

O tipo de texto perfil surgiu na década de 1930, segundo o autor, com o retrato principalmente de pessoas famosas, do mundo das artes, política, negócios e esportes. “Esperava-se que o perfil lançasse luzes sobre a fase atual, o comportamento, os valores, a visão de mundo e alguns episódios da vida das pessoas”. (VILAS-BOAS, 2014, p. 275) Ao escolhermos os comunicadores que foram perfilados, buscamos elencar pessoas e escrever exatamente o que elas pensam, suas visões de mundo e seus valores dentro do recorte aqui proposto.

Vilas-Boas aponta que, dentro da tradição do jornalismo literário, o perfil é um gênero importante porque apresenta *durabilidade e narratividade*. Esta se refere a uma boa estruturação do texto e, de acordo com o autor, a uma *escrita reflexiva*. A durabilidade diz respeito ao fato de o texto continuar relevante e pertinente, a despeito de quanto tempo passe após sua publicação, o que é extremamente importante para a pesquisa que fizemos. (VILAS-BOAS, 2014, p. 272)

As características do perfil

Vilas-Boas então passa para critérios que utiliza ao escolher o personagem que será retratado no perfil. Seu método baseia-se em dois pressupostos: o de que o *ser humano é irrepetível*, ainda que totalmente entregue ou alheio à ordem social a que pertence e a de *que existem pessoas que se diferenciam* por suas atitudes e pensamentos, independentemente de serem figuras midiáticas, exóticas, com personalidades difíceis ou de terem vivenciado grandes transformações em suas histórias. (VILAS-BOAS, 2014, p. 273)

Mesmo tendo um personagem interessante, a tarefa de realizar uma narrativa atraente e relevante pertence exclusivamente ao autor do trabalho. “Por incrível que pareça, o personagem em si não é decisivo para a qualidade da narração, mas sim, a competência do autor em lidar com o personagem e com a narração.” (VILAS-BOAS, 2014, p. 273)

Assim, torna-se muito importante a interação entre autor e personagens para a construção de um texto rico e completo. Para isso, Vilas-Boas também apresenta

algumas questões que devem ser levadas em consideração. Segundo o autor, para produzir um bom perfil é preciso uma série de atitudes, como *pesquisar, observar atentamente, conversar, movimentar-se e refletir*. “Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com as pessoas de seu círculo de relacionamentos; movimentar-se com ela por locais divertidos; tem de observar as linguagens verbais e não verbais.” (VILAS-BOAS, 2014, p. 274) Para conhecer melhor o retratado e enxergá-lo de forma mais clara, ele afirma que é preciso *entrar no mundo do personagem sem preconceitos, sem hipóteses e suposições*. É necessário, portanto, mergulhar no dia a dia dessa pessoa, indo a lugares que ela frequenta, entendendo sua visão de mundo, personalidade, temperamento e não idealizá-la. (VILAS-BOAS, 2014, p. 275) E estar atento ao outro e observá-lo não é unicamente relacionado ao olhar. Vilas-Boas afirma que um observador atento utiliza todo tipo de sentido, seja olfato, tato, audição, e retira das coisas cotidianas aprendizados e reflexões profundas. (VILAS-BOAS, 2014, p. 283) Assim, buscamos ter convivência com os comunicadores que elencados uma relação mais próxima que possibilitasse uma observação atenta, entrevistas profundas, e uma leitura mais completa dos perfilados. Da mesma forma, entrevistas mais curtas com outros comunicadores que conhecem os perfilados e que também vivem nesse universo foram utilizadas na pesquisa. Citando Muniz Sodré e Maria H. Ferrarri¹⁵, Vilas-Boas afirma (2001, p. 87) que a introdução de personagem secundária de forma rápida na narrativa é chamada de *mini-perfil*.

Na abordagem, Vilas-Boas aponta para a importância de uma entrevista séria, não pautada em perguntas diretas e sequenciais, como em um pingue-pongue, mas que dê espaço para o conhecimento da fonte de outras formas.

Autores que ficam paralisados diante do personagem, bombardeando-o com questões muitas vezes irrespondíveis, deveriam reavaliar seus métodos. Os perfis elucidam, indagam, apreciam a vida num dado instante, e são mais atraentes quando atçam reflexões sobre aspectos universais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, separação, etc. (VILAS-BOAS, 2014, p. 274)

Na escrita, Vilas-Boas salienta que a *promoção de empatia* é um dos objetivos a ser alcançado na construção do perfil, e, para isso, é necessário *humanizar* o retratado. Segundo o autor, humanizar não é um mistério, mas simplesmente fugir do

¹⁵ SODRÉ, Muniz. & FERRARI, Maria H. Técnicas de Reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística, Summus: São Paulo, 1986

ideal da perfeição e evitar maniqueísmos, entendendo que cada ser humano é plural e diverso e não pode ser facilmente categorizado. (VILAS-BOAS, 2014, p. 274) Assim, o perfil deve fugir de envolvimento ideológicos e paixões. “Evito, com todas as minhas forças, ser judicativo e duvido permanentemente do meu “direito” de poder divulgar unilateralmente as qualidades e os defeitos dos outros”. (VILAS-BOAS, 2014, p. 275)

Tendo em vista o que foi abordado, Vilas-Boas aponta, enfim, para quatro processos fundamentais para os quais autores de perfis devem estar atentos: *os espaços, os tempos, as circunstâncias, os relacionamentos*.

Os *espaços* são os locais dos encontros do autor com o retratado e com as pessoas próximas a ele. Os espaços falam sobre as personagens e auxiliam na percepção do estilo de vida das pessoas.

Os *tempos* tratam da trajetória de vida do personagem e essa trajetória não precisa ser necessariamente linear. Deve conter as memórias, aquilo que é relevante na vida do protagonista e também a relação presente desse protagonista com o autor.

As *circunstâncias* incluem o imponderável, o inesperado, os bastidores que possam afetar as entrevistas e o contato com o retratado.

Os *relacionamentos* evidenciam expressões do protagonista. Elas geram percepções, ideias e revelam o que é próprio do personagem. (VILAS-BOAS, 2014, p. 280)

Assim, para a escolha dos perfilados e desenvolvimento do perfil de comunicadores, foram observados os seguintes aspectos: *durabilidade e narratividade, escrita reflexiva, os pressupostos de que o ser humano é irrepetível, e de que existem pessoas que se diferenciam*. Atitudes como *pesquisar, observar atentamente, conversar, movimentar-se e refletir*, nortearam a abordagem, além de *entrar no mundo do personagem sem preconceitos*. As entrevistas foram feitas com profundidade e paciência, após inúmeros encontros e contato com os perfilados. Como o objetivo é *empatia, humanizamos os retratados*. Por fim, foram observados os *espaços, os tempos, as circunstâncias, os relacionamentos* que envolvem o perfilado.

A partir do que foi aqui exposto, ficam claras as definições de jornalismo literário e perfil e por que foram relevantes para o tipo de pesquisa que desenvolvemos, bem como para apresentar o resultado desejado.

4.3 Entrevistas semiestruturadas

Até o momento foram apontadas características dos gêneros jornalismo-literário e perfil que nos guiaram na abordagem e escrita. Agora, apresentamos a definição de como foram realizadas as entrevistas com os comunicadores elencados.

As entrevistas foram feitas da forma *semiestruturada*. O pesquisador César Augusto Bernal Torres, no livro *Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales*. (2006) define esse tipo de entrevista como tendo um “com relativo grau de flexibilidade tanto no formato como na ordem no término de realização da mesma para as diferentes pessoas a quem está dirigida.” (TORRES, 2006, p. 257, tradução da autora)

Torres determina três fases que devem nortear a aplicação das entrevistas. A primeira é a preparação. Nela, define-se os objetos a serem investigados, objetivos da investigação, e depois, prepara-se um guia, “tendo em conta o tema que vai ser tratado, o tipo de entrevista que vai ser realizada e as pessoas que serão entrevistadas. O guia inicial se torna válido com um teste piloto ou através de julgamento especializado” (TORRES, 2006, p. 257, tradução da autora). Na pesquisa aqui proposta, como já mencionado, o foco de nosso estudo foram os comunicadores bolivianos de rádios.

A segunda fase apontada por Torres é a execução da entrevista preparada. “Primeiro deve apresentar ao entrevistado o objetivo da entrevista, a forma como se registrará a informação (escrita, gravada, filmada, etc.) e depois começa a desenvolver o guia da entrevista, segundo o tipo de entrevista selecionado.” (TORRES, 2006, p. 257, tradução da autora). Todas as entrevistas com os comunicadores foram gravadas.

A terceira fase da entrevista, e última, é a de finalização ou conclusões. “Nessa fase agradece a participação ao entrevistado e se organiza a informação para ser processada posteriormente para sua respectiva análise.” (TORRES, 2006, p. 257, tradução da autora).

4.4 O perfil do comunicador – Definições e discussões sobre o radiojornalismo, entretenimento, serviço e o papel do radiocomunicador latino-americano

Como apontado na Introdução desta dissertação, tem-se nesta parte a participação de seis pesquisadores especialistas na área de Comunicação Social, que lecionam e pesquisam especificamente sobre rádio e radiojornalismo. São eles: Marcelo Cardoso, Mestre em Comunicação na Contemporaneidade pela Faculdade Cásper Líbero com a dissertação: *O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras: experiências de emissoras paulistanas* (2010); Lourival da Cruz Galvão Júnior, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo com a tese *O futuro hoje: a formação em Radiojornalismo na era da convergência das mídias* (2016) e pesquisador da Universidade de Taubaté (UNITAU); Janine Marques Passini Lucht, Doutora em comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo com a tese *Gêneros radiojornalísticos no Brasil: análise da Rádio Eldorado de São Paulo* (2009), e membro do Conselho Editorial da Revista Alterjor da Escola de Comunicações e Artes da USP; Pedro Serico Vaz Filho, Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo com a tese *Promoção da Cidadania Pelas Rádios Comunitárias do ABCD Paulista Sob desafios e Enfrentamentos Políticos* (2016) e professor na Universidade Anhembi Morumbi; André Naveiro Russo, mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com a dissertação *Gesto, Som e Voz: um estudo da aprendizagem da comunicação por meio do radiojornalismo* (2015) e professor de Radiojornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Centro Universitário Belas Artes; e Lenize Villaça Cardoso mestre em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo com a dissertação *Radiojornalismo na era digital: Internet como fonte de notícias na Rádio CBN* (2002) e professora na graduação em Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Via e-mail, responderam as seguintes questões: (1) O que é radiojornalismo? (2) Como o radiocomunicador (dos locutores - radialistas e jornalistas) deve conduzir a transmissão que mescle jornalismo e entretenimento? (3) Qual seria o perfil ideal de um radiocomunicador latino-americano?

Radiojornalismo, entretenimento e serviço: conceitos e definições

Uma definição objetiva do gênero **radiojornalismo** é encontrada na Enciclopédia INTERCOM de comunicação (2010, p. 1023). Nela, o conceito é apresentado como sendo o jornalismo aplicado em um formato específico que viabilize sua transmissão pelo rádio. Nesse sentido, a enciclopédia frisa que o radiojornalismo deve trazer em seu âmago todas as normas da produção do jornalismo, como concisão, clareza, objetividade e simplicidade, mas que tem características próprias:

O texto radiofônico fundamenta-se pelo emprego de frases curtas e ritmadas. Os redatores facilitam a locução e destacam os recursos sonoros a partir da escolha de palavras e expressões adequadas. A edição das reportagens é uma etapa marcante na rotina atual das emissoras e que resulta em um estilo próprio de divulgar os fatos, com narrativas enxutas, ricas em conteúdo e didáticas (BARBEIRO, 2001, p. 62-63, 70 Apud. Enciclopédia INTERCOM de comunicação, 2010, p. 1023)¹⁶.

No livro *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio* (2003), André Barbosa Filho define alguns gêneros que são encontrados no rádio. Ele define o jornalístico, que nos interessa principalmente, como sendo um instrumento do rádio para atualizar os ouvintes “por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos.” (2003, p. 89). Ele ainda aponta que esse relato pode conter traços subjetivos no conteúdo e unir o ato de informar às opiniões particulares sobre os fatos.

Dentro desse gênero, que une o rádio e jornalismo, Barbosa Filho aponta alguns formatos (2003, p. 90) que iremos apontar brevemente: a Nota, que aponta como sendo um informe bastante resumido e rápido de um fato; a Notícia, que aponta como sendo o módulo básico da informação, com duração de um minuto e trinta segundos. Barbosa Filho divide esse formato em “flash”, que seria a notícia mais rápida, e notícias explicadas, que concentram-se no fato em si e em tudo que o envolve e é importante para o entendimento; outros formatos são o Boletim, que define como pequeno programa informativo formado por nota e notícias, distribuído durante a programação; a Reportagem, que define como sendo uma informação que engloba o máximo possível de variáveis de determinado fato; a Entrevista, que afirma ser uma das principais fontes de informação de um jornal; o Comentário, que segundo o autor, tem a função de apresentar um conteúdo opinativo com conhecimento

¹⁶ BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

especializado; o Editorial, que o pesquisador afirma ser o anúncio da opinião, não personalizada, mas que representa a visão da emissora; a Crônica, que segundo o pesquisador é um formato que transita entre o jornalismo e a literatura para contar as histórias; o Radiojornal, que, dividido em seções ou editorias, une formatos jornalísticos como notas, reportagens, notícias, boletins, etc; o Documentário jornalístico, que é definido como uma análise sobre um tema específico, aprofundando-o e unindo pesquisa, comentários, investigação e participação do repórter; as Mesas-redondas ou debates, que são apresentados como espaços de discussão normalmente mediados por um apresentador em que os integrantes apresentam opiniões e visões diferentes um do outro; Programa policial, cujo objetivo é cobrir a área policial com outros formatos do gênero jornalístico; Programa esportivo, que tem como finalidade divulgar, analisar e cobrir eventos do universo esportivo, sendo veiculado nos diversos formatos acima citados e também em radiojornais esportivos ou diretamente de transmissões esportivas.

Como expressado pelas definições acima mencionadas, o pesquisador Marcelo Cardoso afirma que o conceito de radiojornalismo por si só está obrigatoriamente ligado a subconceitos do jornalismo: credibilidade, clareza, ética, prestação de serviço, velocidade, utilidade pública, público-alvo, critérios de noticiabilidade, entre outros. No entanto, Cardoso revela que o radiojornalismo passa também pelo vínculo criado entre jornalista, rádio e ouvinte, e isso inclui também a função de trazer: “Desde histórias e contos sobre um bairro ou uma festa popular, até levar para o ouvinte os sons, as vozes, os ruídos que formam as paisagens sonoras que vão estimular imagens mentais; que podem tocar em lembranças remotas e encontradas no inconsciente ou que estabelecerão conexões.” (Informação pessoal, 2019)¹⁷

O pesquisador Cardoso destacou o caso específico dos comunicadores das rádios para bolivianos na cidade de São Paulo e diz que essa questão é ainda mais latente:

Acredito que o conceito de radiojornalismo passa por tudo isso, e, em especial, para pessoas de uma comunidade específica que exigem o contato contínuo com suas raízes, seja por meio de notícias da terra de origem, seja pelo entretenimento com música e ludicidade típicas ou por meio de informações sobre shows, festas folclóricas, feiras, entre outras formas de

¹⁷ CARDOSO, Marcelo. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

se manter vinculado àquela comunidade de origem.” (Informação pessoal, 2019)¹⁸

O pesquisador Lourival da Cruz Galvão Júnior afirma que o radiojornalismo vai além da compreensão lexical que o aponta como uma conformação do jornalismo para aplicação no rádio.

O termo Radiojornalismo pode ser compreendido como área do conhecimento que envolve teorias e práticas jornalísticas constituídas e vivificadas em um meio de comunicação que tem, dentre suas principais características, a possibilidade de estabelecer sensorialidades por intermédio de estímulos unicamente sonoros. (Informação pessoal, 2019)¹⁹

A pesquisadora Janine Marques Passini Lucht chama atenção para como essa mensagem jornalística deve ser transmitida no rádio. Segundo ela, isso deve ser feito a partir de uma técnica precisa e acurada porque o rádio exige simplicidade na fala: “A mensagem tem que ser simples, clara e objetiva, sem rebuscamentos, mas sem deixar de ser precisa. Por esse motivo, a apuração necessita ser bastante acurada, não deixando dúvidas para o ouvinte”, observa Lucht (Informação pessoal, 2019)²⁰.

Pensando nessa mensagem jornalística, o pesquisador André Russo afirma que, pelo poder do som e possibilidades que surgem nesse meio de comunicação, essa mensagem transmitida pelo rádio ganha maiores proporções quando é veiculada: “Tudo que se espera de positivo do Jornalismo fica multiplicado pelo poder do som, desde as sonorizações de reportagens, passando por escolhas de sonoras em edições e narrações de textos por parte de locutores ou repórteres.” (Informação pessoal)²¹.

O pesquisador Pedro Vaz Filho afirma que radiojornalismo é a expressão do jornalismo adaptado aos ouvidos. “Ou seja, aquela linguagem que trata de apresentar fontes diversas de informações pela voz, expondo depoimentos; descrição de visuais, exposição de sons e interpretação de sentimentos de pessoas e ambientes.”²²

Por fim, a pesquisadora Lenize Villaça Cardoso afirma que o radiojornalismo deve ser marcado pelo desenvolvimento e aplicação de técnicas jornalísticas. “Antes de qualquer preceito deve-se pensar no fazer jornalístico como um todo e, claro,

¹⁸ CARDOSO, Marcelo. **Entrevista.** Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

¹⁹ GALVÃO JÚNIOR, L.C. **Entrevista.** Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

²⁰ LUCHT, Janine. **Entrevista.** Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019

²¹ RUSSO, André. **Entrevista.** Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019

²² VAZ FILHO, Pedro. **Entrevista.** Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 15 de Mar. 2019

adaptá-lo às características intrínsecas da mídia que se quer atuar.” (Informação pessoal)²³

A partir do apresentado pelas entrevistas com os pesquisadores e definições de radiojornalismo retiradas da Enciclopédia INTERCOM de comunicação (2010) e do livro *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio* (2003) de André Barbosa Filho, além das entrevistas com pesquisadores especialistas sobre o tema, tem-se que radiojornalismo pode ser definido como as técnicas e características intrínsecas ao jornalismo – como objetividade, veracidade, compromisso com o real – adaptadas para a linguagem radiofônica. Nesse sentido, a audição deve ser estimulada com recursos sonoros, a linguagem deve ser clara, simples, direta e envolvente. A informação pode ser passada em vários formatos, como notas, boletins, flashes, reportagens, comentários, entre outros anteriormente mencionados. Além dessa conexão direta com conceitos do jornalismo, tem-se da mesma forma que, pelo poder do rádio, o radiojornalismo também perpassa pela construção de uma identidade entre os ouvintes, trazendo informações que vão de encontro às necessidades das comunidades às quais se dirige, relembrando histórias, promovendo a cultura e paisagens mentais a partir de sons, criando, assim, um vínculo entre jornalista, ouvinte e rádio.

Outros gêneros

Além do jornalismo, André Barbosa Filho classifica outros gêneros que merecem ser destacados. O **entretenimento** é apontado por Barbosa (2003, p. 113) como o gênero que explora de forma profunda a linguagem radiofônica, a do áudio. Ele está intrinsecamente ligado ao imaginário, criando um universo de identificação, empatia, entre a mensagem e o ouvinte. De acordo com o pesquisador, isso não pode ser ignorado “sob o preço cruel da perda de contundência na transmissão dos significados de uma determinada informação para o público.” (2003, p. 113).

Segundo o pesquisador, as contribuições desse gênero vão do real à ficção, oferecendo uma gama de possibilidades de produções que envolvem os ouvintes, promovendo diversas reações e sentimentos neles. “É o conjunto de informações para

²³ VILLAÇA CARDOSO, Lenize. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 17 de Mar. 2019

construir – se conseguirmos – uma realidade mais justa, mais humana.” (BARBOSA, 2003, p. 115) Segundo Barbosa, quando aliado a outros gêneros, o entretenimento pode ser uma ferramenta importante para informar, prestar serviços e educar os ouvintes.

Dentro desse gênero o autor apresenta alguns formatos, entre eles: o programa musical e a programação musical. O primeiro é um programa que tem como função disseminar músicas dos mais diferentes gêneros, também apresentando discussões sobre tendências, performances de artistas, etc. Nesse sentido, afirma que a participação de artistas é frequente no rádio brasileiro (2003, p. 116). O segundo diz respeito a uma sequência de programas musicais que invariavelmente ocupam quase toda programação de determinada emissora, apresentando blocos musicais envolvidos por blocos de outras naturezas, como jornalísticos, de serviço, etc. O pesquisador também aponta para o formato de evento artístico (2003, p. 117), que, valorizado pela capacidade de mobilidade do rádio, transmite eventos culturais ao vivo, exigindo, dessa forma, uma maior habilidade e esforço técnico por parte da equipe. Barbosa também aponta para os formatos de programa ficcional (2003, p. 117), o programamete artístico (2003, p. 120) e o programa interativo de entretenimento (2003, p. 121).

O gênero de **serviço**, que também nos interessa como apoio para construção e posterior análise dos perfis, é definido por Barbosa como promotor de informações de apoio, que vão de encontro às necessidades de parte majoritária dos ouvintes (2003, p. 134). O pesquisador aponta que, assim como o conteúdo jornalístico, os formatos de serviço são temporários porque dizem respeito a acontecimentos transitórios.

De acordo com Barbosa (2003, p. 135) os produtos de serviço valorizam o direito à cidadania porque proporcionam melhores condições de vida e defendem assuntos que são interesse do ouvinte.

O pesquisador divide esse gênero em três formatos: as notas de utilidade pública, que, semelhante às notas jornalísticas, tem como objetivo principal alertar ouvintes sobre prazos, acontecimentos, cortes ou alterações de serviços, etc; o programete de serviços, que, aproximado aos programetes de entretenimento no tempo e dinamismo da apresentação, aprofunda informações de serviço que estão sendo passadas. Normalmente esse formato vai inserido dentro de outros, como os radiojornais. Ele passa, por exemplo, conselhos sobre cuidados com a saúde, questões

jurídicas, preços, investimentos, etc. (BARBOSA, 2003, p. 136); Por fim, o formato programa de serviços é definido como um programa de duração mais longa, entre trinta minutos e uma hora de duração, que fala sobre temas que são do interesse dos ouvintes, chamado também de rádio de oportunidades (BARBOSA, 2003, p. 137)

O perfil do comunicador:

Interessa-nos agora levantar uma discussão sobre o papel do comunicador, suas funções e preceitos que devem guiar a prática desse profissional.

No livro *Ética e meios de comunicação* (1999) o pesquisador Niceto Blázquez disserta sobre mudanças nos paradigmas que guiam a ação do comunicador e como deve ser a postura desse profissional na atualidade.

De acordo com Blázquez (1999, p. 20), o comunicador, especialmente o jornalista, agia de acordo com princípios universais e sólidos, como o valor da verdade e o respeito à dignidade humana. “Com maior ou menor convicção, aceitavam-se critérios presumidamente derivados de Deus, da razão humana, das leis sociais e da consciência profissional e boa vontade” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 20). Blázquez afirma, no entanto, que as evoluções comunicacionais e adventos tecnológicos, como o aparecimento do rádio, televisão, trouxeram agravantes para a ética informativa. De acordo com o pesquisador, na pós-modernidade, a razão perde sua importância como Deus havia perdido na modernidade. A transferência desse modo de pensar para a ética comunicacional resulta que “nem a metafísica nem a religião podem oferecer critérios válidos de conduta. A reflexão ética é

sistematicamente substituída pela astúcia prática, pelo pragmatismo e pela casuística legalista” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 21).

O autor diz que os meios de comunicação hoje se deslocaram em direção às instâncias de poderes econômicos, políticos e ideológicos. Nesse sentido, afirma o autor, o que mais importa não é a qualidade informativa da mensagem, seu valor de verdade, mas sim o fato de essa mensagem ser interessante.

A deontologia informativa de outras épocas centrava a atenção na vitória sobre o suborno, no respeito à verdade objetiva, à veracidade e à boa fama das pessoas. Atualmente esses critérios mostram-se cada vez mais difusos à medida que os meios de comunicação social encontram-se ativamente envolvidos na mudanças de mentalidade e modelos de conduta. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 22).

Essa mudança de paradigmas trouxe mudanças na atuação dos profissionais da comunicação. De acordo com o pesquisador, a ética clássica sempre valorizou a verdade, a sobreposição do bem comum sobre os interesses particulares, a dignidade humana. No entanto, “o comunicador pós-moderno não informa sobre a realidade objetiva de fatos e acontecimentos, mas trata de ‘criar’ essa suposta realidade.” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 24). Realidade essa que mais interesse ao emissor ou ao destinatário.

A busca pelo lucro, pelo crescimento, e a pressão do setor econômico que rege as práticas comunicacionais também afeta negativamente o trabalho do comunicador, o setor profissional, fazendo com que este muitas vezes aja com muita parcialidade, focado em grupos de interesses. “Este fica prestes a trair os ideais informativos, submetendo a verdade ao lucro e a liberdade de expressão e de consciência aos interesses dos acionistas e empresários” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 25).

Esses fatores acabam gerando muitas vezes conflitos de interesses que podem se misturar com o trabalho do comunicador, como, por exemplo, a fusão de “informação com propaganda.” Entretanto, o pesquisador lembra que o ato de informar pelo comunicador nunca vai ser indiferente, porque estes profissionais sempre irão esperar uma retribuição, seja uma compensação econômica justa ou reconhecimento por parte do público.

Mas é comum buscar algo mais. O fato é que o lucro corre em meio à informação comercial. Na política, a luta pelo poder. No âmbito cultural, a promoção de ideias. No âmbito doutrinal, a promoção de modelos de conduta, e assim sucessivamente. Aquele que informa o faz por algum interesse individual ou coletivo (BLÁZQUEZ, 1999, p. 25).

Todas essas mudanças nos paradigmas éticos trouxeram, de acordo com o autor, processos que vão contra os meios de comunicação social, como a crise de credibilidade, atuação a serviço do poder, a aplicação de um espírito maquiavélico em que fins justificam meios, manipulação, omissões, abusos na linguagem, mentiras, manipulações tecnológicas, entre outros. Blázquez afirma que essas mudanças éticas e problemas mencionados até aqui, entre outros, fazem com que seja necessário um novo tratamento ético para o trabalho do comunicador, aumentando a consciência da responsabilidade informativa. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 84)

Nesse sentido, apontamos algumas características levantadas por Blázquez em sua obra que versam sobre esse profissional da comunicação contemporâneo ideal.

Para evitar conflitos e problemas éticos, de acordo com Blázquez, o ideal é que o comunicador se mantenha distante de grupos de interesse – como políticos e econômicos, para que sua independência seja mantida e ele possa desenvolver seu trabalho de forma limpa. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 34)

O pesquisador também afirma que o bom profissional de comunicação é um profissional que vive isso como uma *maneira de ser*. Nesse sentido, ele afirma que a profissão do jornalista tem talentos mais mentais do que mecânicos e que cada vez mais é reconhecido pelas suas motivações éticas. Ou seja, deve ser um indivíduo que vive os valores de sua profissão. “Ser jornalista é sobretudo uma maneira de ser.” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 34).

Nesse sentido entra uma característica essencial apontada por Blázquez do comunicador, que é o fato de ele necessitar *ser vocacionado* para desempenhar seu papel, não o fazendo como obrigação ou por não ter outra opção. “O profissional de comunicação deve ser uma pessoa com vocação. Isto significa que, mais do que ter atitudes e inclinações, precisa trabalhar com gosto e reta intenção.” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 87).

O profissional da comunicação também deve ser conhecido pelo seu *desinteresse*, de acordo com o pesquisador. O foco deve estar no bem comum, na busca pela verdade, “os imperativos da verdade e os interesses do público estão sempre acima dos seus próprios e daqueles que o rodeiam, sem que isto queira dizer esquecimento ou desprezo pelos últimos” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 87).

Dentro dessas características, o pesquisador traz conceitos e ações que devem guiar esse profissional no exercício de sua função.

A *informação objetiva e a veracidade* devem ser buscadas pelo bom profissional, de forma clara e sem manipulações. “A honestidade do jornalista, sob o ponto de vista moral, é salva aspirando-se sempre a conhecer e dizer a verdade com a maior objetividade possível no sentido original e contando-a de fato com veracidade e respeito à dignidade humana” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 211).

Esse profissional também deve ser guiado pela *correção de erros e o direito de resposta*, sendo isso um complemento da busca pela verdade objetiva, que também supõe o acesso e participação do público. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 213).

A *liberdade de expressão e responsabilidade informativa* também devem ser buscados por esse comunicador, o que pressupõe, de acordo com o pesquisador, a “independência que todo profissional de comunicação precisa manter em face das pressões externas provenientes dos poderes sociais reais de caráter financeiro, político ou ideológico” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 219). Nesse contexto, o pesquisador afirma que a liberdade de informação é uma liberdade pública, portanto, tem limitações. Alguns exemplos são os direitos humanos do receptor e a consciência do jornalista – que devem ser pautados pelas normas deontológicas da profissão. Essa liberdade significa que

a lei pública geral garante a independência dos profissionais de comunicação no seu trabalho de busca e tratamento de notícias, mas sempre dentro de limites mínimos e razoáveis estabelecidos pela própria lei em nome do bem comum e dos interesses próprios e específicos da profissão, cujos serviços são reconhecidos e apreciados por sua transcendência social pública. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 227).

O autor também aponta que esse profissional deve ter *liberdade de pensamento e de consciência*, sendo a primeira a “capacidade efetiva que todos nós temos para pensar, refletir, imaginar ou sonhar acordados sobre aquilo que nos dê vontade, sem ingerências externas por parte do Estado” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 225) e a segunda pode ser entendida como “se cada um pudesse, à margem da razão e do respeito devido aos direitos humanos fundamentais, pensar o que quisesse sobre o bem e o mal moral” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 226).

Pensando nesses aspectos, o autor diz que esse profissional deve responder a uma *cláusula de consciência*, na qual estão os valores, pensamentos, códigos de conduta próprios desse indivíduo que não podem ser desrespeitados: “um jornalista não pode ser obrigado nem discriminado por se negar a escrever contra os ditames de sua consciência ética” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 229).

Esse comunicador também deve respeitar o *segredo profissional*. Isso significa que o comunicador tem um compromisso moral de não manifestar a ninguém as notícias que sejam conhecidas e apuradas por via confidencial, não revelando fontes do mesmo modo. Esse segredo é, contudo, limitado em casos específicos, como a promoção do bem comum. Ou seja, ele não deve ser mantido se for prejudicial para comunidade ou causar danos a outras pessoas inocentes. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 246).

Na hora de passar a informação ao público, esse profissional *não deve fazer uso de tratamento difamatório ou plagiar*. De acordo com o pesquisador (1999, p. 249): “a informação autêntica é incompatível com o fato de dizer a verdade difamando ou furtando dos demais o seu pensamento. O objetivo de informar não justifica atropelar a dignidade do próximo, mesmo que para dizer a verdade”.

Esse comunicador também deve ser um profissional que *respeita os limites de invasão de intimidade* para passar a informação.

a vida privada e a intimidade são valores éticos fundamentais que precisam ser respeitados no exercício da profissão jornalística. O direito de informar não pode ser levado ao extremo e atropelar os círculos pessoais da privacidade de da vida íntima. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 257).

Entretanto, assim como a liberdade de expressão, o direito à intimidade tem limites, como o interesse público, a possibilidade de causar danos a outros inocentes e o caráter público das pessoas. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 264).

Esse comunicador também deve ser *íntegro*. “o conceito de integridade costuma referir-se quase exclusivamente à conveniência de não se deixar subornar, sobretudo com pagamento efetuado no ato para dizer ou omitir algo.” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 265). Esse suborno não é feito apenas por meio de dinheiro, mas também por presentes e gratificações indiretas, como promessas de emprego. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 274)

Nessas características da integridade, o comunicador também deve estar *livre de conflitos de interesse*, ou seja, abordar assuntos ou pautas que vão de encontro às ideias, crenças, interesses e convicções do comunicador ou de parentes e amigos próximos. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 271).

Após discutir essas características e definições, Blázquez faz um resumo e apresenta o perfil ideal desse profissional responsável, dividido em algumas áreas: (BLÁZQUEZ, 1999, p. 322)

Em relação à postura perante o *público*, o profissional ideal respeita a reputação e a vida privada, não difamando ou caluniando terceiros. O compromisso desse profissional é com a veiculação da verdade objetiva, oferecendo, portanto, o direito de resposta e estando aberto a críticas.

Sobre aos *eventos*, o comunicador ideal age sempre de forma ética e honesta para obter informação, comunicando com veracidade e não fazendo uso de manipulação. Caso cometa algum erro, o corrige com rapidez.

A postura ideal em relação à *sociedade* desse comunicador deve ser de respeito às normas éticas comuns e instituições públicas. É um profissional que defende a segurança nacional e defende a comunidade.

Em relação às *fontes*, esse profissional as procura de forma competente e respeita o segredo profissional.

Sobre o *grupo profissional*, é um profissional que age com honestidade, não aceita suborno, gratificações, agindo de forma empática e solidária com os colegas de profissão. Nesse sentido, não pratica o plágio.

Sobre o *ideal de serviço*, esse comunicador serve em primeiro lugar ao interesse público, colaborando, dessa forma, para a criação da opinião pública, contribuindo para a educação. Deve também apoiar a luta social em busca de justiça, paz e respeito.

Em relação à *comunidade internacional*, não ataca nações amigas que respeitem os direitos humanos e atua para o melhor conhecimento do estrangeiro.

Sobre o local em que trabalha ou *mass media*, é um profissional leal, promove a liberdade interna dentro de limites aceitáveis e exige um trabalho que seja justo e com uma retribuição adequada que o permita se sustentar dignamente.

Pensando no meio de comunicação que especificamente nos interessa nesta dissertação, o rádio, ao abordá-lo, Blázquez afirma que a responsabilidade do comunicador é ainda maior. De acordo com o pesquisador, o rádio tem um poder e penetração maior na vida das pessoas, além de ser um meio que conta apenas com o contato auditivo, sem a imagem para intermediar e auxiliar o ouvinte na interpretação das mensagens. Daí, a necessidade de uma conduta altamente ética.

O rádio tem o privilégio de estar livre dos condicionamentos espaço-temporais que entorpecem a comunicação entre as pessoas. Com asas mais velozes que as ondas sonoras e rápido como a luz, num instante leva as mensagens que lhes são confiadas além das fronteiras geográficas e culturais. O rádio é um poderoso meio de formação da opinião pública, de

educação cultural no sentido mais amplo da palavra e de companhia (BLÁZQUEZ, 1999, p. 408).

Além das características já mencionadas, no rádio o pesquisador chama atenção para a necessidade de o comunicador precisar falar de forma clara e sem erros gramaticais, não fazendo uso de linguagem grosseira, indelicada e vulgar. (BLÁZQUEZ, 1999, p. 431) Também não deve agir de forma egoísta com o microfone, fazendo sempre autorreferência, e deve tratar ouvintes e possíveis entrevistados com cordialidade. Deve, também, respeitar a intimidade e familiaridade dos ouvintes. “O bom locutor ou entrevistador de rádio deve aprender a tratar as pessoas sem ferir esses sentimentos nascidos na cultura e dos costumes comumente aceitos.” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 432). Por fim, esse comunicador, por ter apenas disponível o recurso sonoro, deve deixar bem clara a separação de informação e opinião. “Isso acontece com muita frequência quando o locutor deixa de informar para intercalar os seus próprios pontos de vista ou opiniões. Está aqui em jogo o princípio de objetividade informativa” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 433).

O radiocomunicador latino-americano

Além de ter-se uma organização das características ideais para esse profissional, na abordagem do perfil e papel do comunicador, a região, realidade e contexto em que esse comunicador opera são fundamentais. Por isso, tem-se a seguir uma discussão sobre o papel do radiocomunicador na América Latina.

Na atuação desse profissional, Lucht chama atenção exatamente para o fato de o radiocomunicador latino-americano precisar valorizar a identidade de seus ouvintes, entendendo a cultura e o contexto em que fala:

Sempre valorizando as suas raízes e conhecendo seu público. O rádio é um veículo de alcance local, em sua maioria. Hoje, com as transmissões via internet ou por podcast, o alcance tem se ampliado, mas as características de proximidade, proeminência e universalidade permanecem as mesmas. (Informação pessoal, 2019)²⁴

²⁴ LUCHT, Janine. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019

É essa característica da proximidade que, de acordo com a pesquisadora, se bem aproveitada, faz com que pessoas se sintam pertencentes a um determinado local ou comunidade, ainda que territorialmente distante dos seus. Como expressa Lucht, (Informação pessoal, 2019)²⁵ “A mobilidade dos cidadãos pelo mundo favorece esse tipo de situação, na qual alguém - mesmo morando em outro país - possa se sentir em casa em função da escuta de algum programa da ‘sua terra’.” Esse apontamento de Lucht nos interessa especificamente no que diz respeito ao trabalho realizado pelos radiocomunicadores bolivianos nas rádios para bolivianos na cidade de São Paulo. A consciência desse poder da transmissão radiofônica pode ser determinante nas escolhas dos conteúdos e programas a serem transmitidos por meio da rádio e expressa uma qualidade importante do perfil desse radiocomunicador. Na hora de transmitir os conteúdos, a pesquisadora afirma que o maior obstáculo enfrentado pelo comunicador é fisgar a atenção do ouvinte, e que isso deve ser feito de forma equilibrada, para não ultrapassar os limites do bom jornalismo. “O grande risco aqui é deixar de lado a precisão e a apuração jornalística em favor do entretenimento”, afirma a pesquisadora.

Essa questão da valorização identitária levantada por Lucht é também trazida por outros pesquisadores da área como sendo o ponto nevrálgico da atuação dos radiocomunicadores na América Latina. Cardoso afirma ser essa característica extremamente importante, ainda mais no contexto de imigração em que vivem os bolivianos residentes na cidade de São Paulo:

Locutores, radialistas e jornalistas deveriam conduzir seu trabalho seguindo tais premissas: seja por meio de notícias, por meio do entretenimento ligado às tradições da terra natal da dita comunidade, levando informações relevantes e agindo como difusores culturais realizando esta espécie de ponte entre as culturas dos dois países. (Informação pessoal, 2019)²⁶

Nesse sentido, o pesquisador Galvão Júnior aponta que o perfil ideal do radiocomunicador latino-americano é o radiocomunicador que não esquece que o público é ativo e responsivo aos conteúdos transmitidos:

²⁵ LUCHT, Janine. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019

²⁶ CARDOSO, Marcelo. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

O ouvinte é, desde o nascer do rádio, um agente ativo que impõe sua participação na produção e na condução dos conteúdos sonoros. Na era da internet, tal fato ocorre em tempo real de maneira ainda mais intensa e determinante. O público, principalmente o latino-americano, deve ser tratado com atenção e respeito. (Informação pessoal, 2019)²⁷

Esse tratamento com respeito é apontado por Galvão Júnior como sendo viável por meio da valorização desses ouvintes, preservando suas culturas, fomentando o pensamento crítico e enaltecendo os valores regionais.

Comunicar a essência do povo para o povo utilizando a voz desse povo deveria ser condição básica à formação de qualquer perfil, principalmente do radiocomunicador latino-americano, constantemente bombardeado por propósitos que visam, sobretudo, descaracterizar saberes distintos visando uniformizar pensamentos e liminar reflexões. (Informação pessoal, 2019)²⁸

No âmbito da transmissão dos conteúdos, Galvão Júnior afirma que o comunicador deve estar atento à mescla de radiojornalismo e entretenimento, uma vez que ambos partilham características em comum, como: “A inclinação à ironia, a metáfora, ao humor, à crítica, à descontração e à informalidade”. Na hora da transmissão, o comunicador deve dosar muito bem essas características para evitar o sensacionalismo. “A subjetividade perde espaço para a tendenciosidade e o jornalismo e o entretenimento transformam-se em ferramentas de propagação de conteúdos de teor duvidoso que são alicerçados em interesses, quase sempre, escusos.” (Informação pessoal, 2019)²⁹

Para Vaz Filho o perfil ideal do radiocomunicador latino-americano é aquele que conhece a história, a geografia e a cultura do público. Esse profissional, de acordo com o pesquisador, “deve realizar um trabalho também antropológico em busca desse referencial de público. Ouvir este receptor, estar com ele, viver os ambientes urbanos ou não, ter esse referencial faz parte das funções desse radiocomunicador.” (Informação pessoal, 2019)³⁰

Deve também, de acordo com Vaz Filho, ser sensível e dosar o conteúdo transmitido entre radiojornalismo e entretenimento. “O equilíbrio entre formalidade e

²⁷ GALVÃO JÚNIOR, L.C. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

²⁸ GALVÃO JÚNIOR, L.C. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

²⁹ GALVÃO JÚNIOR, L.C. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019

³⁰ VAZ FILHO, Pedro. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 15 de Mar. 2019

informalidade deve ocorrer com cautela, com cuidado. É fundamental ter conhecimento do público de interesse.” (Informação pessoal, 2019)³¹

O pesquisador Russo segue a mesma linha. Para ele esse radiocomunicador deve fazer um radiojornalismo que priorize pautas da comunidade a que se dirige, dessa forma, deve trazer na programação uma “linguagem sonora, oral e textual latino-americana, com seus personagens, histórias retratados pelo encantador poder do Rádio de criar paisagens sonoras ou 'paisagens latino-americanas sonoras.’” (Informação pessoal, 2019)³²

Para Russo, essa transmissão deve ser cuidadosamente equilibrada com o entretenimento.

Tal se dará na medida em que essa mescla entre som, voz e texto tiver seu equilíbrio encontrado. O som, mais próximo da pele como receptora de estímulos, desempenha forte papel nesse cenário, especialmente se pensarmos na função social da Comunicação e, portanto, do Rádio. Construções narrativas que tenham em sua produção a informação textual-oral, regadas a informação agradável embrulhadas em papéis sonoros são presentes especiais aos ouvintes. (Informação pessoal, 2019)³³

Por fim, Villaza Cardoso afirma que esse perfil deve ser construído junto com a comunidade ouvinte e que esse comunicador deve manter a identidade intrínseca de seu país. Pensando especificamente nas rádios para bolivianos na cidade de São Paulo, a pesquisadora afirma que isso:

Seria uma maneira de se sentirem afetivamente ligados ao país de origem, pois o estrangeiro, mesmo sendo bem tratado em outro local, sempre busca estar ligado com notícias e acontecimentos de onde veio. E o rádio, por meio das características como companheirismo pode exercer muito bem esse papel. Continua sendo um elo-audio-cultural. (Informação pessoal, 2019)³⁴

A partir do apresentado pelas entrevistas com os pesquisadores e definições da obra de Niceto Blázquez, vemos, assim, que esse radiocomunicador, antes de mais nada, deve ser um radiocomunicador ligado aos interesses de seus ouvintes, de seu povo, que busque suas raízes e crie um ambiente de identificação entre os seus, promovendo assuntos de interesse de seu público e a valorização da cultura latino-americana. É um comunicador pautado por uma ética coletiva, que está interessado na

³¹ VAZ FILHO, Pedro. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 15 de Mar. 2019

³² RUSSO, André. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019

³³ RUSSO, André. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019

³⁴ VILLAZA CARDOSO, Lenize. **Entrevista**. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 17 de Mar. 2019

promoção de informações que auxiliem seus ouvintes. É um profissional íntegro, que busca uma transmissão pautada em objetividade e veracidade, que corrige erros e promove a participação aos ouvintes.

Dessa forma, as definições e conceitos aqui expostos servirão como base para construção e análise dos perfis apresentados.

4.5 A construção dos perfis – Passo a passo

Tento em conta as premissas do jornalismo literário e do perfil, as definições apresentadas de entrevista semiestruturada, radiojornalismo, entretenimento e serviço, e a discussão sobre o perfil ideal do radiocomunicador da América Latina, desenvolvemos o passo a passo da pesquisa.

Levantamento preliminar de informações

Essa fase foi constituída pelo levantamento de autores e obras que abordassem de alguma forma a temática das emissoras de rádio no Brasil e na América Latina, principalmente as bolivianas. Ela foi desenvolvida ancorada nos princípios apontados por Lima de *pesquisar e estudar*, anteriormente abordados. (LIMA, 2008, p. 367). A pesquisa e o estudo asseguram que o pesquisador não saia a campo sem preparo, seguindo aleatoriamente suas impressões ou intuição. Sem essa etapa, não teríamos conhecimento prévio sobre o assunto ou contexto em que se dão as rádios para bolivianos em São Paulo para, então, poder realizar a aproximação.

Esse processo de pesquisa deu origem à revisão bibliográfica com referências sobre o papel das emissoras de rádios para bolivianos na capital paulista. Como anteriormente mencionado, ele aconteceu de abril a junho de 2017, utilizando, inicialmente, as plataformas digitais à procura de palavras-chave, com buscas realizadas pelo *Google Acadêmico*, sites de universidades, tais como: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Metodista de São Paulo, e pesquisas na biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH). Com a seleção dos trabalhos acadêmicos, posteriormente as pesquisas foram lidas para compreensão de

seus conteúdos, realizando uma separação de informações, dados e citações de acordo com a relevância para o tema. A busca, assim, trouxe como destaque pesquisas oriundas de três universidades: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de Brasília (UnB). Foram também encontrados artigos oriundos de revistas e anais de eventos acadêmicos, como a Interface - Comunicação, Saúde, Educação; o Cadernos Metrópole; o Informe GEPEC; a Iluminuras; a Revista Comunicação e Sociedade; Lua Nova: Revista de Cultura e Política. Os trabalhos são referentes a nove autores: Sidney Antônio da Silva, na área de Antropologia, pela Universidade de São Paulo; Danilo Borges Dias em Comunicação Social, pela Universidade Católica de Brasília; Patrícia Tavares de Freitas, em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas; Giovanna Modé Magalhães, em Educação, pela Universidade de São Paulo; Iara Rolnik Xavier, em Demografia, pela Universidade Estadual de Campinas; Rafael Simões Lasevitz, em Antropologia, pela Universidade de Brasília; Marcia Ernani de Aguiar, em Medicina Preventiva, pela Universidade de São Paulo; e Isadora Steffens e Jameson Martins, em Relações Internacionais, pela Universidade de São Paulo.

Os trabalhos elencados foram fundamentais para compreensão do que já havia sido construído a respeito do tema, quais eram as informações previamente existentes e quais contribuições seriam ainda necessárias.

Entrevistas com pesquisadores e contato inicial com comunicadores bolivianos

A partir das leituras e com mais conhecimento sobre as rádios para bolivianos na capital paulista, partiu-se para uma segunda fase do processo de pesquisa, como extensão dos princípios de *pesquisar e estudar*, apontados por Lima. Nessa fase, sem focar apenas em artigos, pesquisas e livros, passou-se para entrevistas iniciais com pesquisadores e autoridades sobre o assunto, e também contatos iniciais com comunicadores bolivianos.

A primeira conversa foi com o imigrante boliviano e integrante da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil, Antônio Andrade, que é o idealizador do portal Bolívia Cultural. O Bolívia Cultural é um site em que são divulgadas notícias de interesse de imigrantes sobre política, cultura, esporte, entre outros, com conteúdo feito em texto, imagens e vídeos. Embora não trabalhe com rádio, Antônio é

um comunicador conhecido da comunidade e tem contato com todos os tipos de meios de comunicação feitos pelos imigrantes bolivianos em São Paulo. Nos conhecemos em 2015, quando eu estudava escravidão moderna na indústria da moda, envolvendo imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, para meu trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, da Universidade de São Paulo. Assim, meu contato com ele foi para compreender melhor a organização comunicacional dos bolivianos em São Paulo, os problemas apresentados pelos meios de comunicação criados pela comunidade, a importância desses meios, e, também, para saber como eu poderia me aproximar das rádios. A conversa ocorreu de forma espontânea, sem uma entrevista rigidamente estruturada, pois se tratava de uma averiguação inicial para a dissertação. O encontro aconteceu no dia 19 de maio de 2017, em um café próximo à casa de Antônio, na República, São Paulo.

Com o objetivo de compreender a importância do rádio para bolivianos, realizei uma entrevista com a pesquisadora Daniela Cristiane Ota, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professora de radiojornalismo na Universidade do Mato Grosso do Sul, que estudou rádios da fronteira Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia em sua tese *A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro* (2006). Diversos temas foram abordados, entre eles, a configuração das rádios bolivianas na atualidade e proximidade com as camadas populares na Bolívia, entendendo, também, o papel desempenhado pelo meio de comunicação entre pessoas que estão distantes de seus núcleos identitários no país de origem, como é o caso de comunidades fronteiriças ou, também, imigrantes. A conversa com Daniela também não ocorreu com uma entrevista semiestruturada, pois aconteceu sem agendamento prévio, no intervalo do evento I Seminário Avançado PROCAD USP- UFRN-UFMS - A Cooperação Acadêmica em Ciências da Comunicação, no dia 2 de junho de 2017.

Ainda nessa etapa, foi realizada uma entrevista com o professor da Universidade de São Paulo Luiz Fernando Santoro, no dia 22 de junho, em sua sala no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP. Na ocasião, discutiu-se trajetória do rádio na América Latina e as características do meio de comunicação que o fazem ser acessível para camadas populares. A entrevista realizada com Santoro foi semiestruturada.

Como anteriormente dito, todas essas entrevistas e leituras fizeram parte de uma apuração prévia para auxiliar o entendimento do tema. Elas abriram caminho para os contatos com os comunicadores bolivianos.

Contato inicial com comunicadores de rádios em São Paulo

Para ter acesso direto aos comunicadores que trabalham nas rádios para bolivianos na capital paulista, a ajuda de António Andrade foi fundamental. No dia 5 de agosto de 2017, por meio de António, houve uma inserção na festividade de independência da Bolívia e celebração às virgens de Copacabana e Urcupíña, padroeiras do país, realizada no Memorial da América Latina. A festa é a mais importante para os bolivianos residentes no Brasil e foi sua 11^a edição na capital. Na ocasião, o ingresso ao local foi como imprensa³⁵ e, assim, foi permitido transitar livremente pelo espaço de trabalho destinado aos comunicadores bolivianos, sendo eu sempre apresentada por Antônio para os comunicadores de rádios presentes. Durante a festa, tive contato com duas rádios e seus comunicadores que estavam fazendo a cobertura do evento: a rádio Mega Fox e a rádio Infinita. Enquanto a estrutura das rádios para transmissão da cobertura do evento era montada, pude conversar com funcionários sobre o papel das emissoras para comunidade boliviana na cidade de São Paulo e como esses imigrantes desenvolvem seus próprios canais de comunicação em um novo contexto de vida. Entre as fontes contatadas na ocasião, estavam Jaime Chuquimia, dono da rádio Mega Fox, e Franklin Castro, dono da Infinita, que conversaram sobre a organização de suas emissoras e trabalhos desenvolvidos por eles. Outra importante fonte apresentada no evento foi Jorge Gutierrez, presidente da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil, que falou sobre a organização dos comunicadores bolivianos em São Paulo e a importância de acesso à informação para esses imigrantes.

Todas as conversas foram realizadas de forma espontânea e informal, pois o objetivo inicial era ganhar a confiança desses comunicadores e ser aceita em seus ambientes de trabalho.

³⁵ Para facilitar meu acesso à área destinada aos comunicadores que estavam cobrindo o evento e ter contato com os radialistas, Antônio Andrade me registrou como colaboradora do portal Bolívia Cultural. Eu o ajudei realizando algumas entrevistas durante o evento e recebi o crachá de imprensa. Dessa forma, meu acesso aos comunicadores foi facilitado e pude iniciar os primeiros contatos.

Esse contato direto com os comunicadores de rádios para bolivianos foi importante para conhecer melhor os comunicadores e as rádios, e para confirmação da importância que têm para os imigrantes.

Assim, a partir desses contatos, foi marcada uma entrevista formal com Jorge Gutierrez, presidente da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil, ocorrida em 18 de agosto, no Café Colombiano, sediado na Oficina Cultural Oswald de Andrade. A entrevista foi semiestruturada, durando uma hora e meia, e teve por objetivo entender o funcionamento da Associação, quais são os principais veículos de informação para os bolivianos e como esses veículos se organizam na comunidade.

Após essa entrevista, Jorge me convidou para ministrar duas aulas para os comunicadores bolivianos de rádios, quando pude conhecer mais pessoas e sobre o universo que atuam.³⁶

Escola dos perfilados

Depois de *pesquisar e estudar* e iniciar o contato com os comunicadores de rádios, a quarta fase da pesquisa foi baseada na escolha dos comunicadores que foram perfilados. A seleção foi delimitada entre comunicadores que fossem membros da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil e que se interessaram pela proposta de serem perfilados, darem entrevistas e falarem sobre o tema em questão.

Para fazer a seleção, levamos em conta a definição do perfil de Lima, anteriormente mencionada, que afirma que a pessoa geralmente “personifica a realidade do grupo em questão.” (LIMA, 2008, p. 52). Nesse sentido, a atenção foi para escolher comunicadores que tivessem programas e fossem atuantes. Comunicadores que soubessem sobre os problemas enfrentados e necessidades do grupo, que opinassem e estivessem imersas dentro dessa realidade e que pudessem, de

³⁶ Uma palestra foi marcada no dia 20 de outubro de 2017. Ela realizada por mim para os comunicadores que fazem parte da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil, cujo objetivo foi discutir conceitos de comunicação popular e ética jornalística. Na reunião, que não teve nenhum objetivo oficial para fim da pesquisa a não ser a aproximação com a comunidade, estavam presentes cerca de 20 comunicadores bolivianos e foi essencial pra abertura de diálogo com o grupo. Na ocasião, a partir de perguntas e afirmações dos presentes, ficou claro que esses comunicadores não tem nenhuma formação para o desempenho de suas atividades, mas, em contrapartida, têm muita vontade e disposição em aprender sobre o trabalho que desempenham. A palestra foi tão proveitosa que foi marcado um segundo encontro, realizado no dia 21 de novembro de 2017, em que foi discutido o que é notícia, critérios de notícia e o dever do jornalista. Na ocasião, pude explicar melhor o objetivo da minha pesquisa e falar sobre a possibilidade de visitar alguma emissora e realizar um perfil de comunicadores.

certa forma, ser representativos de uma realidade mais ampla, a saber, a dos comunicadores bolivianos de rádio na cidade de São Paulo.

Também tomamos emprestado o critério de Vilas-Boas, que leva em conta que *o ser humano é irrepetível*, e a de *que existem pessoas que se diferenciam* por suas atitudes e pensamentos (VILAS-BOAS, 2014, p. 273). A partir do contato com a comunidade e os comunicadores, procurei observar aqueles que se destacavam e tinham uma postura de mais evidência e atuação nas rádios. Além disso, o comunicador teria que ter interesse em participar da pesquisa.

A partir disso, a proposta de pesquisa foi apresentada aos comunicadores presentes nas aulas ministradas por mim na Casa do Povo, em outubro e novembro de 2017. Nessa ocasião pude conversar com alguns comunicadores, desde iniciantes até mais velhos, pessoas que exercem um papel de liderança nesse nicho, e observar a viabilidade de suas participações. Essa apresentação da pesquisa, intenção e objetivos foi desenvolvida tendo como base a *atuação ética* apontada por Martinez da obra de Kramer, em que a pesquisadora afirma que deve estar claro que o jornalista está o local como profissional e que ele exponha o método do trabalho para os participantes, para que eles possam inclusive recusar a participação. (MARTINEZ, 2016, p. 41) A partir da explicação da pesquisa, alguns manifestaram interesse. Depois de conversas com eles, os comunicadores que foram escolhidos e aceitaram participar da pesquisa foram Jorge Gutierrez e Jaime Chuquimia.

Jaime Chuquimia tem 43 anos e é natural de La Paz, Bolívia. Mora no Brasil há 24 anos e trabalha com rádio há 16. Ele é dono da Rádio Mega Fox, aberta em 2014, e presidente da Federação Única de Bolivianos em Brasil. Jaime é um comunicador muito conhecido e sua rádio é mais estruturada, com 8 programas, e investe muito na sua emissora. Vários comunicadores bolivianos trabalham na Mega Fox e ele está em contato diariamente com as necessidades das rádios, além de ter uma postura de investimento e modernização da comunicação boliviana. Pelo papel de comunicador, dono de uma Rádio, Jaime foi escolhido para ser perfilado e falar sobre o trabalho de comunicador boliviano em São Paulo.

Jorge Gutierrez é boliviano, tem 62 anos, e nasceu em Oruro. Foi presidente da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil desde sua fundação, em 2013, até julho de 2018. Ele trabalha com rádios para Bolivianos em São Paulo há 18 anos. Ele tem uma rádio pequena em sua casa, a Nova América, de programa esportivo, aberta

em 2013 e mantida apenas por ele, e também trabalha como comunicador da rádio Mega Fox, também com um programa esportivo. Pela função que deteve é um dos comunicadores mais envolvidos com as rádios e lida direto com problemas, demandas e conquistas dos comunicadores. Tem uma atuação voltada ao direito do boliviano se comunicar. Exatamente por causa de sua liderança, história com o rádio e penetração na comunidade, que ele foi escolhido para ser perfilado.

Aproximação e acompanhamento dos perfilados

Após essa seleção, começamos a quinta fase da pesquisa, de aproximação dos perfilados, criação de relacionamento e compreensão da realidade que os envolve.

A partir da escolha dos comunicadores – Jaime e Jorge, iniciei a aproximação com os dois perfilados, em que marcava encontros com eles para que eu os pudesse conhecer melhor e frequentava locais que eles também frequentavam – como seus locais de trabalho - além de conversar com pessoas que os conhecem e outros comunicadores. Essa ação foi alicerçada e desenvolvida sobre os princípios de Vilas-Boas que apresentamos de *pesquisar, observar atentamente, conversar, movimentar-se e refletir*. Ele preconiza que o pesquisador pesquise o contexto em que vive a pessoa. (VILAS-BOAS, 2014, p. 274). Assim, passei a marcar entrevistas com os perfilados, visitar seus locais de trabalho, conversar com colegas deles e entender a realidade em que vivem, como apontarei a seguir. Também, como indica Vilas-Boas (2014, p. 275), entrei no mundo de Jorge e Jaime *sem preconceitos*.

A necessidade de *imersão* apontada por Lima e Martinez também originou e embasou o desenvolvimento dessa etapa. Como anteriormente dito, a *imersão* requer que o pesquisador esteja ao lado do retratado, mergulhe no objeto de estudo, frequente os locais que essas pessoas frequentam e converse com pessoas que se relacionam com o perfilado para que motivações, valores e atitudes sejam compreendidos. (LIMA, 2008, p. 377). Martinez afirma que a imersão deve ter como alvo um nível de exatidão exigente, o que demanda muita pesquisa e familiaridade com o tema abordado (MARTINEZ, 2016, p. 40). Junto com a aproximação do perfilado, essa familiaridade fica complementada sobre a realidade em que vivem com toda pesquisa prévia e retomada bibliográfica apresentadas no Capítulo 1 e 2.

Assim, realizei o que chamo de *entrevistas de aproximação* com os perfilados. Com Jorge elas foram feitas no dia 11/04/2018, na cafeteria Café Colombiano, na Oficina Cultural Oswald de Andrade. Também no dia 18/04/18 fizemos mais uma entrevista no Café Colombiano. No dia 02/05/18 estive na Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro, onde Jorge trabalha para conhecer o local, mas não realizamos entrevista. De igual modo, no dia 20/06/2018, estive com ele e com um amigo que o acompanhava em uma conversa informal em uma padaria ao lado da UBDS do Bom Retiro. Antes das *entrevistas de aproximação*, realizei uma entrevista com Jorge, já mencionada anteriormente, no dia 16 de agosto de 2017, quando conheci a Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil. Apesar de não ser uma entrevista da fase de *entrevistas de aproximação*, ela será utilizada na construção do perfil uma vez que foi feita no desenvolvimento da presente pesquisa.

Com Jaime, me encontrei no dia 28/02/18, na cafeteria Café Colombiano, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, no dia 11/04/18, na Smart, empresa da qual ele é dono, e no dia 02/05/18, no novo prédio da Smart. Todos os locais foram escolhidos por eles. Além dos encontros presenciais, mantinha contato com eles semanalmente por meio do WhatsApp.

Durante esses encontros, que tinham em média uma hora e meia, me propus a conhecer mais sobre a história de vida desses comunicadores. Para os encontros, eu preparava uma entrevista semiestruturada, com base no método apresentado por César Augusto Bernal Torres, com perguntas sobre suas trajetórias e sobre suas histórias com o rádio, para que eu tivesse informações mínimas a respeito dos perfilados. Mas pela própria natureza dos encontros – que não deveriam ser um momento burocrático, mas de aproximação, em que eu pudesse conhecer os perfilados e deixá-los à vontade comigo, outras perguntas surgiam durante as entrevistas e muitas vezes os questionamentos existentes no guia tiveram suas ordens alteradas. Falamos sobre a história deles, sobre como viviam na Bolívia, o porquê vieram ao Brasil, o que achavam das rádios, como tinham começado a trabalhar como comunicadores, as dificuldades que enfrentavam, entre outros. As entrevistas foram gravadas. Elas fizeram parte desse momento de imersão, e foram uma prévia da entrevista final que realizei com ambos, cujas perguntas também foram antecipadamente preparadas a fim de que obtivéssemos as informações necessárias para apresentar o perfil desejado.

A opção por esses encontros foi feita exatamente para que criássemos uma relação de confiança, para que a timidez fosse sendo superada e que eu conhecesse verdadeiramente meus perfilados. Sem essa aproximação inicial e convívio, a entrevista final com certeza não teria a profundidade e transparência que teve, e, também, eu não teria uma leitura real desses comunicadores. Não haveria a necessária *compreensão*. Nesse sentido é interessante apontar sobre como minha relação com esses comunicadores foi mudando a cada encontro. O Jaime, por exemplo, é muito tímido e em nossa primeira entrevista ele mal falava. Tinha dificuldade de se expressar e desenvolver bem as frases. Acabava por me dar respostas curtas e pouco profundas. Com o tempo, ele foi se abrindo mais e falando de forma mais relaxada, dando risada, contando sobre seu passado e falando sobre sua família. Dessa forma, em nossa entrevista final, ele estava muito mais seguro e se sentindo à vontade com minha presença. Nesse sentido, é importante também ressaltar as diferenças no andamento das entrevistas, visto que cada perfilado tem uma personalidade e uma história de vida, que acabavam fazendo com que a aplicação final do guia tivesse diferenças entre eles. Além disso, muitas vezes na hora da entrevista percebia pelo andamento que as perguntas tinham que ser feitas de forma mais simples e separadas, para auxiliar na compreensão dos entrevistados.

Além dos encontros, comecei a tentar me incluir em algumas atividades de ambos. Ir ao trabalho do Jorge e do Jaime foram experiências interessantes, porque pude conhecer onde eles passam o dia e onde trabalham quando não estão fazendo rádio, e como se relacionam com colegas de trabalho e, inclusive, como são vistos e recebidos por essas pessoas. Durante o tempo de pesquisa, participei duas vezes da festa de independência da Bolívia e celebração às virgens de Copacabana e Urcupiña: a primeira em 5 de agosto de 2017 e a segunda no dia 11 de agosto de 2018. Nesta, fiquei exclusivamente acompanhando a cobertura da rádio Mega Fox, ao lado do Jaime e do Jorge, que foram trabalhar pela rádio. Na ocasião, observei atentamente o trabalho dos comunicadores, as dificuldades que enfrentaram. Pude também entrevistar quatro outros comunicadores que trabalham na Mega Fox e que conhecem bem Jaime e Jorge, além de também trabalharem com rádio e poderem falar sobre esse tema. Foram eles: Wilmar Rios, Gastón Flores, Lucy Calle, e Marianela Arauco. Na festa passamos mais de quatro horas juntos. As entrevistas serão usadas na composição do perfil, levando em conta a necessidade de ter outras visões e inserções.

A introdução de personagens secundárias leva em conta a definição apontada por Vilas-Boas (2001, p. 87) com base na obra de Muniz Sodré e Maria H. Ferrarri³⁷ de *mini-perfil*. Esse envolvimento e as entrevistas complementares com outros comunicadores foram executadas tendo como base premissa de Lima já mencionada de *compreensão*, abandonando uma visão unilateral da explicação (LIMA, 2008, p. 36). Ter entrevistas com pessoas próximas aos perfilados e também comunicadoras é essencial para uma transmissão coesa e pautada nos fatos.

É importante dizer que a presença nesses espaços a premissa de *olhar para o simples*, elencada por Martinez e anteriormente citada, guiou as ações. (MARTINEZ, 2016, p. 42). Nesse sentido, conhecer o trabalho, o programa, as atitudes dos comunicadores foram importantes para captar os detalhes. Na entrevista final realizada com ambos, pude acompanhar uma transmissão dos programas e ver como eles realizam esse trabalho na prática.

Entrevistas semiestruturadas finais

Com um conhecimento abrangente sobre a realidade desses comunicadores, foram realizadas as *entrevistas semiestruturadas finais*. Essa etapa, como as *entrevistas de aproximação*, foi desenvolvida como base o método de entrevista semiestruturada apresentada por César Augusto Bernal Torres. Assim, primeiramente foi feita a fase de preparação, na qual, como aponta Torres (2006, p. 257), definimos o objeto a ser investigado e os objetivos da investigação e preparamos o guia das entrevistas finais. Elas foram pensadas a fim de que tivéssemos o conteúdo necessário para responder ao objetivo da presente pesquisa, a saber, apresentar um perfil de comunicadores bolivianos que trabalhem em rádios voltadas aos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, focando em suas histórias com o rádio, no papel que desempenham como comunicadores, e, nesse sentido, aprofundar especificamente a produção e transmissão de notícia, a saber, o radiojornalismo.

Posteriormente a essa preparação, passamos para segunda etapa, a de execução das *entrevistas finais* (Torres, 2006, p. 257). Elas foram gravadas e transcritas. Por se tratarem de entrevistas semiestruturadas, que apresentam, portanto,

³⁷ SODRÉ, Muniz. & FERRARI, Maria H. Técnicas de Reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística, Summus: São Paulo, 1986

certa flexibilidade, perguntas não programadas, que surgiram decorrentes das respostas dos entrevistados durante as entrevistas, não foram descartadas. Antes, foram fundamentais para completude deste trabalho. Durante as entrevistas, foi posto em prática o princípio apontado por Martinez de o pesquisador estar focado no relato oral e na maneira como o entrevistado se expressa, uma vez que a forma do dizer – muitas vezes mais do que o próprio dizer – revela inúmeros aspectos do perfilado (MARTINEZ, 2016, p. 29). Da mesma forma, prestou-se atenção no *simbolismo* apontado por Lima (2008, p. 378). Nesse sentido, o pesquisador teve que ficar atento e compreender a realidade do entrevistado de forma profunda e às suas expressões. Nas entrevistas finais, questões que apareceram nas *entrevistas de aproximação* foram retomadas e aprofundadas.

Quando terminamos a entrevista final realizada com Jorge Gutierrez, dois amigos dele que são comunicadores, Hugo Spinoza e Henri José, chegaram em sua casa e, dessa forma, também contribuíram com algumas respostas sobre o trabalho desenvolvido pelos comunicadores. Na entrevista final com Jaime Chuquimia acompanhei a transmissão do programa. Luis António, um comunicador que o ajuda, também estava presente e também respondeu a algumas perguntas na ocasião.

Nas entrevistas finais, fotos dos comunicadores e ambiente de trabalho foram tiradas para compor ao perfil.

Tendo em vista o que foi desenvolvido no passo a passo do método até aqui, a atenção esteve intencionalmente voltada para os quatro processos anteriormente citados, e apresentados por Vilas-Boas (2014, p. 280): os espaços, os tempos, as circunstâncias e os relacionamentos.

Análise e organização do material

Essa etapa foi centrada na retomada do material coletado e escrita dos perfis. Nela, iniciou-se também um momento de *distanciamento*, desenvolvido com base na indicação já citada de Lima (2008, p. 373).

Esse distanciamento foi necessário exatamente para organizar o material e ter um posicionamento mais crítico do conteúdo coletado. Nesse momento, as entrevistas foram retomadas e transcritas. Assim como possibilita o método, as respostas das entrevistas foram complementadas com a própria vivência da pesquisadora com os

perfilados, suas impressões e leituras sobre o contexto em que se deram as entrevistas e postura dos entrevistados. Da mesma forma, materiais coletados em atividades dos comunicadores ou por meio de conversas com outros comunicadores foram utilizados para acréscimo de informações e compreensão da realidade abordada.

Para organizar esse conteúdo e iniciar a escrita, também foram postos em prática dois princípios apontados por Lima. A ação foi pautada nas já citadas *função educativa de disseminação do conhecimento* (LIMA, 2008, p. 366) e *função do profissional de ser um tradutor de conhecimentos*, que, com o trabalho, contribui para compreensão de diferentes realidades. (LIMA, 2008, p. 368).

Dessa forma, nessa fase, por fim, colocou-se em prática a característica apontada por Lima do autor do jornalismo literário. “É um estudioso constante da realidade. Interpreta, avalia, busca unir os fios de compreensão que unem ações, pessoas, ambientes.” (LIMA, 2008, p. 369)

Para essa análise, também foram utilizados os conceitos e definições apresentados dos gêneros de rádio radiojornalismo, serviço e entretenimento, além da discussão sobre o perfil do comunicador, com foco no radiocomunicador latino-americano.

Escrita dos perfis

Pautado nas orientações de Lima, no momento de ser elaborado, o texto foi preparado levando em conta o *compromisso com o real e a exatidão e precisão*. (LIMA, 2008, p. 355) O fato de ser escrito com base no jornalismo literário, não interfere ou impede a informação de forma precisa, verossímil e ética.

No desenvolvimento da narrativa, foi levado em conta o princípio de Lima de *propensão humana a contar histórias* (LIMA, 2008, p. 358), para que o texto fosse envolvente e cativasse o leitor. Nortearam também esse ponto da etapa as características apontadas por Martinez que dizem respeito à necessidade de o pesquisador dar uma *estrutura adequada e agradável* à história que será contada e sua liberdade narrativa, definida como *posição móvel do autor* (MARTINEZ, 2016, p. 43). Da mesma forma, o texto também foi pensado para ser aprimorado com o olhar da pesquisadora, que, como indica Lima (LIMA, 2008, p. 369) deve ser feito com *estilo próprio e voz autoral*.

A partir desses pontos, foi levada em conta a *criação de sentidos*, destacada da obra de Kramer por Martinez (2016, p. 44) que, segundo a pesquisadora, é essencial para potencializar toda narrativa, pois ao se preocupar com essa criação, o pesquisador faz com que o leitor se aproxime e conecte com a história.

Por fim, entra o princípio apontado por Lima (2008, p. 359) que regeu toda narrativa, como também a postura da pesquisadora, que é o de *humanização*. Nesse sentido, como própria natureza do perfil e do jornalismo literário, o humano foi posto em primeiro plano e valorizado na escrita do texto, tratado com respeito e cuidado.

5. ELES E AS RÁDIOS: PERFIS DE COMUNICADORES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Este capítulo descreve os perfis de Jaime Wilston Mamani Chuquimia e Jorge Gutierrez, sendo que o método, como anteriormente apresentado, foi baseado nas definições de perfis, de Sérgio Vilas-Boas (2001; 2014), na escrita literária pautada nas pesquisas de Edvaldo Pereira Lima (2008) e Monica Martinez (2016), e na execução de entrevistas semiestruturadas, com base nas definições de César Augusto Bernal Torres (2006). A análise dos perfis de Jorge Gutierrez e Jaime Chuquimia teve o apoio das obras de André Barbosa Filho (2003) e Niceto Blázquez (1999), além de entrevistas com seis pesquisadores de Comunicação Social cujos trabalhos acadêmicos são voltados ao rádio e ao radiojornalismo. Os textos apresentam características do trabalho por eles desempenhado, desde a formação do comunicador até a produção radiofônica. A análise deles é apresentada posteriormente, nas Considerações Finais.

Algumas considerações são importantes sobre os textos finais.

(1) Os perfis foram escritos com base em fragmentos das entrevistas realizadas, juntando informações tanto das *entrevistas finais* como das *entrevistas de aproximação*, uma vez que estas reafirmam e complementam informações dadas nas *entrevistas finais*. As entrevistas semiestruturadas de *aproximação* foram realizadas com Jaime Chuquimia, nos dias 28 de fevereiro³⁸, 11 de abril³⁹ e dois de maio⁴⁰. A

³⁸ CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Cafeteria Colômbia, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 28 fev. 2018.

entrevista final foi realizada no dia oito de outubro de 2018⁴¹. As entrevistas semiestruturadas de *aproximação* com Jorge Gutierrez foram feitas nos dias 11⁴² e 18 de abril⁴³. Antes dessa etapa realizamos uma entrevista no dia 16 de agosto de 2017⁴⁴, que também foi utilizada; A *entrevista final* foi realizada com Gutierrez no dia 15 de setembro de 2018⁴⁵. Junto a essas entrevistas, o texto final também conta com fragmentos de entrevistas realizadas com seis comunicadores: Wilmar Rios, Gastón Flores, Lucy Calle, e Marianela Araucco.⁴⁶ que foram entrevistados no dia 11 de agosto de 2018, e Hugo Spinoza e Henri José⁴⁷, no dia 15 de setembro de 2018. Essas entrevistas compõem os *mini-perfis*.

(2) Todas as aspas apresentadas nos perfis são transcrições exatas das respostas obtidas nas entrevistas realizadas com os comunicadores ao longo desta dissertação e estão dentro do contexto em que foram ditas. Para facilitar a leitura deste capítulo, as citações dos entrevistados foram inseridas de forma direta no texto, sem a repetição do item INFORMAÇÃO VERBAL com as datas, no texto ou em nota de rodapé. Todas as entrevistas estão disponíveis no link disponível em áudio e também foram transcritas.

³⁹ CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Empresa Smart. São Paulo. 11. abr. 2018.

⁴⁰ CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Empresa Smart. São Paulo. 02 mai. 2018.

⁴¹ CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Empresa Smart. São Paulo. 08. out. 2018.

⁴² GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 11 abr. 2018.

⁴³ GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 18 abr. 2018.

⁴⁴ GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 16 ago. 2017.

⁴⁵ GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Rua da Graça, residência de Jorge Gutierrez, Bom Retiro. São Paulo. 15 set. 2018.

⁴⁶ ARAUCCO, Marianela; CALLE, Lucy; FLORES, Gastón; RIOS, Wilmar; Entrevistas concedidas a Susana Berbert. Memorial da América Latina, São Paulo. 11 ago. 2018.

⁴⁷ JOSÉ, Henri; SPINOZA, Hugo. Entrevista concedida a Susana Berbert. Rua da Graça, residência de Jorge Gutierrez, Bom Retiro. São Paulo. 15 set. 2018.

(3) Optou-se por utilizar nos textos a palavra *comunicadores* e não *jornalistas* ou *radiojornalistas* pois é exatamente essa palavra que os perfilados e os demais imigrantes bolivianos que trabalham nas rádios utilizam para falar sobre si mesmos. É esse substantivo que confere identidade dentro da comunidade boliviana a eles e os agrupa na função que exercem. Dessa forma, na escrita do perfil, essa nomenclatura foi respeitada.

5.1 Jaime Wilston Mamani Chuquimia

Fotografia 1 – Jaime Chuquimia, Estúdio Mega Fox

Foto: Susana Berbert, 2018

**“Sempre agradeço a Deus por me dar essa oportunidade, me sinto bem por que
estou ajudando na informação”**

O caminhar é rígido, preciso. Cada movimento parece antecipadamente calculado. O corpo atravessa a sala como que guiado por uma reta invisível. Os

braços mal se movem entre as passadas. Pendem ao lado do tronco, retos, praticamente estáticos. Ele veste uma camisa, invariavelmente escura, dobrada até o cotovelo. As calças, jeans, são justas. Nos pés, sapatos sempre lustrosos. Os pulsos são enfeitados por relógio e pulseiras de couro. Às vezes, no pescoço traz um colar.

As palavras que dele saem parecem ser tão controladas quanto seu exterior. Fala quase sempre com os olhos baixos. A boca pouco se abre nas pronúncias. Mas entre as expressões escassas, o sussurro da voz, as mãos que se cruzam incessantemente enquanto responde o interlocutor, Jaime Chuquimia se diz sem signos. Revela-se, ao tentar se esconder.

“Perdón pelo atraso” é sua frase de cumprimento. Sempre a repete quando me vê. O relógio que leva no pulso marca o mesmo horário que o meu, mas Jaime insiste em chegar trinta, quarenta, até uma hora depois do combinado. Ele a diz com um riso tímido no rosto, desconcertado.

A empresa de que é dono fica no segundo andar de um prédio novo, recém reformado, na rua Dr. Costa Valente, no Brás. Ele é composto por cinco salas grandes, uma delas um auditório para mais de cem pessoas, em que dá cursos e palestras sobre empresas e administração. A decoração do espaço é branca e laranja. Na recepção, duas bandeiras grandes do Brasil e da Bolívia pendem de uma base de madeira. O escritório em que me atende é formado por três mesas de vidro e algumas cadeiras. Tudo é impessoal. Sem quadros, decoração. Tão discreto quanto o dono. Em uma janela de vidro, à esquerda do elevador de entrada, é possível ver o estúdio da rádio de Jaime. Antes, ficava em sua casa. A mudança aconteceu para facilitar o trânsito entre a rádio e o trabalho. O lugar é formado por dois computadores, mesa de som e microfones. Três câmeras digitais ficam desligadas em três pedestais, mirando para poltronas vermelhas, parte de um projeto que Jaime tem para fazer lives no *youTube* e *facebook*. A rádio é transmitida ao vivo pela internet. Nas redes sociais um link também é disponibilizado para ser ouvido. A estrutura formada por ele destoa do estúdio dos outros comunicadores. “Normalmente é nas próprias casas deles né, porque como eu falei, não tem recursos. Esse estamos montando agora, falta ainda muita coisa.”

Jaime tem orgulho de onde está. Um orgulho genuíno, sem arrogância. A impressão que passa é que, ao olhar o que construiu, enxerga também de onde veio.

Jaime Wilston Mamani Chuquimia é o mais velho de cinco irmãos. Nasceu e passou quase toda infância na zona rural de La Paz. “Eu sou de uma família bem humilde, pobre. Lá na Bolívia é muito complicado”. Os pais eram agricultores. Cultivavam frutas como maçã, pêssego, uva, que vendiam nos mercados da cidade. Aos doze anos, conta que abandonou a escola e foi sozinho para cidade de Santa Cruz de La Sierra tentar a vida. Queria trabalhar. Queria ajudar a família. “Mas como era menor de idade, não consegui trabalhar, sofri para fazer para alguns mandados. Trabalho, trabalho, assim, não consegui. Fiquei um ano e poucos meses.” Enquanto lá vivia, os pais mudaram para Cochabamba para serem vendedores. Ele os seguiu. Foi na cidade que teve seus primeiros contatos com uma rádio. Ele conta que a casa em que morava com os pais ficava em um local alto da cidade. Ali, colocaram uma antena de transmissão de uma rádio. Jaime conta que conheceu o dono da emissora e visitou o estúdio. “E ele falava algumas vezes: ‘Você não quer ir lá fazer rádio?’. Não me interessava, eu não conseguia falar nada, eu não sabia, achava que não servia pra ser locutor.” Essa crença perseguiria Jaime por muitos anos. Até hoje, ele se surpreende com os caminhos que a vida o levou.

Foi aos 18 anos, quando terminou o colégio e não tinha dinheiro para entrar na faculdade, que decidiu sair da Bolívia.

Eu tinha uma prima que morava aqui, que tinha chegado justo nesse final de ano, e falou pra eu vir pro Brasil. E eu vim para trabalhar. Trabalhei um ano, não foi fácil de acostumar, voltei pra Bolívia, depois voltei de novo. Foram três anos caminhando assim até ficar de vez, trabalhando em costura.

Jaime conhece bem os desafios enfrentados pelos imigrantes bolivianos no Brasil. Viveu esses caminhos. Precisou insistir para continuar no país.

No começo foi muito difícil, porque não era assim como é hoje, agora, não tinha liberdade, não tinha documento, tinha que esperar anistia, era um pouco complicado, não tinha internet para se comunicar com a família, telefone era muito caro, então era só pelo correio que se comunicava.

De costureiro, em quatro anos no país abriu sua própria oficina. O trabalho era familiar. Ele e os irmãos atuavam juntos. Depois, há três anos, abandonou o ramo para iniciar a Smart, que define como sendo uma espécie de poupa tempo do imigrante. A empresa realiza trâmites de documentos, oferece serviço de contabilidade, abertura de contas em bancos online e repasse de dinheiro para Bolívia. Esses serviços são muito usados pelos bolivianos, mas poucos os oferecem com

qualidade. A Smart fez diferente, cresceu. Jaime à frente. Com seu passado e presente, ele é a personificação do imaginário que sonda a mente dos imigrantes quando chegam ao país. Para comunidade boliviana, Jaime é aquele que venceu.

Com uma vida que ganhou contornos inimagináveis, sua história como comunicador não foi diferente. Do jovem que não se imaginava como locutor, acabou se tornando um.

Foi cerca de oito anos depois de chegar ao país que o convite de fazer parte de uma rádio bateu em sua porta. Um amigo, com quem jogava futebol aos finais de semana, começou a insistir. “Eu não queria, porque não sabia nem falar. Ele insistiu e eu falei: ‘Não, tenho que fazer alguns cursos’. E ele falou: ‘Não precisa fazer curso, só falar, só ouvindo, só fazendo você vai aprender’. Foi desse jeito que ele me levou.” Esse convite ingênuo acabou levando a outros. Jaime passou por mais rádios, foi ganhando experiência.

Depois disso eu comecei não só querer pegar o microfone e falar, mas me aprofundar, o que é a comunicação? Como tem que falar? Tudo isso... E eu gostei muito porque era um meio que a gente, principalmente os bolivianos aqui no Brasil, era um meio de comunicação mesmo, de você transmitir informação, de ajudar. Também de passar todas as informações do que está acontecendo dentro da comunidade, de orientar, tudo isso.

Jaime tem uma personalidade inquieta, aventureira. Sempre busca estar em uma posição de independência, liderança. Assim como nas outras áreas da sua vida, desde a empreitada na imigração ao país aos empreendimentos no trabalho, na rádio ele também quis ser dono de seu próprio negócio. Em 2014 surgiu uma proposta: um empresário da área de consórcio queria patrocinar um meio de comunicação para fazer propagandas. Ofereceu a Jaime a oportunidade de abrir uma emissora. Por três meses, ele entraria com os recursos e Jaime com as propagandas. Jaime não titubeou: “Eu estava trabalhando em uma outra rádio e nessa rádio eu não era muito bem-vindo, não sei por que, sempre ficavam no meu pé e não gostavam daquilo que eu fazia”. Juntou o irmão, que também era comunicador, um amigo, e abriu a Mega Fox. No início, a transmissão também acontecia com frequência pelo dial. Hoje a prioridade é a internet. A transmissão é pelo site da emissora e replicada no *youtube e facebook*. No entanto, por cobrança dos ouvintes, algumas vezes a rádio ainda entra na FM. Para isso, Jaime afirma pagar um brasileiro, que tem uma antena. Entretanto, para ele, a tendência é que essa prática acabe, ainda persiste nela porque nem todos os ouvintes têm acesso à internet. Mas o futuro, para ele, é on-line.

Uma mistura de humor e notícia. É assim que Jaime define seu programa. De segunda a sexta, das dez ao meio dia, ele leva informações sobre a Bolívia, Brasil e sobre a comunidade de imigrantes em São Paulo. O programa “La voz de la igualdad” é um dos oito transmitidos pela emissora. Com exceção do quadro esportivo de Jorge Gutierrez, é o único que passa informações. Os outros são divididos em gêneros musicais que vão desde músicas regionais da Bolívia, como a cumbia, até canções românticas, antigas, e atualidades latinas, como o reggaeton. Cada um é feito por um comunicador, que produz o conteúdo em sua casa e transmite pela internet. Com o crescimento da web, Jaime também tem investido em outras mídias. Quer aproveitar as possibilidades para transmitir conteúdos em vídeos. Por isso, alguns eventos também são transmitidos com imagens pelo *facebook*.

No estúdio de Jaime, os dois computadores se revezam entre a página no *facebook* da rádio, o serviço de streaming e sites de notícia bolivianos. Ele se posiciona ereto, polido em frente às máquinas. No microfone, suas falas saem espontâneas. Não há um roteiro específico a ser seguido. Enquanto está no ar, desce a barra de rolagem da página do buscador à procura de notícias da Bolívia mais interessantes. Jaime as lê direto do site, da forma como foram escritas. O portal que mais gosta é o chamado *Lá Razón*, um jornal que, como diz, não é do governo boliviano. Jaime conta que raramente tem uma rotina de preparação do conteúdo. “Por falta de tempo às vezes nem prepara né, às vezes prepara um dia antes, ou no final de semana porque tem dias que diferencio [o conteúdo].” Para ajudar nesse processo, prejudicado pela correria, ele conta muitas vezes com um colega. “Tem um colaborador que me ajuda a fazer rádio, ele pesquisa algumas notícias bem importantes mesmo que ele me ajuda a passar todos os dias.”

Enquanto transmite seu programa, impressionada fico com a mudança em sua fala e postura. Ele se expressa com fluidez. A impressão que dá é que, por não ser visto, sente-se livre. Na rádio, está sempre à vontade.

O conteúdo transmitido por Jaime é dividido de acordo com os dias da semana. Às segundas, Jaime investe em notícias sobre a Bolívia e a comunidade boliviana. Fala sobre os assuntos mais polêmicos e as últimas notícias do país de origem. Depois, conta as informações mais atuais da comunidade, sobre reuniões que

ocorreram no final de semana, festas e informações sobre os últimos acontecimentos envolvendo os imigrantes na Capital.

Como estamos longe do nosso país, como a rádio é mais para bolivianos, eu falo as notícias da Bolívia mesmo, o que está acontecendo com o país, o governo, o que está fazendo, também os problemas lá na Bolívia, tudo isso. E também as notícias que passam dentro da comunidade boliviana, os eventos que têm, os comunicados bolivianos.

No final de 2017, seguindo seu papel de influência, foi eleito Presidente da Federação Única de Bolivianos em Brasil, um órgão formado para representar as demandas dos imigrantes para autoridades bolivianas, como o Cônsul, e brasileiras. Por isso, Jaime frequenta todas as reuniões de grupos dentro da comunidade boliviana e recebe informações sobre problemas, assim como novidades. Esse envolvimento faz com que ele tenha acesso a notícias e facilidade para informar os ouvintes. “Como sou obrigado a estar dentro de todos os acontecimentos, eu vou indo para todo lado, aí essas informações eu tô vendo mais de perto.”

Já nas terças-feiras, ele fala sobre algum tema específico que esteja em alta: “Por exemplo, na feirinha da madrugada, o que é bom da feirinha da madrugada, o que a gente poderia aproveitar, o que não é bom, o que está acontecendo, o que poderíamos melhorar” Na quarta, o mesmo. Normalmente, esse dia ele conta que dá preferência para assuntos relacionados a negócios.

A gente fala mais sobre empresas, como que as empresas podem melhorar, o certo para fazer, que ramo poderia fazer pra ficar boa, passo a passo, tem muitas informações do que outras empresas estão fazendo também, para passar essa informação do que está acontecendo com os empresários, e assim eles poderiam captar e pelo menos já ter uma ideia de como empreender.

Já na quinta e na sexta, o comunicador escolheu dar a seu programa o espírito do final de semana, mais descontraído, com músicas e humor. “Para distrair, porque também está chegando o final de semana, então eles gostam dessa variedade de transmitir a informação.” Essa diferença de conteúdo apresentada durante os dias foi pensada de forma intencional. Para o comunicador é a variedade de atrações na programação da rádio - músicas, notícias, esporte - e de assuntos que aborda em seu programa que especificamente atrai o ouvinte. Por se tratar de uma rádio para imigrantes, ele afirma que não é vantajoso ter uma emissora que aborda apenas um único assunto.

Acho que a rádio Mega Fox foi assim trabalhando mais completo para todo público, por ser imigrante. Se fosse na Bolívia, não daria certo, porque tem rádios que é só informação, só música juvenil, aí separa. Aqui não tem como fazer isso, então temos uma rádio só, com variedades.

Para ele, o comunicador tem um papel ímpar dentro da comunidade em São Paulo e precisa ter consciência de sua importância.

Às vezes quando tenho reunião com meus colegas eu falo isso, a gente tem muita influência na parte da comunidade boliviana. Porque eles trabalham fechado, não saem na rua, trabalham desde cedo até tarde, e tudo o que a gente fala na rádio, a gente mostra o que tá acontecendo lá fora, então influencia bastante.

Jaime diz que as rádios se propagaram entre os imigrantes bolivianos porque é o meio de comunicação que possibilita eles trabalharem com atenção e, ao mesmo tempo, terem um entretenimento entre as horas de costura.

Não tem como assistir TV, porque você tem que prestar atenção com os olhos no que está fazendo e isso só pela rádio mesmo, por isso que deu certo a rádio aqui [...] E como trabalham tão cedo até tão tarde, então o dia inteiro tem que escutar a rádio, por isso que dentro da comunidade boliviana, que escutam rádio é das sete horas até dez horas, aí pra lá quase ninguém mais escuta, porque está cansado, já vai dormir, então todos desligam a rádio.

Por causa dessa influência, ele afirma ser tão importante o fornecimento de informações. “A gente mora aqui no Brasil tem que saber o que está acontecendo, o que vai acontecer, e, por ser boliviano, a gente se importa o que está acontecendo no nosso país. Tudo o que está acontecendo a gente transmite pela rádio, lá na Bolívia.”

Na hora de escolher o conteúdo que vai transmitir relacionado ao país de origem, ele fica atento ao que está sendo polêmico e chamando a atenção das pessoas. “É como no Brasil, no momento está uma notícia que está impactando o país inteiro, uma violência, vamos supor, e as pessoas também querem saber, inteirar tudo o que realmente está acontecendo. Então é igual.” Um assunto abordado por ele, exemplificou, foi a questão da saída marítima de seu país e a história de uma juíza que deu uma condenação errada. “Passou agora também que, não sei se vai retomar, que uma vez uma juíza lá na Bolívia condenou uma pessoa inocente, então tava dando muita polêmica, eles estão atentos ao que acontece e a gente tem que dar todas as informações do que está acontecendo.”

O contato com o desconhecido nunca é fácil. Existe o medo, a solidão. A saudade. Quanto mais se sabe sobre o novo lar, sobre onde se coloca pela primeira vez os pés, mais segura é a chegada, menos pesada a adaptação. No Brasil, na opinião

de Jaime, são exatamente em temas relacionados às leis brasileiras e aos direitos dos imigrantes que o comunicador boliviano deveria se focar. “Dentro da comunidade, eu acho que essa é a principal informação que tem que passar, porque muitas vezes chegam da Bolívia sem conhecimento da lei do Brasil, não conhecem nada.” O contato com um mundo novo, inexplorado, somado ao trabalho intenso dentro das oficinas, de acordo com Jaime, faz com que o comunicador tenha um papel ímpar para levar aos imigrantes informações que os façam poder viver bem e se integrar melhor ao país. Informações simples, como sobre campanhas de vacinação, ajudam a melhorar a qualidade de vida do ouvinte.

Acho que sempre essas informações do que está acontecendo no Brasil para que eles possam atuar também. Na parte da saúde, trabalho, ou mesmo de viagens que estão acontecendo, que documentos precisam, tudo isso a gente tem necessidade de passar, todas as informações para comunidade boliviana. Como falei, eles trabalham até muito tarde, eles não tem como sair na rua, ter todas as informações. E através da rádio eles informam.

Jaime conhece o histórico do imigrante boliviano. Ele viveu a trajetória percorrida diariamente por muitos outros. Entende, então, que o objetivo de muitos é ser dono de sua própria oficina de costura. Dessa forma, com foco nos serviços que a Smart oferece, Jaime também fala sobre a necessidade de levar informações sobre empreendedorismo. “Parte de documentação, orientação de como empreender em uma empresa, na parte jurídica, tudo isso a gente transmite, essas informações, para onde eles têm que ir primeiro, tudo isso.”

Nesse sentido, ele aproveita o espaço que tem na rádio para promover seu negócio e faz propaganda dos serviços fornecidos pela Smart, como a facilidade de abertura de conta em banco, contabilidade e auxílio jurídico. Para ele, é uma forma de ter algum retorno oriundo da rádio, já que ele não tem receita da emissora de outra forma. “Não tem como fazer propaganda porque, primeiro, as empresas não querem mais, não sei por quê. Eu ajudo mesmo com minha empresa. Faço divulgação da minha empresa. Não faço outras.”

O homem tímido, discreto, das palavras contadas, transforma-se quando fala sobre o poder que a rádio teve em sua vida. Enquanto aborda esse tema, sorri. Jaime atribui a ela os rumos que sua história tomou e a posição que se encontra hoje. Foi graças ao trabalho desempenhado na rádio, ele diz, que ganhou respeito e confiança dentro da comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo, e isso o ajudou a ser

bem-sucedido. Somando-se a isso, disse que importante também foi sua personalidade discreta, polida. “Na rádio eu falava muito de poder crescer, eu transmitia essa tranquilidade para as pessoas, e eles acreditaram na empresa que eu comecei trabalhar, e ajudou muito ser popular assim, como locutor.”

Foi por causa desse trabalho, também, que ele conta ter superado limitações. “Quando eu comecei na rádio não conseguia nem falar, às vezes tinha medo de falar no público em geral, só que me deu uma autoestima a rádio, depois de falar tinha muitas pessoas ligando, escrevendo mensagem, ‘Tá bom, tá bom’ e isso foi subindo a autoestima”. Para ele, o labor feito de forma voluntária pelos comunicadores nas rádios tem sempre um retorno, direto ou indireto, em suas vidas. Ele conta, por exemplo, que quando começou a fazer seus programas nas rádios, enfrentou forte oposição de alguns familiares, principalmente da mãe. Para ela, o filho perdia tempo e dinheiro ao sentar-se em frente ao microfone. “Ela brigava comigo, dizia: ‘você está perdendo dinheiro, está perdendo tempo, porque você não trabalha’, mas eu acreditava que isso ia me ajudar em qualquer outro negócio que eu ia fazer”. Hoje, então, ele incentiva os colegas.

Às vezes, para eles, pode ser como se estivesse perdendo tempo, porque não tem retorno, dinheiro. Eles fazem de vontade, porque gostam mesmo, e eu falo sempre: ‘não vejam que vocês vão ganhar dinheiro, mas pensem que comigo deu certo, ser conhecido pelas pessoas, todo dia falar na rádio, tava popular já, muita gente me escutando, já me conhecia, e o negócio que eu coloquei aqui, o trabalho que coloquei, foi dando certo’. E agora não me arrependo de ter perdido todo esse tempo, cinco, seis anos, na rádio.

O incentivo que dá aos comunicadores que trabalham na Mega Fox não é apenas verbal. Sempre que pode, Jaime dá uma espécie de bonificação aos colegas que produzem os programas da rádio. Não é um salário, é um agradecimento. “Eu reconheço também, pelo horário que estão ocupando, fazendo rádio. Dependendo do que tem de entrada na empresa, às vezes eu separo pra rádio e dou uma bonificação para eles, tem que ajudar, né?” (Informação verbal)⁴⁸ Jorge Gutierrez, que tem o programa de esporte ao meio dia na rádio de Jaime, afirma que o retorno é motivador. “Ele dá uma retribuição, para um pouco recompor o que estou fazendo. É um estímulo importante.”

⁴⁸ CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Cafeteria Colômbia, Oficina Cultural Oswald de Andrade. São Paulo. 28 fev. 2018

Nesse sentido, a via de investimento entre rádio e empresa é de mão dupla. Se por um lado ser conhecido na rádio o ajudou a impulsionar seus negócios, por outro, o sucesso atual da empresa faz com que ele invista na Mega Fox. Além do retorno, ainda que simbólico, aos comunicadores que colaboram na rádio, o estúdio novo de onde Jaime transmite seu programa é a prova disso. Equipado, amplo, com computadores novos e câmeras digitais para um projeto em desenvolvimento.

Com seu esforço em construir uma rádio diversificada e um programa que transmite informações, para Jaime, como comunicador, ele cumpre um papel jornalístico. Mas de forma ampla, para ele essa função não é executada de forma satisfatória pelos comunicadores. Em suas palavras, falta muita matéria. O que sobressai é o conteúdo musical.

Sempre melhorar na parte de informação geral, de poder ter um conteúdo completo, isso que está faltando muito, é incompleto às vezes. Sempre falo com eles também que a gente não teria que falar muito se a gente não soubesse muito bem o que realmente aconteceu. Isso um pouco falta dentro da comunidade boliviana.

O motivo, para ele, é simples: ser comunicador é um trabalho voluntário. O que faz na Mega Fox é exceção, e, ainda assim, é simbólico.

O grande problema que enfrenta o comunicador, é a parte financeira, não tem retorno, então para poder pegar todas as informações, tem que ter tempo. O comunicador tem outro trabalho e não tem tempo suficiente para poder pegar todas as informações e transmitir. Eu acho que é esse o problema. Se eles tivessem dentro da comunicação retorno, eu acho que iria atrás de muitas informações para transmitir para o público.

Ele diz que é exatamente essa a principal dificuldade do comunicador e o que limita o trabalho desenvolvido por eles, fazendo com que o conteúdo não seja completo. Sem salário e, por isso, sem dedicação exclusiva às rádios, o comunicador vê sua atuação limitada. Daí, aqueles que passam informações acabam usando a internet como principal fonte de notícias.

Todo mundo se vira pela internet, tira notícia, não temos próprio notícia, fazer notícia mesmo, porque não tem patrocinador, dinheiro pra se locomover, deixar de trabalhar e só correr atrás de informação. [...] O que tem ajudado comigo é que estou sempre participando das reuniões, como eu falei, eu já não trabalho direto, estou participando de reuniões, convidando para eventos, como presidente da Federação, sempre estou participando, e até aí eu tenho minha própria notícia pra compartilhar, pra levar, pra transmitir, isso está ajudando muito pra mim. Mas pra um locutor que trabalha na costura, não consegue fazer isso.

Com tantas limitações, ainda assim Jaime tem orgulho do trabalho desempenhado pelos comunicadores. Dentro da realidade por eles vivida, diz que fazem o melhor. “Mas eu falo assim, mesmo sendo assim pelo menos a gente tá passando informação. Porque não tem retorno e pelo menos a gente se sacrifica de poder trazer e levar as informações.”

Nesse mundo de muito trabalho e pouca recompensa, Jaime acredita que a motivação de estar em uma rádio, de poder falar ao público e ser ouvido, é a força motriz do comunicador. Em comparação à Bolívia, aqui desempenham um ofício sem a necessidade do diploma, da formação.

Lá na Bolívia para trabalhar na rádio você tem que estudar, tem que ser contratado por uma rádio, então chegando aqui às vezes tem essa oportunidade de falar na rádio sem ser profissional, então é isso que incentiva para eles, “agora eu consegui falar na rádio, então vou continuar, vou me aprofundar, vou tentar fazer o melhor”. Então assim que vai incentivando e vai fazendo tudo o possível para ser um comunicador.

É preciso dedicação e vontade para percorrer esse trajeto nas rádios dentro da comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo. Para ter seu próprio programa semanal, é preciso mostrar competência. Jaime conta que os iniciantes falam nas rádios aos finais de semana, porque o número de ouvintes diminui. “Todo mundo trabalha até sábado meio dia, depois todo mundo sai de casa e ninguém escuta rádio mais. Então tem esses horários que a gente prova, coloca pra eles nesse horário.”

Foi assim que ele também começou. Quando aceitou o convite do amigo que insistiu para que fizesse rádio, Jaime passou a ter um programa de humor com uma hora de duração aos sábados. Ele conta que se esforçava para melhorar. “Eu fui mesmo aprendendo, vendo pela internet, escutando locutores que davam dicas de como fazer, e assim, escutando os outros, vendo, sabendo história dos outros locutores que sempre contaram, como que eles também começaram a fazer rádio, e fui aprendendo.” Gravar o programa para ouvir a si mesmo era uma das táticas que ele usava para se aprimorar dia a dia. No começo conta que ficava decepcionado com o resultado. “Eu ouvia o que fazia para melhorar, ver o que estava errando, mas como eu não sabia nada, então era tudo que não estava bom para mim. Mas como era sábado e não tinha muito ouvinte nesse horário, aí fui aprendendo.” Foi quando ganhou popularidade e prática que passou a ter o próprio programa durante a semana.

Na busca de tornar-se um comunicador e ter um melhor no desempenho do trabalho, cursos são valorizados entre eles. Em 2017, Jaime trouxe um radialista da

Bolívia para dar duas semanas de palestras para os comunicadores que se dedicavam ou queriam entrar na Mega Fox. “Foi ensinando os principais pontos: como tem que transmitir as informações, como tem que falar, jeito de falar, de poder conseguir as informações, alguns cursos de linguagem, então tudo isso foi ensinado”. Depois do curso, ele selecionou comunicadores para integrarem o time da rádio. Além disso, ele também incentiva a participação em aulas e reuniões organizadas pela Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil. Para ele, todo conhecimento adquirido tem que ser transmitido.

Na transmissão dos programas, Jaime afirma que alguns comunicadores da comunidade trazem da Bolívia um traço importante e de inclusão: o idioma. No país andino duas línguas nativas são predominantes: quéchua e aimará, e elas são reproduzidas. “A grande maioria da comunidade boliviana que vem é de família mais humilde na Bolívia e todos eles vêm assim sabendo essa língua, ou quechua ou aimará, e viram que que é necessário ter esse tipo de programa.” Para ele, uma iniciativa importante para a valorização da cultura do imigrante.

Cultura. Se por um lado, tratando-se de notícias, o trabalho dos comunicadores deixa a desejar, por outro a existe uma área que eles dominam: o entretenimento. Jaime é rápido em pronunciar essa palavra quando questionado sobre quais os pontos fortes do trabalho por eles desenvolvidos. São as músicas folclóricas, regionais, latinas, que revivem o espírito boliviano na capital e que fazem com que as horas pesadas de trabalho sejam sentidas como sendo mais leves. “Porque a grande maioria da comunidade boliviana trabalha na área de costura e eles precisam ser entretidos com música. Músicas bolivianas são difíceis de ouvir aqui no Brasil. Tudo isso. Entretenimento acho que eles estão fazendo muito bem.”

A predominância do entretenimento não se deve apenas à falta de tempo para o comunicador se dedicar a um conteúdo elaborado, mas também ao dia a dia do ouvinte. Jaime explica que o cotidiano do costureiro faz com que ele busque ouvir coisas que o animem e façam continuar o trabalho. Por isso ele diz investir em uma rádio com vários programas diferentes, principalmente musicais, e em seu programa, voltado mais às notícias, tenta sempre inserir humor. Ele cita sua experiência como costureiro para justificar sua postura.

Todo mês a mesma coisa, todos os dias, fazer, sentado na máquina, no mesmo lugar, costurando e costurando. Se não tem entretenimento na rádio, você fica dormindo, cansado. Quando tem algo que entretém e que

gosta de ouvir, o trabalho fica muito mais rápido. Eu sentia isso, então por isso que eu tinha que fazer esse tipo de programação. Não seja muito, só notícia mesmo, porque às vezes cansa.

E quando se une informação e entretenimento?

“Si no hubiera la radio nadie sabría que hay fiesta aquí”

O dia onze de agosto amanheceu ensolarado. O céu estava azul, nenhuma nuvem aparecia no horizonte. O sol brilhava só, mas não esquentava. Na rua, corria um vento gelado. Fazia frio. Era uma típica tarde de inverno na capital paulista.

A festa estava marcada para dez horas da manhã. Às oito, alguns deles já estavam no Memorial da América Latina. No corpo, levava uma blusa preta, polo, com um logo da Mega Fox. As arquibancadas de ferro já estavam montadas para receber os patrícios e o percurso por onde os dançarinos passariam também. Nesse dia, os imigrantes bolivianos em São Paulo comemorariam a independência da Bolívia com uma celebração para a padroeira do país, a Virgem de Copacabana, e a padroeira de Cochabamba, Urkupiña. A festa é a maior feita pela comunidade no Brasil. De manhã até anoitecer, grupos folclóricos se apresentam levando ao público danças tradicionais. Comidas e bebidas típicas também fazem parte da comemoração. O evento leva centenas de bolivianos até o local. Muitos vestem roupas características de suas etnias, como as *cholitas*, mulheres descendentes de indígenas que caminham com suas tranças, saias rodadas e coloridas pelas ruas. Algumas levam filhos ou netos, crianças ainda pequenas, amarradas em seus corpos com o awayo, tecido andino colorido e muito tradicional. Cores, dança e música. Tradição. A união da expressão andina.

Nesse ano, os comunicadores assistiam a festa de uma posição privilegiada. Encontrei Jaime e os funcionários exatamente onde ele me disse que os encontraria: em cima de um dos palcos principais. Estavam eufóricos. Além da rádio, iriam estrear a transmissão da festa ao vivo pelo *facebook*, com imagens e entrevistas. A cobertura deveria começar junto com a festa, às dez da manhã, mas atrasou. Enquanto o primeiro grupo de dançarinos desfilava, eles ainda tiravam os equipamentos das caixas. Um computador completo, uma mesa de som, três câmeras Sony profissionais, três tripés e vários microfones. Quando tudo estava pronto, não tinha internet. O comunicador responsável por programar o computador e instalar o modem estava

trabalhando, demorou para chegar. As questões técnicas, para eles, são as piores. “Levar, trazer, internet. A velocidade da internet é muito fraca e atrapalha”, disse Jaime enquanto assistia as apresentações, sem poder transmiti-las. Essa fala se repetiria na boca de vários comunicadores durante o dia.

Ao todo, quatorze pessoas participaram da cobertura pela emissora de Jaime. Ele era o único que não estava com a roupa da rádio. Vestia uma camisa preta, discreta. Comandava à distância sua equipe, pouco interferiu no trabalho por eles feito. Apenas se reuniu com eles algumas semanas antes da comemoração para dividir tarefas e passar orientações, como, por exemplo, para não atrapalharem o andamento da festa. Não discutiram sobre pautas específicas. Estariam à vontade para desenvolver a cobertura e eventuais reportagens. Dos comunicadores, dois rapazes ficaram os dias inteiro responsáveis por fazer matérias com câmera e microfone, para o canal do *youtube*, e os doze restantes se dividiram em três turmas de quatro pessoas. Uma trabalhou das oito da manhã ao meio dia, a outra do meio dia às quatro da tarde e a outra das quatro da tarde às oito da noite. Essas turmas ficavam responsáveis pela parte técnica e também pela transmissão ao vivo na rádio e no *facebook*.

Vendo-os daquela forma, uniformizados e com equipamentos novos, prontos para trabalhar, me lembrei de como encontrei a equipe da rádio nessa mesma festa, em 2017. Jaime e os funcionários chegaram atrasados na ocasião. Ficaram sob uma tenda branca, pequena, ao lado das arquibancadas, sem poder enxergar muito bem a dinâmica do local. Estavam munidos de uma mesa de som, alguns microfones e uma câmera fotográfica. A equipe era pequena. Em 365 dias muito tinha mudado.

Um ano depois, enquanto os equipamentos eram montados e a cobertura não começava, Wilmar Rios se empenhava para fazer a transmissão acontecer. Caminhava de um lado para o outro tentando encontrar uma solução. Estava de prontidão para qualquer aceno de Jaime. Com 35 anos, a Mega Fox era sua primeira experiência com rádio. Estava na emissora há um ano. Entrou depois do curso que Jaime fez com o radialista boliviano. Seu programa, “Conectados”, passa das dez às onze e trinta de noite. É de entretenimento, voltado a músicas românticas. Ele estava feliz pela oportunidade. Entrar para a rádio, para ele, tinha sido uma forma de se expressar.

Desde que iniciou o curso, para mim começou a nascer algo em mim, de estar presente nos lugares no meio das pessoas, começar a pegar informação, você tem que procurar informação e senti que comecei a ingressar no centro da informação. Antes eu ficava de fora, quando não

fazia comunicação, mas agora estou dentro e consigo ter informação, me sinto muito feliz por isso.

Em Wilmar, era nítida a diferença que ser um comunicador fazia em sua autoestima. “Eu fui tímido, não falava entre as pessoas, e a comunicação me abriu a oportunidade de poder procurar mais informação e ganhar mais confiança pra mim, para eu falar em público, eu não fazia isso antes. Aí que me ajudou bastante.” Na festa, sua função era ajudar principalmente na parte de logística e técnica, mas também se preparava caso precisasse fazer algumas entrevistas. Para ele, as informações da cobertura deveriam estar focadas na história da cultura boliviana e como ela estava sendo manifestada por meio das danças e canções. “As rainhas, história, os fundadores, falar do início de cada dança no nosso país, para aqueles que não conhecem, quando se iniciou.” Pra Wilmar, o comunicador precisa de mais investimento, profissionalização, pra fazer um bom trabalho.

Precisamos de mais informação. Nós não somos profissionais. Sabemos que falta informação. O que a gente precisa é fazer curso, de acordo com os nossos programas, eu faço um programa que é mais romântico, aí preciso de uma informação, como melhorar tudo isso, melhora aquilo que eu gostaria que as pessoas gostassem mais. E pra mim mesmo, pra eu me sentir melhor. Para fazer conhecer mais o trabalho que quero fazer. Falta mais formação que é o primordial para ser um bom comunicador.

A uma da tarde o roteador foi instalado e a cobertura ao vivo pela rádio começou. Três horas depois do início da festa. Consistiu essencialmente em entrevistas com dançarinos, músicos e responsáveis por grupos folclóricos. Mas a maior parte do tempo apenas as músicas eram transmitidas. Eu olhava para o Memorial da América Latina e ficava impressionada. Estava lotado. Um mundo andino concentrado na capital paulista.

“Muy buenas tardes y a todos los ouvintes e que están también viendo a través de la pagina da Mega Fox envitarles para que puedan venir assistir esa fiesta que nosotros estamos celebrando.” Foi assim que Carol estreou sua participação na cobertura da festa. Seu nome verdadeiro é Lucy Calle, mas a rádio a deu outra identidade: Carol é o substantivo próprio que escolheu para ser conhecida pelos ouvintes. Sua passagem no microfone foi breve, um simples convite aos patrícios que ainda não tinham ido até o Memorial, para que fossem. Era transmitida simultaneamente pela rádio e ao vivo pelo *facebook*. Carol está há sete anos no Brasil, é dona de uma oficina de costura e de uma pequena loja de roupas. Assim como Wilmar, nunca tinha trabalhado em uma rádio e ingressou na Mega Fox após o curso

organizado por Jaime com um radialista boliviano. Seu programa vai ao ar das oito às dez da noite. É de entretenimento, com músicas atuais e voltado ao público jovem. “Eu faço um programa juvenil, de mais entretenimento, faço um pouco de piada, para a juventude, eles gostam de reggaeton, que coloco, são músicas que estão na moda. Meu público é mais para jovens.”

A mudança no nome para ser comunicadora também representa as mudanças pelas quais passou depois que entrou para rádio. Carol diz que perdeu a timidez, o medo. Ganhou reconhecimento.

Quando eu não fazia rádio, ninguém me conhecia. Agora que estou fazendo, todo mundo quer falar comigo, me respeitam mais eu acho. Isso é bom, como estou fazendo rádio até lojas querem fazer propaganda comigo. Mas não é algo que dá lucro, é mais popularidade. Por enquanto, é o que estou recebendo.

Não ter retorno financeiro é para ela o ponto nevrálgico, a causa maior da falta de preparo e aquilo que prejudica o oferecimento de melhores conteúdos.

Se a rádio nos pagasse, um salário para se sustentar, eu me dedicaria totalmente, para que pudéssemos mostrar um bom trabalho. Mas como não tem um lucro, não nos dedicamos 100%. Mas fazemos tudo para apresentar um bom trabalho. Mas faltam cursos para a gente se profissionalizar mais, falta muita coisa.

Apesar de tanto faltar, sobra vontade para fazer. Daí que, apesar das dificuldades e problemas, o trabalho realizado por cada comunicador, ainda que limitado, é importante e relevante para comunidade. Para Carol, as rádios não são um capricho, mas têm uma função única e indispensável para os imigrantes. É a rádio que orienta, mobiliza, informa, entretém e reúne os bolivianos em São Paulo. O trabalho que faziam ali, naquela tarde, era uma manifestação clara da relevância que as emissoras têm.

Se não existisse a rádio, ninguém saberia que tem festa aqui, que dia, que hora. Não saberiam se algum boliviano precisa de ajuda, também não saberiam o que está acontecendo na Bolívia, porque pela rádio se informa o que aconteceu na Bolívia, se teve algum acidente, às vezes tem algum familiar aqui. É necessário que tenha rádio boliviana aqui.

Ao seu lado, Marianela Arauco nos ouvia. Se aproximou. Ela e Carol são amigas na rádio. Marianela tem 46 anos e é dona de uma pequena oficina de costura, que funciona em sua própria casa. Chegou no Brasil em 2002. Assim como para Carol e Wilmar, entrou na Mega Fox há um ano, depois de participar do curso organizado

por Jaime. Essa é sua primeira experiência com rádio. Marianela é tímida. Fala muito pouco, mas sorri de sobra. Somada à falta de profissionalização, disse que é exatamente essa sua maior dificuldade na hora de fazer seu programa. “Sou tímida, mas tento me desenvolver. Falta cursos para a gente aprender, para nos expressarmos melhor.” Ela vai ao ar das dez da noite até meia noite levando ao público músicas românticas. Para festa, tinha se preparado para falar origens das danças: “Me preparei para falar aqui no palco, falar de nossa cultura, de nossas danças, de nossas cores, que é de nossa querida Bolívia. De cada dança, por exemplo, preparei para falar desde quando fundaram, cada um de nós se preparou”

Ela se sentia bem por estar ali, mas disse que ainda precisam melhorar. “Me sinto feliz trabalhando na rádio, porque eu gosto. Mas não temos tempo de nos dedicarmos 100% por causa do trabalho”.

Ser um comunicador por tempo integral. Esse é o sonho de Gastón Flores. Desde 2011 ele trabalha com rádios. É um dos braços direitos de Jaime e o ajuda no programa de notícias sempre que pode, selecionando assuntos, indo atrás de informações e pesquisando temas que estejam em alta. “A gente faz um programa que digo que não teve no Brasil da comunidade de imigrantes, que fala de jornal, como se fosse um café da manhã, jornal da Bolívia, acontecimentos que teve lá, informações esportivas.” Na festa ele não estava focado na transmissão ao vivo, mas em fazer matérias para o *youtube*. Era a primeira vez que teriam o material também em imagens, contou. Testaria no vídeo sua habilidade na rádio. Durante o evento, ele caminhava de um lado para o outro com um jovem ao seu lado, responsável pela câmera. Entrevistava dançarinas, diretores de grupos folclóricos, autoridades. Falava de forma muito espontânea, sem pauta previamente preparada.

Como eu tenho experiência, eu já tenho mais ou menos as perguntas decoradas para fazer as perguntas para autoridades, pessoas. Tem que preparar a equipe também, câmera, quem vai me acompanhar. Você viu, é tudo improvisado, ninguém é profissional aqui, mas a gente sabe improvisar também. Já conhecem como tem que fazer o trabalho. Resumindo tudo é experiência e improvisação mais que tudo, né?

O microfone, esse equipamento que tanto segurava na cobertura, o encantou nos primeiros dias de experiência na rádio. Gastón é um apaixonado. E pela paixão, tenta se aprimorar. Quer se formar em jornalismo.

Comecei a gostar da comunicação, do microfone. Comecei fazendo um programa de rádio. Depois de muito tempo eu comecei a buscar alguns

curso de comunicação social na internet, fiz alguns cursos, mas não sou profissional ainda, preciso terminar a escola para poder entrar na universidade realmente.

Ele disse que é a falta de estudo que limita o comunicador.

Falta muita notícia, a maioria é só de apresentação de música, nome da música, só isso. Mas poucos programas têm que falam da comunidade boliviana. Só que primeiro tem que ter conhecimento. Quando você tem conhecimento, você fala sobre muitas coisas, mas quando não tem, tem que só falar de música, ler mensagem.

Apesar das limitações no programa de notícias de Jaime que ajuda a fazer, ele diz que se esforça para conseguir informações boas. Em termos de jornalismo, afirma que tudo o que acontece relacionado à comunidade de imigrantes bolivianos interessa para o comunicador. E exemplifica:

Qualquer acontecimento que tem, tanto da comunidade, festa, reunião, algum boliviano foi assaltado, esfaqueado, algum boliviano sendo escravizado, qualquer coisa assim. Temos um contato com um policial civil, Sr. Dr. Felipe Prado, ele sempre manda um alô no Whatsapp quando tem casos diferentes de bolivianos com problema. A gente vai lá, com a reportagem, pergunta o que aconteceu, e isso é um exemplo para a comunidade aprender e tomar precauções. Nosso foco é qualquer acontecimento que tenha, assembleia geral, autoridades, convocações, qualquer reportagem focada na comunidade boliviana e de imigrantes nós estaremos ali.

Para ele, a importância de estarem cobrindo aquele evento, acompanhando as músicas e levando informações aos ouvintes era, em primeiro lugar, poder mostrar a cultura boliviana, pontos positivos da vida dos imigrantes andinos no Brasil, que muitas vezes são ignorados.

A importância é a seguinte: nós como imigrantes bolivianos aqui do Brasil, filmando, fazendo a reportagem, a transmissão desse evento, fazemos conhecer para nossos próprios patrícios bolivianos que estão na Bolívia, que a comunidade boliviana se organiza aqui no Brasil, trabalha de maneira organizada para mostrar a cultura que a gente tem, para mostrar para o povo brasileiro. E pra gente é importante também fazer esse trabalho para o povo brasileiro conhecer que o boliviano não é só exploração, escravidão, que só trabalha em costura, triste.

Ali parecia não caber espaço para tristeza. Em Jaime era visível seu orgulho pelo que estavam fazendo naquele dia. Sua postura de confiança nos comunicadores, sem interferir no trabalho, transparece o que ele espera para o futuro.

¿y mañana?

De volta ao escritório na rua Dr. Costa Valente.

No Brás, caía uma garoa fina. Apesar do dia cinza e chuvoso, estava abafado em São Paulo. No estúdio da Mega Fox, Jaime se despedia dos ouvintes. “Muchas gracias a todos ustedes, que tengan un resto jornada muy buenísimo e un empiezo de trabajo esa semana, que tengan buenos resultados en esta semana de trabajo. Muchas gracias, hasta las diez de la mañana;”

O amanhã. Jaime vive como se visse o futuro em sua frente. A impressão que dá é de que ele sempre está pronto para o que vem a seguir. Sabe onde quer chegar. O projeto é uma Mega Fox completa, profissionalizada. Para o sonho se materializar, existe, então, a necessidade de combater as limitações que barram o desenvolvimento do comunicador. Ele planeja contratar uma equipe por tempo integral na rádio, recebendo um salário fixo para fazerem jornalismo diariamente. “A gente tem a empresa agora, a Smart, que está investindo, e agora sim vai ter comunicadores que vão trabalhar já como comunicador mesmo, com salário, tudo, aí já vai melhorar a comunicação, as informações, tudo.”

Junto a isso, o projeto de rádio começa a dar espaço para outras ideias. A transmissão ao vivo da festa pelo *facebook* e pequenas matérias que fizeram para o *youtube* mostram que ele quer apostar em outras mídias. A visão, depois da audição, é o próximo sentido que ele quer alcançar.

A visão. Assim como enxerga o futuro, Jaime se volta ao passado. E agradece.

Eu me sinto bem, sempre agradeço a Deus por me dar essa oportunidade, me sinto bem por que estou ajudando na informação, levando orientação, levando tudo que é necessário como estrangeiros que estamos aqui, o conhecimento que passo pra eles, me sinto muito bem por estar ajudando principalmente minha comunidade boliviana.

“Sempre estou dando graças a Deus por me levar nesse caminho.”

Fotografia 2- Jaime Chuquimia durante transmissão de seu programa no Estúdio Mega Fox

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 3 – Jaime Chuquimia no estúdio Mega Fox, lendo notícias da Boívia do site La Razón

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 4 – Jaime Chuquimia e Luis António durante transmissão no estúdio Mega Fox

Berbert, 2018

Fonte: Susana

Fotografia 5 – Comunicadores na cobertura da Festa da

Independência da Bolívia no Memorial da América Latina.

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 6 – Comunicador e equipamento durante cobertura da festa de Independência

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 7 – Wilmar Rios durante cobertura da festa

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 6 – Lucy Calle e Marianela Araucco na cobertura

da festa de Independência

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 7 – Gastón Flores entrevistando dançarina durante a cobertura da festa de independência.

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 8 – Jaime Chuquimia ajudando na transmissão da festa de Independência

Fonte: Susana Berbert, 2018

5.2 Jorge Gutierrez

Fotografia 9 – Jorge Gutierrez

Fonte: Susana Berbert, 2018

“Se você não se envolve, é melhor não ser comunicador.”

O corredor escuro desembocava em um primeiro lance de escada. Em sua frente, dois vitrôs na horizontal deixavam entrar um pouco da luz da rua. Os raios resistiam na escuridão. Ali, conseguia enxergar os degraus. Eles estavam sujos e as paredes tinham a pintura descascando. No ar, pairava um cheiro de mofo.

No segundo lance percebi que sua respiração estava ofegante. Eu o enxergava na contraluz. Ele ia à frente e insistia em segurar minha mala. Foram quinze minutos de uber da zona Oeste de São Paulo até ali. Eu disse que a mala não estava pesada, que eu mesma podia levar. “São só algumas roupas que trouxe de Ribeirão Preto para o final de semana, está leve!” Ele deu de ombros. No terceiro lance, parou por alguns segundos. Olhou para mais um vitrô enquanto apoiava as mãos no corrimão da escada de caracol. Respirou. Na parede, um papel escrito seu nome estava colado com fita crepe ao lado de um extintor de incêndio. Ele se virou para mim: “Aqui, cada morador é responsável por limpar um andar. Eu limpo desse ponto pra cima.” sorriu. Um último impulso o fez concluir os degraus. Era o dia quinze de setembro de 2018, às nove e trinta da manhã. No terceiro andar de um velho prédio na Rua da Graça, coração do Bom Retiro, Jorge Gutierrez abriu sua casa para mim.

“Que iluminado!”, deixei escapar em voz alta meu primeiro pensamento. O contraste com os minutos de subida me deixou encantada. Da porta para dentro parecia que Jorge vivia em um refúgio. Tudo era alegre e existia em uma vibração diferente. A sala não tinha forro e olhando para cima, via que algumas telhas eternit escuras tinham quebrado. Ele as substituiu por modelos transparentes e o resultado era um apartamento que brilhava como o sol dentro do prédio escuro. “Mas faz um frio danado no inverno!”, me disse sorrindo. Uma parede viva com samambaias decorava o ambiente e em uma estante ficavam fotos da família. De um quarto no fundo, surgiu uma cachorra. “Essa é a Waia. Tava me esperando lá no estúdio.” Em seguida, me guiou até o local. “Senta aqui, Susana”, disse de forma terna, apontando para uma cadeira de madeira. Eu estava feliz em estar lá. Acompanhava Jorge há um ano. Sempre nos encontrávamos na cafeteria Colômbia, que fica na oficina Cultural Oswald de Andrade. Eu mencionava o interesse de conhecer sua rádio e, toda vez, ele respondia com entusiasmo. Nesse dia, finalmente isso pode acontecer.

“Cómo están, que tal amigos? Amigos de Desporte Total, amigos de la Web Radio Nueva America”. É assim que ele começa pontualmente seu programa na rádio às sete horas da noite. Até às oito, de segunda a sexta-feira ele leva ao ouvinte informações sobre esporte. O estúdio dentro do apartamento é singelo. “Se é que posso chamar isso de estúdio”, brincou diversas vezes. O cômodo é o único da casa virado para rua, com uma pequena sacada fechada com uma porta de vidro. Um computador e uma mesa de som permanecem ligados o dia inteiro. Sem ser no horário do programa, apenas músicas tocam na rádio. O som fica ligado, sempre em segundo plano, como se fosse algo inerente à existência de Jorge. As batidas se revezam entre canções folclóricas da Bolívia e até clássicos de Bob Dylan. Mas este é exceção. CDs do país de origem, como o Folcklore Andino, se espalham pelas duas escrivaninhas do estúdio, que juntas fazem um formato de L.

“É aqui que trabalho, que faço tudo o que preciso” disse. “Eu sei que é simples mas tenho um espaço privilegiado. É amplo, posso me mexer, é iluminado, entra ar.” Ao lado, uma garrafa de café azul estava rodeada de xícaras floridas. Me ofereceu. “Quieres café?” Esperei um pouco, depois aceitei. Estava doce.

Antes da internet se tornar uma realidade no dia a dia dos imigrantes bolivianos, o que Jorge diz que aconteceu com mais peso cinco anos atrás, as rádios ficavam em cômodos pequenos, escondidos, normalmente junto às oficinas de costura, onde a maioria dos imigrantes bolivianos trabalham na capital paulista. Na hora de fazer os programas, os comunicadores tinham que ir até o lugar com cautela. As rádios operavam apenas no dial, sem autorização, e constantemente eram alvo de ações policiais. O trabalho era dificultado e sensação era de que ser comunicador era um ofício de criminoso. Como expressou bem Jorge em uma entrevista que tivemos: “Eu falava pra mim mesmo: gente, que vida é essa? Eu não roubei, não matei, não devo dinheiro pra ninguém e eu tenho que ficar saindo escondido, entrando escondido?”.

Foi com a popularização da internet que as coisas mudaram. Mais rádios começaram a funcionar e agora o comunicador consegue fazer tudo de sua própria casa. As emissoras perderam um espaço fixo, rígido, formado por um único lugar. Uma mesma rádio se faz espalhada por diversas casas, diversos bairros, diversas vozes e sonhos. Como Jorge conta, cada comunicador tem em sua casa uma mesa de som, um computador, um microfone e acesso à internet. O espaço, o conforto e a

qualidade dos equipamentos mudam. Mas em cada lar, em rede, eles formam e colocam no ar a programação da rádio que participam. Jorge se divide entre o programa “Desporte Total” de sua emissora Nueva América, aberta há 7 anos, e a participação em outra rádio, a Mega Fox. Nesta, ele fala de segunda à sexta, do meio dia à uma da tarde, também sobre esporte. Tudo sem sair de sua casa.

Se é mais fácil para os comunicadores, para os ouvintes também. A web tem vantagens no dia a dia do costureiro. Jorge conta que antes o dono da oficina tinha que fazer uma escala em um papel com horas de programações diferentes para agradar cada trabalhador. Durante o dia, havia um revezamento das rádios. De hora em hora a frequência era alterada para que cada um fosse contemplado com suas canções favoritas.

Então hoje em dia, ele já não tem esse problema, porque graças à tecnologia, à web, você tá na rádio, pega o aplicativo, baixa, coloca um fone, e você escuta bem melhor o que você quer. Porque graças à web, olha, a minha rádio, Nueva América, pode estar na Bolívia, eu vou chegar para o mundo

“Chegar para o mundo”, eu me lembrava dessa fala e pensava que tudo saía dali, daquela rua cheia de camelôs no Bom Retiro. Eu o olhava sentado em sua mesa. Naquela manhã de sábado ele me mostrava orgulhoso seu lugar de trabalho. No sorriso que tinha no rosto, era fácil ler como ele estava feliz em poder dizer onde trabalhava. “Hoje deve ser bom não ter que se esconder para fazer o que gosta”, pensei. Eu recordava de todas as conversas que já tínhamos tido e de como a vida dele convergia, autônoma e milagrosamente certa, para a rádio.

Um microfone com o logo da Nueva América estava em cima de uma das escrivaninhas e duas bolas de futebol de plástico decoravam o lugar. A união de paixões antigas daquele homem.

Quando adolescente, de segunda à sexta, às dez horas da manhã, ele conta que sempre falava eufórico: “Quem vai pegar sua rádio?” Os amigos de pronto respondiam: “Eu, eu!”. A reunião era quase religiosa. Por trinta minutos, Jorge e os amigos de sua vizinhança em La Paz permaneciam deitados na grama, vidrados no som que saía do rádio de pilha, uma novidade da época. O silêncio, raro entre meninos de doze, treze anos, reinava. No ar, só ecoava a história da radionovela Kalimán. Às vezes, a concentração era quebrada. “Vinha algum pai, mãe, chamar. A gente falava ‘ah, pai, peraí um pouco, tá na novela Kalimán!’”, me contou rindo e

abrindo os braços dentro de seu estúdio. Nesse momento, Jorge rememorava a infância como se estivesse vendo um filme em sua frente. Ele contracenava com o ar. Me contava, emocionado, suas mais antigas lembranças com o rádio.

Kalimán era um super-herói mexicano. “Ele era todo de branco, com uma túnica branca, no topo da testa tinha a letra K, de Kaliman, e tinha um amigo, chamado Solin”. Ouvir as aventuras da dupla era uma das atividades preferidas dos meninos. Hoje, aos 62 anos, Jorge lembra quase que perfeitamente da abertura do programa:

E quando começava a novela, era assim ‘Mais forte do que isso, mais poderoso que isso... Ele é KA-LI-MÁN!’ Entrava o Solin e ele dizia ‘Kalimán, parece que vamos morrer hoje, porque estamos em perigo!’ o Kalimán respondia: ‘Calma, meu pequeno valente amigo Solin. Serenidade e paciência, e sairemos dessa!’

Dos términos, ele também recorda:

Acabavam no melhor, [...] quando ele estava brigando com assaltante, e aí acabava: ‘Será que Kalimán vai morrer? Será que Solin chega a tempo para salvar ele? Será que alguém ajuda? Saberá no próximo episódio de Kaliman!’ Era muito linda.

A história do herói, que continua a encantar Jorge, passava na rádio Nueva América. O nome igual ao da emissora que o comunicador tem hoje em São Paulo não é simples coincidência ou semelhança do acaso: foi a maneira que ele encontrou de homenagear a rádio que marcou não só sua infância na Bolívia, mas toda a sua vida.

Jorge Lopes Gutierrez nasceu em Oruro, mas cresceu só com o pai, na cidade de La Paz. Logo cedo, aos 5 anos, começou a jogar futebol, queria ser profissional. O pai, era quem mais o apoiava, “Aprendi com ele que aquela palmadinha que você recebe nas costas depois de um jogo bonito não é pra se sentir um grande rei, mas se esforçar e produzir muito mais”, contou de uma lição que levou para vida. Além da rádio, na adolescência o esporte também encantava o rapaz. Um dia, os dois se encontraram.

Jorge relembrou extasiado essa história. Se expressava com inúmeros movimentos, as mãos gesticulavam no ar como se tivessem vida própria. Os olhos, sempre intensos. Jorge é um homem que fala com os olhos.

E a história que contou é a seguinte: em 1975, quando tinha 19 anos e o presidente da Bolívia era Hugo Banzer Suárez, ele jogava futebol com amigos em um

campo. Na época, acontecia no mesmo lugar um torneio de comunicadores. A partida era pelas quartas de final e um dos times era a Nueva América.

O pessoal não chegou. Nós, os meninos do bairro, estávamos jogando. Aí chegou um membro da Nueva América e perguntou: ‘amigo, você não quer nos ajudar?’ Eu perguntei: ‘Ajudar como?’ Ele: ‘Está faltando um jogador. É para pelo menos nos salvar de WO!’ Eu perguntei: ‘Como chama teu time?’ Ele: ‘é o time da rádio Nueva América.’ Eu falei: ‘Puxa, então me dá a camisa!’ E ele me deu.

Jorge diz que entrou no campo com o nome de Félix Huaman, o comunicador que tinha faltado. Nessa primeira partida, empataram. Ele foi tão bem que continuou na equipe com o nome falso. Os jogos prosseguiram, até que chegaram na final. O time adversário era a TV estatal, que ficava no Canal 7. “Chegou o presidente, com toda comitiva, e eu falei: ‘esse jogo é meu.’ Foi. Ganhamos de 3x1. “Eles foram campeões, mas não ganharam, perderam o jogo. E nós comemoramos como se fôssemos campeões.” A partir disso, Jorge se aproximou da Nueva América. “Eu tinha mais liberdade para estar no estúdio de controle ou com equipe de trabalho assistindo os programas. Eu tinha essa liberdade.”

Rádio e esporte. Ele ainda não sabia, mas seria marcado para sempre pelos dois.

Foi onze anos depois do torneio ao lado da Nueva América, aos 30 e jogando profissionalmente, que Jorge descobriu que teria que abandonar a chuteira. Uma radiculite na quinta vértebra o tirou para sempre dos campos e da Bolívia. Era 1986 quando ele veio se tratar no Brasil. Nunca mais voltou. “Pensei: vou voltar pra Bolívia pra que se não posso jogar profissionalmente? Vou ficar por aqui mesmo.”

Foi no Brasil que sua vida tomou novos rumos. Aqui se casou, teve quatro filhos. Treze anos depois de sua chegada, em 1999, estaria pela primeira vez falando em uma rádio.

¿yo, un periodista?

Apesar do jeito desinibido, riso fácil, roupas sempre largas e andar tranquilo, Jorge é um homem sério, comprometido. Carrega até hoje a disciplina do esporte que deixou de praticar – mas nunca abandonou - há 32 anos. Todos os dias às cinco e meia da manhã ele desperta. A primeira ação, conta, é ir até a janela de seu estúdio, colocar as mãos para cima e agradecer a Deus pelo dia. Depois, passeia por uma hora com a Waira. A viralata de quatro anos foi adotada por ele na zoonose. É a paixão do

homem. “Hoje em dia, vou te falar que meus filhos falam assim: ‘Pai, estou indo embora’, eu digo: ‘tchau, filho’, mas se eu não vejo minha mascote, fico muito triste.” Novamente em casa, faz sua higiene pessoal. Às 7:15 ele está ligado na programação da rádio Nueva América e programa algumas músicas para o dia. Às 7:40, sai para ir ao trabalho na Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro. No almoço, volta para casa. Entre meio dia e uma hora faz sua participação na programação da rádio Mega Fox. Da uma da tarde às cinco ele volta ao trabalho. Finalmente, às seis, definitivamente em casa, ele pode se dedicar à rádio.

É no fim do dia que ele pensa no conteúdo de seu programa. Quatro colegas bolivianos e um paraguaio separam matérias de esporte que saíram durante o dia e deixam o conteúdo em sua casa. “Às vezes imprimem e às vezes deixam em pen drive.” Jorge analisa esse material e escolhe as principais notícias. O programa, Desporte Total, é transmitido das sete às oito da noite. Quando acaba, ele conta que continua investindo seu tempo na rádio, pesquisando matérias na internet. Só para na hora de assistir Jornal Nacional e a novela das nove. Quando acabam, ele vai de novo para frente do computador. “Vou lendo tudo o que acontece primeiro dentro do cenário esportivo da Bolívia, o que aconteceu e o que vai acontecer no dia seguinte. Aí eu vejo todo panorama esportivo local, do Brasil.” Depois, ele passa para outros países, como México, Rússia no pós copa do mundo e outros países da América do Sul.

O preparo dos programas vai se aprimorando com o tempo. Jorge afirma que os comunicadores majoritariamente não têm formação na área de comunicação. A experiência é na prática. Começam sua rotina na rádio com testes, pequenas participações para mostrarem como é seu desempenho.

Jorge teve suas chances de falar no rádio, em 1999 e depois em 2000. Na primeira, era presidente da Juventude Esportiva Boliviana do Bom Retiro. Incomodado com a falta de informações sobre esporte nas rádios, ele passou a produzir material para uma emissora chamada Expressão Latina. As notícias seriam lidas pela locutora. Como ela não tinha afinidade com o tema, depois de três dias disse para Jorge que não iria continuar e o programa terminou. Na segunda oportunidade, um evento que escolheria a Rainha do Esporte boliviano motivou a empreitada. “Precisava divulgar, por isso que tivemos a ideia de pedir o espaço [na rádio]”. Para isso, ele conseguiu 15 minutos em uma emissora para fazer um

programa esportivo como um teste. O prazo era de uma semana. Como da outra vez, preparou o conteúdo para amigos que já tinham experiência com rádio, mas o resultado não agradou.

Até que quando chegou na quinta-feira, no fim da semana que começamos, o dono do programa e o diretor da rádio me disse: 'Jorge, chega. Estamos perdendo audiência, esse programa de esporte é ruim, os caras não conseguem nem falar'. Era uma vergonha mesmo.

Um colega, então, disse que Jorge deveria tentar fazer o último programa na rádio. Era para ele se despedir, porque o programa não iria continuar. Na prática isso não aconteceu. Jorge foi tão bem ganhou um espaço todos os dias. Os donos falaram: “‘Seu Jorge nós vamos dar uma hora todo o dia’. Eu disse ‘tá brincando...’” Até abrir a Nueva América, Jorge falou sobre esporte em diversas rádios.

Jorge se considera uma exceção. Ele conta que normalmente os programas dos iniciantes vão ao ar aos sábados à tarde, quando a audiência não é tão grande. Nos finais de semana, menos pessoas estão trabalhando nas oficinas de costura, então caso o aspirante a comunicador não seja tão bom, os riscos em perder ouvintes são menores. Só aos poucos eles vão ganhando espaço durante os dias úteis. Por muito tempo, ele mesmo deu oportunidade para jovens bolivianos participarem da Nueva América. O filho de Jorge, Alan, de 17 anos, tinha um programa sobre games. Só parou porque está terminando o terceiro ano do colegial e queria se dedicar aos estudos.

Seja no início do aprendizado ou não, a internet é uma grande aliada dos comunicadores Bolivianos. Se ela ajudou a popularização das rádios web, também ajuda no acesso às notícias. Hugo Spinoza, amigo de Jorge que conheci quando estive em seu estúdio, trabalha como comunicador rádios desde 2002 e ajudou Jorge a abrir a Nueva América. Ele explicou essa importância da web: “É da internet. Nós não temos como sair para pesquisar, agora eu já falei, tenho somente sábado e domingo [para sair], mas sábado e domingo não tem eventos, não tem acontecimentos, não tem como sair para fazer alguma coisa.”

Para o programa esportivo, Jorge conta que viaja por mais diversos endereços eletrônicos em busca de conteúdo.

Eu entro em tudo o que passo. Pego o Lance!, Folha de S. Paulo, mas gosto de entrar no site da Federação de Futebol do Brasil, que tem informação de minuto a minuto. Eu tento fazer isso em quase todos os

países.” Mas na hora de dar a fonte, ele disse: “sempre que pego uma notícia de um site, eu falo de onde tirei.

Nesse processo, ele também encontra conteúdo na televisão.

Hoje em dia também tem imagens ao vivo, por meio da televisão, que os canais trazem, então dá pra você acompanhar de uma boa maneira. Você não está roubando nada porque é livre, é aberto, é só você não trocar palavras e coisas para não confundir o ouvinte.”

Mas a tarefa de procurar por notícias e transmiti-las não é feita por todos. Jorge aponta duas funções do comunicador como latentes: entreter e informar. A primeira é que é o carro chefe. No geral, ele afirma que na programação preparada pelos comunicadores, as músicas se sobressaem:

Todos os programas são praticamente de música, falando sobre música, praticamente uma espécie de animação. Então falta muito preparo para poder entrar naquele campo de um verdadeiro comunicador, para fazer um programa bem direcionado, com uma boa direção e um bom foco.

Nessa realidade, em que a música é quase onipresente na programação das rádios, Jorge chamou atenção para própria natureza fundante das emissoras para bolivianos na cidade de São Paulo: o papel de entretenimento dentro das oficinas de costura.

As jornadas de trabalho dos imigrantes bolivianos costureiros são intensas, se estendem por mais de 16 horas. A atividade é mecânica, o ambiente muitas vezes insalubre. O trabalhador é novo no país e sente-se deslocado. As rádios surgem como um respiro dentro de um dia a dia brutal.

No princípio, quando começou o primeiro movimento de rádios, o foco, o objetivo era chegar na oficina de costura. Porque? Porque sempre se falou que na oficina de costura o costureiro trabalha muito além do permitido pela lei, 17 horas, 19 horas, e era um exagero de trabalho dentro das oficinas de costura. Então aquele cidadão está sendo robotizado, porque senta na máquina, o organismo vai responder 8, 10 horas normal, depois disso, está robotizado, costurando feito um robô. Então você precisa descontraír aquilo.”

A descontração vem por meio das músicas: canções tradicionais da Bolívia, clássicos antigos, folclore, hits latinos antigos e da atualidade. Tudo que possa transportar o imigrante para um mundo distante, de onde ele veio. Enquanto os olhos e as mãos permanecem fixos na máquina de costura, os ouvidos viajam pelas ondas da rádio.

Você tá trabalhando, escutando música, te alegra, te descontraí, porque te lembra alguma coisa do teu país. Então isso um pouco minimiza, ajudava. Porque no seu cansaço logo você escuta uma música, que te lembra sua infância, já te deixa um pouco mais relaxado para continuar a jornada de trabalho.”

Só aos poucos é que informações foram sendo introduzidas pelos comunicadores. Ainda de que maneira tímida, notícias sobre a Bolívia, o Brasil e informações sobre os imigrantes passaram a ser transmitidas pela rádio. Para Jorge, foi a forma que a comunidade encontrou de se ver representada. “Os jornais brasileiros não têm muito interesse em mostrar o que acontece dentro da comunidade boliviana.” Por isso, para ele, é preciso que o comunicador acompanhe sempre o noticiário sobre a Bolívia, nos mais diversos assuntos.

Minha área é esportiva, mas não quer dizer que não tenho que me informar na parte cultura, na parte política e na parte social. Porque chega uma hora que eu tenho que dar minha opinião nesse campo, e pra isso tenho que estar por dentro da notícia, acompanhando o que está acontecendo no meu país.

Em seu programa, Jorge busca colocar a função informativa em prática. Fala desde como estão os jogos e times de futebol da Bolívia, até como estão os campeonatos no Brasil e de todo continente. Para ele, o programa ajuda os imigrantes a cultivarem a cultura boliviana, principalmente entre as gerações que nascem no Brasil a manter os vínculos com o país a partir de informações que recebem de lá.

Porque o filho que nasce aqui, ele quer saber, quer conhecer sobre o país de origem do pai. Ele fala “Pai, aqui o Corinthians, Palmeiras detonam. São Paulo, Santos, Grêmio, Atlético Mineiro, o Fluminense, o Flamengo. Mas pai, na Bolívia quais são os times?” Se você não está informado, vai falar o que para seu filho? “Não sei filho, na minha época era um, mas hoje não sei se continua.” Então é fundamental você estar por dentro. Sobre tudo.

Foi nessa certeza de que o boliviano deveria estar informado sobre tudo que Jorge começou a falar sobre saúde. A necessidade de trazer esse assunto para rádio surgiu de duas experiências trágicas na vida do homem. Ele, que tira das dores e aparentes fracassos uma forma de ressignificar a vida e encontra na rádio o meio por onde fazer isso.

Fevereiro de 2003. Jorge realizava uma reunião esportiva de interliga da comunidade boliviana quando recebeu a notícia. “Era oito da noite quando me chamaram para comunicar que meu filho tinha falecido, ele tinha 14 anos e faleceu por causa de bronquite aguda. Foi uma paulada forte.”

Nino era o caçula da família, queria ser jogador de futebol. Cinco meses depois, mais uma perda. “No mês de junho, do mesmo ano, acabou falecendo a minha esposa. Isso foi uma coisa que me abalou muito, e me fechei entorno dos meus filhos.” Vitória Marlene morreu com câncer no ovário. As duas perdas fizeram com que Jorge se aproximasse dos agentes de saúde e se interessasse pela área. “Eu queria que ninguém passasse o que eu tinha passado, que sofresse o que eu sofri.”

Ele se inscreveu para ser agente de saúde e conseguiu. No dia primeiro de março de 2005 foi quando estreou no trabalho, a Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro.

Foi juntando sua experiência e o meio de comunicação que passou a fornecer informações sobre saúde. São notas simples sobre diversas doenças e sobre o direito à saúde pública que ele introduz no meio do programa. Jorge separa e aborda os problemas mais comuns entre os bolivianos: “Por exemplo, ensinamos o que é tuberculose, o que é hanseníase, o que é infecção urinária e porque aparece mais na mulher, mais do que no homem, como prevenir certas doenças, porque importante dar vacinas nas crianças.”

Com esse trabalho, Jorge conseguiu chegar até os imigrantes bolivianos e afirma que eles ficaram mais conscientes de seus direitos. “Antes, eles não sabiam até que ponto tinham o mesmo direito que o brasileiro para atenção médica e hoje em dia eles sabem perfeitamente.” O trabalho dele se tornou tão relevante que foi personagem de uma reportagem da revista *Época*, em oito de janeiro de 2018, intitulada *Agentes de saúde estrangeiros atendem uma crescente população imigrante em São Paulo*, do jornalista Rafael Ciscati, e estudo de caso do artigo “*Falta um Jorge*”: *A saúde na política municipal para migrantes de São Paulo* (2016), de Isadora Steffens e Jemerson Martins. Um exemplar da reportagem ele mantém em uma estante de ferro no estúdio da rádio. Abriu a revista e mostrou orgulhoso suas fotos. “Este é meu trabalho”, ele disse. Em sua expressão é sempre evidente o prazer que tem em falar sobre a diferença que faz em sua comunidade. Mas nunca se manifesta com um tom arrogante. É uma satisfação singela e alegre. A reportagem traz os resultados da iniciativa de Jorge e revela o porquê ele se expressa sempre com tanto contentamento sobre seu labor:

Como são membros da comunidade em que trabalham, os agentes ajudam a criar laços de confiança. Nessa tarefa, Don Jorge contou também com seu talento com a voz – ele mantinha um programa sobre futebol em uma rádio comunitária. Percebendo a resistência das pessoas a receber as visitas

dos agentes, decidiu inserir dicas sobre saúde no meio da programação. Foi certo: mesmo naquelas ocasiões em que as portas das casas e oficinas não se abriam, a voz de Don Jorge alcançava os moradores pelas ondas do rádio. Acostumadas com aquela presença, as pessoas logo entenderam que os agentes estavam ali para ajudá-las: “Foi como se tivéssemos descoberto a palavra mágica do Ali Babá”, diz. É difícil mensurar o impacto dessa ajuda estrangeira. Mas suspeita-se que ela tenha interferido em indicadores importantes: “Hoje, todas as crianças com menos de 1 ano de idade do bairro estão com as vacinas em dia”, diz Clélia [gerente da Unidade Básica de Saúde]. “Há dez anos, esse índice mal chegava a 70%.” (CISCATI, 2018)

A pesquisa segue o mesmo tom, mostrando como a simples voz de Jorge ecoando pelas ruas, e pela rádio, mudou a realidade dos imigrantes ouvintes.

Foi contratado um agente comunitário de saúde, o seu Jorge, que é um boliviano. Então ele fez uma parceria com uma rádio local e começou a falar na rádio sobre o que era a UBS Bom Retiro, o que se fazia, dava [sic] vacina nas crianças, que cuidava do pré-natal das mulheres grávidas [...]. Com o trabalho do seu Jorge as portas começaram a ser abertas e hoje na UBS Bom Retiro, por exemplo, é quase inexistente um lugar em que as pessoas não sejam atendidas pela saúde pública, porque fizemos essa parceria de ter um trabalhador boliviano (Rosa, 2014, Apud. STEFFENS, Isadora; MARTINS, Jameson, 2016, p. 284).

Junto com saúde, Jorge também traz informações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e até sobre policiamento. No estúdio, ele guarda dois pedaços de papéis, antigos e com as bordas rasgadas, gastas de tanto serem usadas, contendo informações sobre esses temas. Pequenas notas que ele invariavelmente lê em suas programações. O objetivo é educar o ouvinte.

Apesar de seu esforço, para ele falta muito conteúdo nas programações das rádios. E de informação, embora tenham notícias de gerais sobre a Bolívia e o Brasil, ele afirma que a maioria do transmitido pelos comunicadores é relacionado a parte social da comunidade de imigrantes bolivianos que reside na cidade de São Paulo: “Por exemplo, o que a Federação Única está fazendo pela comunidade, por que os vendedores da feirinha estão fazendo isso e aquilo, por que os folcloristas foram dançar lá e não vieram dançar aqui...”.

As críticas de Jorge ao trabalho desenvolvido pelos comunicadores, principalmente os que transmitem informações, os jornalistas, são duras. Sua postura combativa carrega sua personalidade dedicada e de observância às regras. O agente de saúde, com sua história de vida, parece que não aceita falhas. Nisso, se vê como um exemplo. É sempre exigente consigo. E essa exigência transborda para os outros.

Para Jorge, o que é feito em sua rádio com a saúde deveria ser reproduzido pelos comunicadores em outras áreas. Notícias sobre educação, segurança, leis. Tudo que pudesse ajudar o imigrante no novo país.

Desde o momento que você sai do seu país, na hora de colocar o primeiro pé na linha da fronteira, você tem que esquecer sua lei porque ela não serve, você tem que começar a conhecer a lei de onde você está entrando.

Só que o futuro do pretérito é a lei. Deveria. Mas na prática, não é fácil atingir esse objetivo.

Não é só música que você tem que embutir no cérebro do cidadão. Porque cada país tem uma cultura, e dentro da cultura, uma forma de comer, se vestir, a culinária, costumes, e isso que não traz, isso que o comunicador boliviano não tem.

Em sua visão, falta uma especialização dos comunicadores para produção de programas mais direcionados, com reportagens específicas sobre assuntos importantes para os ouvintes.

Nessa missão de educar o ouvinte, para Jorge, o comunicador falha exatamente por não instigar o imigrante a buscar coisas de seus interesses. Ou seja, a levar até o público assuntos e informações que, se não fosse o comunicador, eles nem saberiam da existência, ou que são importantes. Um exemplo são as questões legais referentes aos imigrantes no Brasil. Para ele, o imigrante deveria cobrar programas frequentes com informações sobre trâmites de documentos, direitos do imigrante.

O próprio ouvinte não se preocupa... Se conforma com coisa básica. Mas também o comunicador não tem preparo, essa capacidade para chegar com essa informação. Está faltando interesse, iniciativa própria do comunicador para entrar e ter mais conhecimento naquele campo, para poder chegar no ouvinte com aquilo que [o ouvinte] precisa muito e começar a chamar atenção dele.

Para Jorge, o comunicador muitas vezes não tem nem consciência da necessidade de fazer programas direcionados com informações e notícias que facilitem a vida dos imigrantes:

Se você vê a programação das rádios bolivianas não tem nem pelo menos uma listagem de telefones úteis, que é o básico, bombeiros, pronto socorro, samu, polícia, não tem. Então é necessário, muito importante começar a fazer isso, começar a criar um bom critério de comunicação voltado a sociedade mesmo.

O caminho para uma comunicação completa e eficiente nas rádios para bolivianos parece ser longo para Jorge. Mas ele, como em tudo na vida, persiste. E enxerga uma luz no fim do túnel.

Na parede o relógio denunciava que o tempo corria. Ali no estúdio singelo, as horas passavam contra mim. Logo seria a hora do almoço e nós precisaríamos nos despedir. Naquela manhã, eu queria que o tempo não passasse, mas é Jorge que briga todos os dias com os segundos.

Tempo, tempo, tempo. É a palavra que não sai de sua boca. Para ser um bom comunicador, seria preciso de tempo, ele disse. Mas o bem precioso é raro. Difícil para quem passa o dia inteiro em trabalho e encontra nos intervalos, horários espaçados, saída para o almoço, a chance para se dedicar ao que gosta. O sustento não vem da rádio, então o empenho a ela fica comprometido.

Vamos supor, se vem uma empresa e diz pra mim: Jorge, quero que você trabalhe para minha empresa. Nós vamos te sustentar, você e seu programa, queremos que você produza mais 50% do que você já tem. Logicamente vou entrar em um curso, com um preparo muito mais superior, para produzir melhor.

Da crítica de Jorge ao preparo dos comunicadores vem também a análise e uma busca por solução. A leitura do problema ele tem. O trabalho nas rádios é realizado de forma voluntária, por isso é uma atividade de segundo plano na vida do comunicador. O sustento próprio, da família, as obrigações do dia a dia vão à frente do compromisso com a emissora.

O comunicador boliviano, ele não é pago, não recebe nenhum centavo para fazer aquilo. Se ele fosse um assalariado, eu tenho certeza que ele se prepararia e trabalharia para isso. Então o comunicador boliviano hoje em dia aqui em São Paulo, tem que roubar minutos ou horas pra fazer o programa que ele gosta de fazer. E aí que vem a grande dificuldade.

A palavra é tão onipresente e representa tanto a necessidade dos comunicadores que veio pronta da boca de Hugo Spinoza, o amigo de Jorge que esteve no estúdio, quando perguntei a ele qual eram as dificuldades do comunicador, principalmente jornalista, boliviano. Sem saber da resposta de Jorge, confirmava o problema: “Tempo!”, disse ele quase sem deixar eu concluir a frase.

O problema é que cada um de nós temos um trabalho. Um horário de serviço que nós temos que cumprir e se você não cumpre com seus horário de serviço, está desligado da empresa, e não tem retorno de nada. Então se a gente vai se dedicar mais, fazer a parte da comunicação, não temos para nosso sustento, então essa parte dificulta. Eu entro no serviço 7:30 e saio

17 horas, você tá vendo que todo esse tempo não me permite fazer investigação de outras coisas. Por isso, as notícias que eu tiro, são notícias pequenas.

Henri José, outro amigo de Jorge, acompanhava Hugo no estúdio. Ele trabalha com rádio fazendo programas de entretenimento para crianças há 4 anos. Quando entramos nesse assunto do tempo, tomou a palavra, e explicou:

A gente não recebe nada de dinheiro né, fazemos por nossa conta, pagamos nossa internet mesmo, não tem algum retorno, se tem é um mês, dois meses, mas não dá para se dedicar a não ser que nós recebamos um sustento, poder cumprir teu horário, tudo isso.

Além dos minutos contados, a técnica também barra o trabalho. A internet, Jorge também disse. A mesma que possibilitou o aumento das rádios na web e que ajuda na seleção de conteúdo é muitas vezes a pedra de tropeço no trabalho dos comunicadores durante a transmissão dos conteúdos. Isso porque as assinaturas de pacote banda larga são caras e o acesso que muitos têm é restrito.

Eu precisava ter mais internet, sem ela você não faz nada. Eu tinha 4 giga, passei para um plano de 15 e ainda sim é uma via cruz, é lenta pra caramba, parece uma tartaruga. Pra passar o programa precisa ser veloz. Eu uso música de fundo pro programa ficar mais dinâmico, mas aí é difícil.

Acontece, inclusive, de algumas vezes a rádio sair do ar por causa de problemas no sinal “Estava no pique da notícia e de pronto caiu a rede. Pronto, morri. Aí não tem nada pra fazer. Você tem que estar preparado com essas coisas. Tem gente que tá passando o programa e pronto, deu um blackout.”

Esses empecilhos, somados à falta de preparo, afetam o conteúdo veiculado. Por isso que para Jorge, quase nunca tem jornalismo. “Se falamos em jornalismo ninguém tem conhecimento básico de 30% do que é jornalismo para eles poderem fazer. O trabalho de comunicador pra gente é um trabalho inteiramente amador.”

Por causa tempo restrito para se dedicarem à rádio, é difícil os comunicadores irem para rua para produzirem uma notícia.

Raramente, muito raro. Na hora que ter alguém que realmente tem um salário como periodista, como jornalista, como comunicador, eu tenho certeza que vai fluir muito mais notícias em primeira mão dentro da comunidade, mas por enquanto, cada um faz dentro das pequenas possibilidades que tem.

Mesmo sendo difícil, para ajudar os comunicadores nessa produção de notícias, Jorge encabeçou a criação duas instituições dentro da comunidade: a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil e a Red Uru.

A Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil foi fundada em 2013 após a morte de um menino boliviano, Bryan, de cinco anos, que foi assassinado depois dos pais, costureiros, serem assaltados. A morte comoveu e mobilizou a comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo, que passaram a cobrar autoridades políticas por mais segurança visibilidade.

É aí que autoridades pertinentes, como o cônsul da Bolívia, pedem para comunidade se organizar em seus diferentes setores, porque com esse conglomerado de pessoas era difícil querer entender o que queriam, aonde queriam chegar e porque estavam lá. Então eu e alguns colegas vieram na minha casa me pedir para participar da reunião para organizar a Associação.

Dessa forma, a Associação foi criada para ser uma representação dos comunicadores e fortalecê-los. Jorge conta que o nome foi escolhido depois de alguma discussão. No início a ideia era que fosse um grupo de radialistas ou periodistas, mas que acabaram optando por algo mais representativo daquilo que fazem e que, também, os deixou mais à vontade. “E eu pensei que isso não caberia, porque ninguém tinha o título profissional de jornalista. Então é uma coisa, não vou falar impossível, mas pelo momento não cabe.”

A diretoria da Associação foi eleita de forma democrática. No entanto, o primeiro presidente nem chegou a tomar posse do cargo, pois sofreu resistência por parte da comunidade. O vice-presidente então assumiu. Era ele Jorge Gutierrez.

Jorge conta que os dois primeiros anos da Associação foram voltados à legalização da instituição. Acabada essa fase, novas eleições foram feitas e Jorge foi reeleito. Foi só em fevereiro de 2017, quatro anos após a criação da Associação, que os papéis para sua regularização foram aprovados. “Foi um dia de glória”, disse sorrindo.

A Associação é formada por 15 diretores divididos nas seguintes áreas: Presidente, Vice-Presidente, Diretor de Patrimônio, o Tesoureiro, o Diretor de Imprensa e Propaganda, de Relações públicas, Relações Públicas Internacionais, Cultura, Esporte e Conselho Fiscal, com três membros titulares e três suplentes. Ela abraça comunicadores bolivianos que trabalhem em qualquer meio de comunicação, seja rádio, impresso ou online. Hoje, mais de 80 comunicadores estão associados,

representando cerca de 15 rádios, três jornais e um portal de notícias. Cada associado paga uma mensalidade de 10 reais e cada membro da diretoria, 20.

Jorge, na presidência, buscava impulsionar a profissionalização dos comunicadores promovendo reuniões, aulas e palestras entre eles. A convite de Jorge, pude ministrar duas aulas para os comunicadores, que acontecerem em 20 de outubro e 21 de novembro de 2017, na Casa do Povo, em São Paulo. A primeira sobre comunicação popular e ética jornalística e a segunda sobre notícia, critérios de notícia e o dever do jornalista. Nos encontros com comunicadores, cerca de 20 presentes nos eventos, evidenciou-se aquilo que Jorge defende: a limitação não é pela incapacidade do comunicador, mas por sua falta de estrutura e tempo para dedicação. Em ambas as vezes em que estive com o grupo, foram mais de duas horas de palestra e perguntas incessantes. Atentos e curiosos, eles querem saber como melhorar os programas que fazem e as rádios de que participam. As perguntas são as mais diversas, como sobre a necessidade de fontes para transmitir as informações, sobre como o jornalista pode demonstrar sua opinião - se dentro ou fora das notícias - , que respostas deve conter uma notícia e como deve ser a relação entre patrocínio e conteúdo.

Além de promover esses encontros, Jorge também incentivava a emissão de boletins para as rádios, com informações úteis que eles poderiam ler durante a programação, como, por exemplo, dados sobre saúde e o Estatuto da Criança e do Adolescente, que Jorge veicula em sua rádio, e informações sobre reuniões, palestras e eventos que acontecem dentro da comunidade de bolivianos em São Paulo. “Passamos o texto por meio do link da associação, cada rádio recebe esse texto e o locutor da rádio vai falar. Não é uma coisa robotizada, um piloto, um jingle, que é só apertar um botão e pronto. Cada um vai criando com sua própria voz.” Em julho de 2018 foram convocadas novas eleições na Associação. Já reeleito, Jorge não poderia concorrer. Bladimir Chuquimia foi escolhido como novo presidente e a Associação passa por uma reestruturação de diretoria.

Jorge tem uma postura de líder. É centralizador, capitão do time em campo. Fora da presidência da Associação, e acreditando que as coisas não evoluíram como ele gostaria pela nova diretoria, criou a Red Uru, que reúne seis Web Rádios: a Popular, a Nueva América, a rádio Valle FM, a rádio Gigante Musiqueiro, a Ovación e a rádio Okey. O objetivo da união é orientar os comunicadores e ajudar na veiculação de informações importantes para a comunidade. O grupo, ainda em fase de

organização, visa preparar os comunicadores para que eles mesmo produzam notícias e criar uma rede de conteúdo para as rádios.

Eu acho que chegou no fim da era de estar só esperando que alguém publique algo para você publicar em cima daquilo. Está na hora de você começar a editar, falar aquilo que sempre quis fazer [...] A Rede Uro foi criada para isso, preparar e capacitar esse pessoal, para eles amanhã, depois de amanhã, ver o fato, escrever e descrever o fato como eles viram, eles mesmo produzir a notícia.

Para isso, Jorge diz que estão organizando uma agenda com palestras para os comunicadores. Na página da Rede Uru no *facebook*, embora ainda incipiente, é possível ver algumas das tentativas de trazer informações em primeira mão, como dois vídeos com uma enfermeira e uma médica da Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro sobre a campanha de vacinação contra poliomielite e sarampo, além de uma entrevista com a coordenadora da Casa do Povo, sobre os 65 anos da Casa e a festa que seria realizada. No cenário da web, as redes sociais são bem-vindas. Invariavelmente, o conteúdo passado na Web Rádio é replicado no *facebook* e alguns recursos que não são disponíveis na rádio, como o vídeo e a imagem, também são aproveitados nas redes sociais para incrementar a informação.

A testa engelhada e a postura séria, austera, que aparecem toda vez que fala sobre os problemas dos comunicadores, aos poucos vão se metamorfoseando em serenidade. Jorge é um homem que sabe ser justo.

Assim como diagnostica os motivos pelos quais os comunicadores não conseguem desenvolver um trabalho primoroso de informação, também sabe valorizar aquilo que tem sido feito. “Ele está fazendo muito. Desde o momento que começa a tocar uma música que era do acervo do país dele, já está fazendo uma coisa boa, está mantendo uma parte de sua tradição de sua cultura.” Na informação, também reconhece a importância do trabalho dos jornalistas. “Não está fazendo uma coisa muito grande, mas está fazendo pelo menos um pouco, porque está te deixando por dentro do que está acontecendo na atualidade, dentro dos problemas do seu país.”

Para ele, o grande papel do comunicador é manter a tradição boliviana viva em São Paulo: “A qualidade que tem hoje em dia dentro dos comunicadores bolivianos é divulgar, manter viva, a essência da raiz, da cultura, do país do boliviano, por meio de suas músicas, danças e tradições.”

Nessa batalha diária pela vontade de fazer comunicação e estar representando sua comunidade, a coragem dos que seguram o microfone em suas casas e colocam no

ar as rádios está entre as maiores qualidades a serem exaltadas. “Você sabe que vai ser criticado, não vai ser parabenizado, então tem que ter coragem.”

A outra é a capacidade de entrega. Do envolvimento. “[A qualidade] Para chegar no ponto de ser comunicador é realmente se envolver dentro da problemática da sociedade. Se você não se envolve, é melhor não ser comunicador.” Daí que, para ele, pode faltar técnica para os comunicadores, mas sobra vocação. “Então tá faltando, tô te falando do que: por exemplo, organizar cursos para começar a preparar aquele comunicador pra fazer isso. Mas que eles têm vocação para fazer, eles têm. Isso eu te garanto, porque têm.”

Jorge não esconde os olhos brilhantes. Ele se emociona quando fala de comunicação. Esse mundo vivo e pulsante, para maioria de nós invisível na capital paulista, é que sustenta e ressignifica o viver para milhares de imigrantes. Para quem ouve e para quem faz, o caminho para casa, para o lar distante mas nunca esquecido, é traçado diariamente pelo som que chega aos ouvidos:

Sem a rádio, você... Como te falo? Sem uma rádio que te coloque dentro do teu país, estando fora, você estaria como uma ilha em um mar, sem comunicação. Você estaria perdido, sem saber o que está acontecendo no mundo. Então eu acho muito importante o trabalho da rádio. É muito fundamental, muito importante para a sobrevivência do ser humano quando está fora do seu país.

Fotografia 10 – Jorge no estúdio da rádio Nueva América

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 11 – Jorge e Waira no estúdio

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 12 – Jorge mexendo nos equipamentos da rádio

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 13 – Jorge segurando um exemplar da revista Época com a matéria que fala sobre seu trabalho como agente de saúde

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 14 – Papel com o texto sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente que Jorge lê durante a programação da rádio

Fonte: Susana Berbert, 2018

Fotografia 15 – Papel com o texto sobre que Jorge lê durante a programação da rádio

Fonte: Susana Berbert, 2018

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto ao longo dos capítulos apresentados nesta dissertação, compreende-se o contexto em que se dá a existência das rádios para bolivianos na cidade de São Paulo, assim como a centralidade que essas emissoras e seus comunicadores têm na vida de milhares de imigrantes bolivianos que vivem na capital. Nesse sentido, levanta-se a discussão sobre a importância dos canais de comunicação desenvolvidos por grupos minoritários para obtenção de informação e como canal de expressão e representatividade. Ignoradas pela maioria dos moradores da capital paulista, que abriga mais de 12 milhões de habitantes, elas são peças-chave para uma comunidade de imigrantes que, como vimos, não têm um conteúdo direcionado de outra forma. Diante da bibliografia e entrevistas, percebe-se que é por meio das rádios que uma parcela significativa da comunidade boliviana em São Paulo se informa e se entretém, particularmente durante os dias nas oficinas de costura. A rádio é o meio pelo qual essas pessoas têm acesso às informações necessárias para suas vidas. O comunicador boliviano é o propulsor, a força motriz que faz com que isso seja possível. Dessa forma, a importância da *Rádio* para esses ouvintes, como um termo abstrato, contém, na verdade, a importância implícita do comunicador. Sem ele, o que chegaria nas oficinas seriam ruídos sem valor. O comunicador boliviano é a alma, o cerne das emissoras, e o que dá a elas vida.

É daí que compreendemos a importância de entender como esse comunicador significa seu trabalho, os motivos que o impelem a ele, dificuldades que enfrenta, entre outros. Ao conhecê-los, conhece-se da mesma forma o que está por trás do que chega até os ouvintes, o que move a emissora, e quais caminhos e dificuldades que são percorridos por eles até que o conteúdo seja transmitido. A escolha por uma pesquisa focada na construção do perfil do comunicador foi feita com este objetivo e as entrevistas semiestruturadas, somadas à vivência da pesquisadora com as técnicas aplicadas pelo método apresentado, possibilitaram a captação das informações e sua tradução. Jaime Chuquimia e Jorge Gutierrez dão as vozes a esses comunicadores e transmitem seus conhecimentos sobre o tema.

Embora individualizados, retomamos a definição de Pereira Lima que diz que o perfil é representativo: “A pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida um determinado grupo social, passando como que a

personificar a realidade do grupo em questão.” (LIMA, 2008, p. 52)”. Nesse sentido, aliada às entrevistas e à pesquisa com os perfilados, a construção de *mini-perfis* também foi importante para selar e cruzar informações. Assim, além de Jorge e Jaime, a dissertação teve a participação de outros seis comunicadores: Wilmar Rios, Gastón Flores, Lucy Calle, Marianela Araucco, Henri José e Hugo Spinoza.

A seguir separadamente tem-se uma análise dos principais pontos observados no perfil de Jorge e de Jaime e, em seguida, uma união de aspectos em comum apontados pelos dois comunicadores.

No perfil de Jorge Gutierrez evidencia-se sua personalidade forte e crítica, e sua relação afetiva e íntima com o rádio. Em seu caso, a emissora que desenvolveu - a Nueva América - não foi feita pensando apenas no papel de utilidade para o ouvinte ao trazer informações sobre o esporte. Ela carrega também uma carga simbólica para este homem, que traz memórias vivas e antigas sobre sua relação com uma rádio na Bolívia cujo nome também era Nueva América. Em seu caso, o trabalho como comunicador revive experiências passadas, traz um senso de pertencimento, e, além disso, possibilita que ele mantenha laços e continue trabalhando com esporte, principalmente o futebol, uma de suas grandes paixões.

Tendo em conta esse contexto, em seu perfil notam-se aspectos importantes sobre o papel do comunicador e o desempenho dessa função. Jorge, que passou por rádios no dial antes de abrir sua rádio na web e começar também a trabalhar na Mega Fox, afirma que o trabalho do comunicador foi facilitado pela internet. Hoje, a maioria opera em um pequeno estúdio dentro de sua própria casa e não tem mais problemas com a legalidade, uma vez que a maioria das rádios não entra mais no ar de forma irregular.

No preparo do programa, ele especificamente tem uma rotina. Nela, entra nos principais sites, assiste à programas televisivos e conta com a ajuda de colegas para seleção de notícias. Nesse caso, a internet é mais uma vez uma aliada do comunicador. Vimos que é por meio dela que o conteúdo é encontrado. Além de Jorge, Hugo Spinoza, amigo de Jorge que também participou com um *perfil*, reafirma essa importância da internet para o comunicador obter informação. Retomamos uma de suas falas: “É da internet. Nós não temos como sair para pesquisar, agora eu já falei, tenho somente sábado e domingo [para sair], mas sábado e domingo não tem

eventos, não tem acontecimentos, não tem como sair para fazer alguma coisa” (informação verbal, 2018)⁴⁹

Sobre a construção da carreira de comunicador, vimos com Jorge que ela acontece de forma orgânica, natural, que o próprio comunicador desenvolve suas habilidades na prática, uma vez que não tem uma formação profissional. Em seu caso, como visto, a oportunidade de ter um programa diário veio logo que estreou falando sobre esportes em uma rádio que o havia dado uma chance, como apontado em seu perfil. Por ser um assunto que domina e tem paixão, Jorge conta que se saiu bem logo de cara, mas que sua história não é parâmetro. De acordo com ele, os iniciantes têm, em primeiro lugar, oportunidades aos finais de semana - sábados à tarde - para falarem, quando não há muita audiência, e caso se desenvolvam bem e comecem a ser conhecidos, eles passam a ter programas diários, de segunda a sexta. Em sua rádio ele conta que já deu oportunidade para adolescentes começarem.

No desempenho do papel do comunicador, Jorge diz que eles têm duas funções: a de entreter e informar. No entanto, o entretenimento se sobressai. Invariavelmente Jorge afirma que o comunicador escolhe programas musicais e de humor para fazer. Nesse sentido, o perfilado é muito crítico ao trabalho desenvolvido pelos colegas. Ele afirma que falta muita informação e que o ouvinte deveria receber conteúdos mais úteis uma vez que está em um país desconhecido. Jorge diz que o comunicador deveria estar focado em informações sobre direitos, leis, saúde e educação, mas que no geral, eles se envolvem com entretenimento. Ele afirma que o comunicador falha em levar ao ouvinte informações importantes e a educá-los. Nesse sentido, é importante pontuar que o Jorge transmite conteúdos relacionados à saúde e aos Estatuto da Criança e do Adolescente em sua rádio por meio de pequenos boletins, que ele chama de “respiros” dentro do conteúdo esportivo. A atuação dele nessa área, como vimos, rendeu frutos e resultados apresentados na reportagem da revista *Época* em janeiro de 2018 intitulada *Agentes de saúde estrangeiros atendem uma crescente população imigrante em São Paulo* e na pesquisa *"Falta um Jorge": A saúde na política municipal para migrantes de São Paulo* (2016), de Isadora Steffens e Jemerson Martins. Por Jorge conseguir transmitir conteúdos diferenciados, tendo em conta também sua profissão como agente de saúde, ele tem uma exigência maior em relação ao trabalho desempenhado pelos comunicadores.

⁴⁹ GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Rua da Graça, residência de Jorge Gutierrez, Bom Retiro. São Paulo. 15 set. 2018.

Entretanto, observa-se que Jorge não faz críticas sem apontar também as causas e possíveis soluções para as deficiências que enxerga. Noticiar demanda mais tempo e preparo e para Jorge é exatamente a falta desses fatores que limita o desenvolvimento do conteúdo por eles transmitido. O perfilado aponta que por não terem renda como comunicador, por terem que trabalhar fora e terem responsabilidades familiares, os comunicadores não têm disponibilidade para produção de conteúdo noticioso. Nesse cenário, ele revela que, raramente, os comunicadores vão para rua e que quase nunca tem jornalismo. Outra causa de problemas é a parte técnica. Jorge cita a internet. A lentidão ou queda de sinal faz com que os comunicadores tenham problemas para se manterem no ar.

Para melhorar o trabalho dos comunicadores, Jorge aposta na união e nos grupos por eles criados, como a Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil e a Red Uru. Para ele, a promoção de palestras e cursos é fundamental. Percebe-se pelo perfil de Jorge que ele tem um papel mobilizador e aglutinador desses comunicadores. Nesse sentido, é importante dizer que, pela observação da pesquisadora, Jorge é visto com muito respeito pelos colegas, pelas pessoas da comunidade, e o que ele fala e propõe é levado a sério.

Apesar das críticas e problemas apontados por Jorge, percebe-se que ele valoriza os comunicadores e o trabalho desempenhado por ele e seus colegas. Mesmo nas dificuldades, ele diz que o comunicador tem um papel relevante para os ouvintes. Observamos que o principal, na visão dele, é o fato desses homens e mulheres que trabalham nas rádios manterem vivas a cultura e a tradição boliviana na capital paulista. Para Jorge, os comunicadores são corajosos, porque se expõem perante a comunidade. Além disso, ele também valoriza a capacidade de envolvimento que os colegas tem. Para ser comunicador, de acordo com ele, é preciso entrar de cabeça. Daí que para Jorge o que falta aos comunicadores é preparo e tempo, porque vocação, em suas palavras, isso eles têm.

No perfil de Jaime Chuquimia, notamos que ele é um homem tímido, polido, mas que apesar de sua personalidade retraída, assume papéis de liderança e de empreendimento. Detectamos que o perfilado tornou-se comunicador por insistência de um amigo, seguindo uma indicação mais do que propriamente tentando manter raízes ou hábitos trazidos da Bolívia. Sua emissora surgiu como uma oportunidade de empreendimento, a qual ele aceitou e se dedica até hoje. A rádio, nesse sentido, é para

ele não só uma forma de prestar um serviço aos conterrâneos, mas também de promover sua empresa Smart e seus próprios negócios.

A partir da compreensão desses fatores, apontamos percepções de Jaime sobre o papel dos comunicadores, dificuldades e particularidades sobre o ofício por eles desempenhado.

Jaime, como visto, é o dono da Rádio Mega Fox. A sede da rádio, onde ele faz seu programa, fica na empresa que é dono, a Smart. O estúdio equipado, em suas palavras, destoa da realidade de outros comunicadores, inclusive dos que trabalham na Mega Fox. Ele relata que cada comunicador tem sua mesa de som, microfone e internet em casa.

Na grade de programação da emissora, ele tem um programa que passa diariamente das dez da manhã ao meio dia, com foco em notícias. O conteúdo é dividido de acordo com os dias da semana. As segundas são dedicadas às informações sobre a Bolívia e às notícias de dentro da comunidade de imigrantes bolivianos. As terças e quartas ele escolhe um tema específico para falar, como negócios, empreendimento e saúde, por exemplo. Já às quintas e sextas-feiras ele se dedica mais ao humor e à música, pela proximidade com o final de semana. Jaime, em seu caso, conta que não tem muito tempo para um preparo prévio do conteúdo veiculado. Normalmente isso é feito pouco antes do programa ir ao ar, ou aos finais de semana. Nesse sentido, ele conta com a ajuda de um colega para selecionar a notícia. Já as notícias sobre o que acontece dentro da comunidade são trazidas por ele. Jaime é o Presidente da Federação de Residentes Bolivianos na cidade de São Paulo e, como afirma, por participar de eventos, reuniões com consulado, e estar por dentro do que acontece na capital, ele tem informações próprias para passar para os ouvintes. Percebeu-se durante a pesquisa que ele não tem um roteiro prévio para seguir durante o programa, e que abre notícias da Bolívia direto no computador e as lê como são escritas nos sites bolivianos que acessa, como o *Lá Razón*.

Quando questionado sobre o que os comunicadores fazem com qualidade, ele aponta para o entretenimento, mencionando a veiculação de músicas bolivianas, folclóricas e latinas em geral. Observamos que Jaime valoriza essa área, que afirma ser muito importante para o dia a dia dos ouvintes, majoritariamente costureiros. A predominância do entretenimento foi reafirmada por meio de entrevistas curtas realizadas com quatro comunicadores que estavam presentes na festa de

independência da Bolívia: Wilmar Rios, Gastón Flores, Lucy Calle, e Marianela Araucó. Nesses *mini-perfis* apresentados, que somam a construção do perfil de Jaime, todos afirmaram fazer programas de entretenimento.

Apesar de considerar o entretenimento uma peça chave para a existência das rádios, uma vez que elas amenizam e ajudam o ouvinte no dia a dia da costura, Jaime defende um equilíbrio na programação. Nesse sentido, ele afirma que os comunicadores têm um papel ímpar para os ouvintes, pois são eles que levam até às oficinas o que acontece no mundo “lá fora”. Daí fala sobre a importância do comunicador também estar voltado às informações e não só ao entretenimento. Nesse sentido, ele relata que conteúdos deveriam contemplar principalmente informações sobre o país de chegada, como as leis brasileiras, saúde, educação e até empreendedorismo. Nota-se que ele acredita que particularmente cumpre um papel jornalístico, mas que isso não é feito de forma geral pelos colegas, uma vez que falta informação e predominam programas musicais. Essa falta e necessidade também são apontadas nos *perfis*, que complementam o perfil de Jaime. Em suas falas evidencia-se a necessidade que sentem de profissionalização e a vontade de seguirem na carreira da comunicação. Nota-se que a principal razão para o não desenvolvimento de programas diferenciados e noticiosos, com produção própria e reportagens, é o fato do comunicador realizar um trabalho voluntário e não ter um retorno financeiro, fazendo com que ele não possa se dedicar integralmente e tenha que deixar o tempo que “sobra” em sua rotina para a rádio. Nesse sentido, os comunicadores falam sobre a impossibilidade de se dedicarem 100% à rádio, o que mudaria caso tivessem um retorno financeiro e pudessem se manter com esse dinheiro.

No entanto, apesar de esse retorno monetário não existir, Jaime defende que o comunicador sempre tem algum benefício com o trabalho. Nesse sentido, é importante salientar que ele usa a emissora para falar dos serviços oferecidos por sua empresa Smart. O comunicador também diz que foi sua popularidade e a confiança que conquistou por meio da rádio que possibilitou o sucesso do seu empreendimento. Em sua rádio especificamente, ele afirma que dá uma bonificação para os colegas que fazem os programas e dedicam tempo à emissora e que o faz como forma de agradecimento, fato que foi confirmado por outros comunicadores que trabalham na Mega Fox. Os *perfis* que complementam as falas de Jaime também apontam para esse retorno não financeiro. Por meio das entrevistas, evidencia-se que fazer rádio tem

consequências diretas na autoestima dessas pessoas, na confiança que sentem em relação a si próprias e até mesmo na popularidade delas dentro da comunidade. Percebe-se isso de forma clara nas falas de Jaime, de Lucy Calle, Wilmar Rios e Marianela Araucó.

Dentro desse tema que envolve as dificuldades dos comunicadores, as partes técnicas também se destacaram como pedras de tropeço nos trabalhos desenvolvidos, de acordo com Jaime, e como presenciado pela pesquisadora na festa de independência da Bolívia. Na ocasião, como apresentado, a transmissão atrasou horas porque eles não tinham conhecimento de como instalar o roteador e esperavam pelo comunicador responsável por essa questão, que estava trabalhando.

O perfil de Jaime também traz o problema da falta de profissionalização. Nesse sentido é importante destacar as tentativas de Jaime de desenvolver o trabalho dos comunicadores da Mega Fox. Como visto nos *perfis*, dos quatro comunicadores, três iniciaram na emissora depois de um curso oferecido por Jaime com um radialista trazido da Bolívia. No perfil vemos também que o início da carreira é construído aos poucos, a partir da dedicação e desempenho de cada um. Jaime afirma que o candidato inicialmente faz testes aos finais de semana, ocasião em que há poucos ouvintes, e caso se saia bem e ganhe popularidade, passa a ter um programa diário.

Um ponto que merece destaque no perfil de Jaime é o plano de desenvolvimento que ele tem para emissora e para os comunicadores que trabalham na Mega Fox. Assim como a internet abriu a possibilidade das rádios funcionarem sem necessariamente estarem no dial, abriu a possibilidade de novos formatos. Jaime tem investido também em conteúdo multimídia e aposta no vídeo para complementar a informação levada pelo áudio. Nesse sentido, o comunicador investiu em equipamentos, câmeras, tripés e microfones para a equipe, além do estúdio que montou no prédio de sua empresa, a Smart, onde ele planeja colocar a sede oficial da rádio, com comunicadores assalariados trabalhando em tempo integral. Mais uma vez sua força empreendedora se destaca.

Apesar de se dizer insatisfeito com a quantidade de informação e notícias transmitidas pelos comunicadores, Jaime é mais maleável e otimista em suas críticas. No geral, acredita que os comunicadores cumpram sim um papel importante e único dentro da comunidade, ainda mais levando em conta as limitações que o dia a dia impõe a esses trabalhadores. Daí é importante salientar que o comunicador não afirma

que não tem notícias nas rádios, mas que faltam mais programas jornalísticos e produção própria. Nos *perfis* essa crítica se repete, da mesma forma que se repete a importância que dão ao trabalho desenvolvido pelos comunicadores, apesar dos problemas. Nas falas apontadas em todo o perfil, fica clara a centralidade que esses comunicadores dão às rádios, ainda que com limitações, no fornecimento de informações e mobilização da comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo. A fala de Lucy Calle “Si no hubiera la radio nadie sabría que hay fiesta aquí”, é icônica e representativa dessa importância.

Com a retomada das principais questões levantadas pelos dois perfis apresentados, percebe-se que existem muitos pontos convergentes em suas falas que especificamente nos interessam para uma compreensão mais ampla do trabalho realizado pelos comunicadores de rádios bolivianas na cidade de São Paulo. Esses pontos foram divididos nos seguintes tópicos: (1) a construção da carreira é feita na prática; (2) falta profissionalização para o comunicador; (3) ser comunicador é um trabalho de segundo plano; (4) o perfilado acredita que ao comunicador falta prática de jornalismo e de produção de notícia; (5) o perfilado acredita que entretenimento é o ponto forte do comunicador; (6) há a certeza da relevância do trabalho que desempenham, a despeito dos problemas.

A partir do apresentado por eles, entendemos que ser um comunicador boliviano é diariamente desempenhar um exercício de enfrentamento e resistência. Embora tenha um retorno simbólico, baseado no reconhecimento social, o desempenho do trabalho configura-se mais como um esforço pessoal para um retorno coletivo. Ou seja, um retorno à comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo. Em um primeiro momento, quando as rádios operavam apenas no dial, é importante salientar que esses comunicadores enfrentavam até a legislação brasileira e se colocavam em uma posição de vulnerabilidade para desempenhar seus trabalhos nas rádios, correndo o risco de serem punidos individualmente para um ofício que realizavam também para seus conterrâneos.

Os dois perfis apontam para a existência de uma construção de carreira no universo das rádios. O comunicador torna-se comunicador na prática, passa por uma ordem hierárquica dentro da programação, e sobe nela de acordo com seu progresso. Como apontado pelos entrevistados, os iniciantes estreiam aos sábados, dia de folga nas oficinas e, portanto, de baixa audiência. Aos poucos, caso mostrem aptidão para

comunicação, recebem um horário de segunda a sexta. Disso depreende-se que o desenvolvimento do comunicador é mais intuitivo e mimético. Feito a partir daquilo que ouvem e consomem nas rádios e não a partir de orientações de especialistas ou profissionais.

Nesse sentido entramos para um segundo ponto importante trazido por ambos, que é a falta de profissionalização. Os perfilados afirmam que ofício do comunicador é amador, desde a produção do conteúdo que vai ser transmitido, até o conhecimento da parte técnica, como no caso da internet, por exemplo. A causa para essa falta de preparo é trazida por eles como consequência da falta de tempo e disponibilidade do comunicador para se aprimorar nas rádios e se dedicar a elas. Isso é reafirmado pelos *mini-perfis* que acompanham os perfis.

Abordamos, assim, um terceiro ponto em comum dos dois perfis, que é o fato do trabalho de comunicador ser um trabalho de segundo plano. Por não terem retorno financeiro, os comunicadores não se dedicam integralmente às rádios e realizam seus programas em intervalos, tempos que sobram de suas rotinas de trabalho e responsabilidades familiares. No dia a dia, a rádio divide-se entre ocupações e obrigações mais urgentes nas vidas deles: o ofício remunerado, as necessidades familiares, a responsabilidade de levar dinheiro para dentro de casa. Daí, pouco tempo sobra para o desenvolvimento da profissão de comunicador, e a que mais nos interessa, do jornalista.

Nesse cenário, entramos para um quarto aspecto trazido nos dois perfis: o fato de não terem disponibilidade e ferramentas para desenvolverem conteúdo próprio e produzirem notícias. De acordo com os perfilados o comunicador acaba optando por não transmitir programas noticiosos, a razão para tal mostra-se sendo a falta de tempo para apuração, produção, execução de reportagens e entrevistas. Quando procuram por notícias, invariavelmente afirmam usar a internet. É só a partir de iniciativas isoladas que chegam a ter acesso a alguma orientação. Os dois perfilados contam sobre contribuições que fizeram nesse sentido. Jaime, ao trazer um comunicador boliviano em 2017 para dar um curso para novos comunicadores que quisessem trabalhar na Mega Fox e Jorge com os eventos promovidos pela Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil. No entanto, em 2018 nenhum curso ou palestra foram oferecidos. Tem-se, portanto, que profissionalização do comunicador boliviano se dá, principalmente, a partir do dia a dia, da vivência de cada um deles e, também, do

interesse particular de cada um em se desenvolver. Nesse sentido retomamos uma palavra que tem sido usada em todo o corpo desta dissertação: *comunicador*. Apesar de estarem nas rádios, em toda a pesquisa nenhum desses homens e mulheres referiu-se a si mesmo ou ao grupo como *jornalista*. A palavra que usam é sempre *comunicador*. Essa questão ficou expressa na fala de Jorge quando conta sobre a criação da Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil, em que diz que descartou as palavras radialistas ou periodistas por não terem formação e experiência na área. Foi respeitando essa nomenclatura que, como anteriormente dito, utilizamos o substantivo comunicador no decorrer da pesquisa em detrimento de jornalista.

Na questão da falta de notícias, os dois perfis apontam para a necessidade dos comunicadores se focarem em assuntos úteis para os ouvintes, como questões sobre direitos do imigrante, dinheiro, leis brasileiras, saúde e educação, por exemplo. É importante notar que ambos comunicadores perfilados desenvolvem programas que não trazem apenas entretenimento, mas informam o ouvinte. Daí a importância da fala deles ao transitarem pelos dois lados e conhecerem as limitações do trabalho.

Se por um lado existe essa crítica ao trabalho, por assim dizer, jornalístico desempenhado pelos comunicadores, por outro lado os dois perfilados valorizam o trabalho desenvolvido pelos colegas quando o assunto é entretenimento. Chegamos, assim, ao quinto ponto elencado. Ambos afirmam que os comunicadores se focam em programas humorísticos e musicais e que, nesse quesito, se saem muito bem. O entretenimento é apontado como importante por eles para distrair o ouvinte e amenizar o dia de trabalho. Apesar de acharem que esse conteúdo exista em excesso, eles não descartam sua relevância. Tanto Jorge como Jaime afirmam que é exatamente essa área que é o ponto forte do comunicador boliviano. Ao realizarem esse trabalho, ajudam o costureiro que os ouve e, também, valorizam a cultura do país que deixaram.

Apesar das críticas e dos problemas mencionados, o sexto ponto elencado é o fato dos dois perfilados não diminuírem a importância dos comunicadores e do conteúdo transmitido pelas rádios. É claro, pelas suas falas, que acreditam que os colegas estejam fazendo um trabalho relevante na capital, dentro de todas as limitações impostas pela realidade que enfrentam. Mesmo com a falta de programas noticiosos, de produção própria, de tempo para preparo e dedicação aos conteúdos transmitidos, os perfilados afirmam que ainda assim é por meio do trabalho dos

comunicadores que a comunidade fica informada sobre o que acontece e se entretém. Nota-se pelos perfis que ser comunicador em um contexto de imigração, de encontro com o desconhecido, é ser um norte, uma bússola de orientação. Ainda que desempenhado de forma amadora, os comunicadores sabem da importância que têm para a comunidade boliviana em São Paulo, acreditam que façam diferença na vida das pessoas e se orgulham de quem são e do que fazem.

Tendo em conta esse apanhado geral, quando o colocamos à luz das definições do perfil ideal do comunicador, levantadas por Niceto Blázquez (1999) e pelos pesquisadores entrevistados, e dos conceitos de radiojornalismo, serviço e entretenimento elencados, há considerações interessantes de serem feitas.

Quando o comunicador afirma que quase não há radiojornalismo, o diz como um reflexo da programação das rádios e da prática profissional propriamente dita, uma vez que esse comunicador não tem tempo hábil para produzir as próprias notícias e ir atrás da informação *in loco*. No entanto, quando esse trabalho é observado de forma geral nos perfis, ainda que incipiente, eles afirmam contribuir para a informação de seus conterrâneos. Quando levamos em conta as definições de radiojornalismo apresentadas pelos pesquisadores entrevistados – Lucht, Marcelo Cardoso, Lenize Cardoso, Russo, Vaz Filho e Galvão Júnior – que abarcam aspectos mais subjetivos desse conceito, pode-se entender que esses comunicadores, à despeito das limitações, conseguem realizar esse trabalho. O pesquisador Marcelo Cardoso defende que o conceito de radiojornalismo também diz respeito ao vínculo criado com o ouvinte e passa pela criação de um ambiente de pertencimento, com a veiculação de histórias e contos sobre um bairro ou uma festa popular, por exemplo. Para ele, em casos como o dos bolivianos em São Paulo, que estão longe de sua terra natal, esse trabalho é potencializado com a transmissão de certos conteúdos, como notícias da Bolívia. Como afirma Cardoso: “seja pelo entretenimento com música e ludicidade típicas ou por meio de informações sobre shows, festas folclóricas, feiras, entre outras formas de se manter vinculado àquela comunidade de origem.” Esse trabalho é descrito pelos comunicadores em seus perfis e, ainda que não possuam ferramentas para o fazer de forma ampla e aprofundada, dentro da realidade permitida e da capacidade que possuem, buscam realizar um trabalho jornalístico.

Em termos de simplicidade da fala e técnicas que devem ser usadas por profissionais de rádio, como levantado pelos pesquisadores Galvão Júnior, Pedro Vaz

Filho e Janine Lucht, nota-se pelos perfis que isso é feito de uma forma muito mais espontânea do que propriamente intencional, uma vez que esses comunicadores não tem um conhecimento teórico do trabalho no rádio. Essa aproximação com o ouvinte, linguagem simples que usam no dia a dia, equilíbrio e forma como captam e transmitem os conteúdos pelo rádio é feita a partir do firmado por eles e acompanhado pela pesquisadora, de forma mais natural.

O mesmo se verifica em relação às técnicas jornalísticas que abarcam as definições mais teóricas do radiojornalismo trazidas por Barbosa (2003) e pela Enciclopédia INTERCOM de comunicação (2010). Percebe-se que essas definições não são conhecidas de forma clara e aprofundada pelos comunicadores. Apesar do foco do estudo proposto ser o perfil do comunicador e não um estudo sobre o método de trabalho e análise de conteúdos, a partir das entrevistas e informações coletadas com esses comunicadores e a participação da pesquisadora em atividades e transmissão dos programas, tem-se que esses comunicadores não possuem nenhuma base teórica para produção jornalística e o fazem como que por “instinto”. Nesse sentido cabe lembrar que, como mostram os perfis, pouco há de produção jornalística própria e a maioria do conteúdo noticioso transmitido é retirado da internet.

Já na questão do entretenimento, que os perfilados afirmam ser o ponto forte do comunicador boliviano nas rádios em São Paulo, quando levamos em conta as definições trazidas do gênero por Barbosa (2003, p. 113), observa-se que realmente esses comunicadores buscam realizar um trabalho completo. O que chama atenção nesse aspecto é que, por meio dos perfis, percebe-se que eles não estão apenas preocupados com uma transmissão musical superficial e mercadológica, mas com uma programação que abarque os mais diferentes aspectos da cultura boliviana. Na programação da rádio de Jaime, por exemplo, existem programas musicais folclóricos, programa musical com música regional Cumbia, além de o comunicador expressar uma preocupação em fazer programas até nas línguas nativas Quéchuá e Aimará. Jorge também fala sobre essa necessidade de ter entretenimento nas rádios e prioriza a transmissão de músicas folclóricas em sua emissora.

A explicação dada pelos perfilados para esse trabalho voltado ao entretenimento diz respeito à necessidade de amenizar o trabalho dos costureiros e também de ajudá-los a matar a saudade da cultura boliviana, valorizando essa cultura e fazendo com que o ouvinte se sinta mais à vontade, em casa. Isso vai de encontro

exatamente com as definições de entretenimento trazidas por André Barbosa Filho, em que o autor afirma, como apontado anteriormente, que o conceito é intimamente ligado ao imaginário e cria um ambiente de proximidade e empatia com o ouvinte, tendo um papel importante na criação de uma realidade mais justa e humana.

Dessa forma, mesmo que espontaneamente, os comunicadores apontam para um trabalho de entretenimento que vai além da pura e simples distração, mas que tem um valor íntimo e muito positivo na realidade dos imigrantes, uma vez que esses estão distantes de sua pátria.

Junto ao entretenimento, a prestação de serviços é o gênero que os comunicadores mais mencionam quando falam sobre o trabalho que realizam. Campanhas de vacinação, informações sobre atendimento na saúde pública brasileira, documentação para visto e permanência no estrangeiro. Esses são os assuntos que eles afirmam ser os mais pertinentes e os trazem com frequência em suas rádios. Nesse sentido, os comunicadores têm consciência da importância de veicularem informações úteis para os ouvintes.

Dos perfilados, Jorge é o que mais traz informações dentro desse gênero, uma vez que vai de encontro às atividades desempenhadas por ele como agente de saúde. Como ele está imerso nessa realidade, o perfilado diz que a prestação de serviço poderia ser feita de forma mais intensa nas rádios e, de uma forma geral, é bem crítico sobre o trabalho dos colegas e fala sobre a necessidade ter mais iniciativas nesse sentido. No entanto, ambos os perfis afirmam a importância desse gênero e dão exemplos do trabalho que fazem. Sem entrar na análise desse trabalho e em uma discussão se ele é satisfatório ou não, compreende-se a partir do exposto aqui que esses comunicadores sabem da importância do desempenho da prestação de serviço e o fazem de acordo com as possibilidades, dentro da realidade que operam. No caso de Jorge, como vimos, o impacto do trabalho que faz voltado à saúde é testificado por reportagens e até uma pesquisa acadêmica na área.

Em relação às características trazidas por Blázquez do perfil ideal do comunicador, há alguns paralelos para serem feitos.

O pesquisador, como apontado anteriormente, menciona aspectos e conceitos que devem fazer parte de uma prática ética desse profissional, como buscar a informação objetiva e a veracidade, corrigir erros e dar direito de resposta, a busca pela liberdade de expressão, liberdade de pensamento e de consciência, de responder

a sua cláusula de consciência, a necessidade de ter responsabilidade informativa, de manter o segredo profissional, de não fazer uso de tratamento difamatório ou plágio, a necessidade da integridade e de estar livre de conflitos de interesse.

Quando pensamos nessas questões de forma sistemática e técnica, elas não podem ser transferidas de forma direta para a prática dos comunicadores bolivianos, uma vez que eles não têm conhecimento desses aspectos e pouco realizam de produção jornalística própria. Também não é objetivo da presente dissertação analisar cada aspecto desses apontados, uma vez que o foco não é um estudo sobre a produção jornalística dos comunicadores. Entretanto, pensando no conhecimento desses conceitos, como visto pelos perfis, o comunicador boliviano não tem uma formação acadêmica, um estudo teórico sobre as condutas que devem guiar o profissional de comunicação e, dessa forma não tem esses preceitos verbalizados e compreendidos de forma clara. Antes, sua postura em relação ao fazer jornalístico é muito mais intuitiva e ligada ao dia a dia dessas pessoas. Assim, depreendemos que o comunicador boliviano desempenha seu trabalho nas rádios com ética à medida que também age com ética nas mais variadas atividades e decisões que toma em seu dia a dia. Sem um arcabouço teórico e, portanto, sem conhecimento para transferir conceitos ligados à conduta jornalística para a prática, a noção que trazem do fazer jornalístico em suas falas é uma noção dada a priori, pautada em uma ética que deve guiar qualquer cidadão.

No entanto, quando Blázquez traz definições sobre a natureza desse comunicador, ou seja, aquilo que o forma na essência, percebe-se que muitas das falas dos perfilados convergem para as características apontadas pelo pesquisador.

Blázquez (1999, p. 34) afirma que ser comunicador deve ser uma *maneira de ser* e que para o desempenho dessa profissão é necessário ter *vocação*. Ora, Jorge Gutierrez usa essa terminologia para falar sobre a ação dos colegas. Ele afirma que no quesito técnica, os comunicadores bolivianos deixam a desejar, mas que não tem como dizer que esses homens e mulheres não têm vocação. Quando pensamos que esses comunicadores desempenham seus trabalhos sem retorno financeiro e tiram minutos de lazer, convivência familiar e descanso para produzirem conteúdo e falarem nas rádios, a questão de ser comunicador como uma *maneira de ser* fica também latente. Afinal, eles não têm estudo, não têm preparo e ainda assim escolheram essa profissão e são comunicadores. Como expressa Jorge Gutierrez, esse

profissional se envolve profundamente nos problemas da comunidade. De certa forma, isso faz parte da essência e maneira de ser de cada um deles.

Do mesmo modo, quando Blázquez (1999, p. 87) fala sobre a necessidade desse comunicador ser *desinteressado*, ou seja, desempenhar sua função visualizando um bem coletivo e não pessoal, esse aspecto do voluntariado também chama atenção. De forma prática e financeira, não existem retornos aparentes para esses profissionais. Eles escolheram, de forma espontânea, se dedicar às emissoras e dão um retorno fundamental no dia a dia de seus conterrâneos. Entretanto, como o próprio Blázquez (1999, p. 25) afirma, sempre existe uma forma de recompensa para esse profissional. Como vemos pelos perfis, essa retribuição é dada muitas vezes pelo reconhecimento, melhora na autoestima, sensação de pertencimento ou sentimento de relevância dentro da comunidade. No caso de Jaime, especificamente, o trabalho na rádio tem um retorno visível na empresa da qual é dono, a Smart. O próprio perfilado afirma que ganhou popularidade e confiança do público por meio do trabalho como comunicador e isso impulsionou seus negócios particulares. Hoje, na rádio, ele também fala sobre os serviços oferecidos pela empresa. Nesse sentido, um ponto que deve ser observado na conduta desses comunicadores é a necessidade de uma atenção especial e um cuidado para não haver imbricação da informação jornalística com a propaganda, por exemplo, e até mesmo o conceito de opinião. Talvez sejam esses os pontos mais delicados na comunicação desenvolvida por esses imigrantes. Embora eles afirmem não ser comum patrocínio nas emissoras – tanto que não conseguem monetizar por meio delas – tem-se pelos perfis que eles não possuem estudo e, portanto, não detêm um conhecimento teórico sobre conceitos e formatos do rádio, o que pode causar em certos casos uma confusão e mistura entre os conteúdos transmitidos. Daí, as falas e transmissões dos programas devem ser feitas com muito cuidado. A compreensão por parte deles das diferenças e limites que devem separar práticas como jornalismo, propaganda e opinião, seriam facilmente explicados e resolvidos se esses comunicadores possuísem algum aporte teórico e orientação profissional. Nesse sentido, uma das necessidades desses comunicadores é a existência de um apoio profissional, com promoção de aulas, palestras e grupos de discussão. O desejo por esse tipo de aporte foi manifesto nas entrevistas realizadas para a construção dos perfis.

A necessidade desses comunicadores se manterem distantes de grupos de interesses, políticos e econômicos, por exemplo, também merece atenção. Blázquez (1999, p. 34), como vimos, afirma que esse profissional deve ser independente. Pelos perfis e entrevistas, percebemos que não existe uma pressão externa que silencie ou paute esses comunicadores. Voluntariosos, eles produzem seus programas e afirmam que até escolhem o tema que querem desenvolver. O que fica em jogo aqui é mais o desempenho particular da ação comunicacional de cada um desses homens e mulheres, que, como trazido pelo tópico anterior, devem anular seus próprios interesses.

Quando, enfim, passamos a discussão para o papel que desempenham como radiocomunicadores latino-americanos, tem-se por meio dos perfis que o trabalho desenvolvido pelos comunicadores vai de encontro às definições trazidas pelos pesquisadores entrevistados sobre esse tema. Marcelo Cardoso, Lenize Villaça Cardoso, Galvão Júnior, Vaz Filho, Lucht e Russo discorrem exatamente sobre a necessidade de esse profissional estar ligado à cultura, às raízes dos ouvintes, e de trazer programas que satisfaçam às necessidades desses ouvintes. “Sempre valorizando as suas raízes e conhecendo seu público”; “Comunicar a essência do povo para o povo utilizando a voz desse povo”; “Ouvir este receptor, estar com ele, viver os ambientes urbanos ou não, ter esse referencial”, são algumas das definições trazidas pelos pesquisadores que compõem o perfil ideal desse comunicador e que foram anteriormente apontadas nesta dissertação.

Ora, os comunicadores bolivianos aparecem como profissionais oriundos desse grupo migratório, que conhecem a realidade vivida pelos conterrâneos e que viveram ou vivem essa realidade. Esse aspecto do trabalho desses profissionais é ainda mais valorizado, uma vez que o comunicador boliviano na capital paulista é também um imigrante e, consigo, traz toda a bagagem que essa transição de pátria proporciona. É um comunicador na América Latina, mas um comunicador que fala de uma posição de mudança dentro dessa América Latina. Tem nele aquilo que viveu na Bolívia, aquilo que traz ao país de chegada e aquilo que vive nesse novo destino. Dessa forma, ao falar com seu ouvinte, ele não fala como alguém de fora, mas como um igual. Esse papel desse radiocomunicador latino-americano fica evidente em muitos aspectos que foram abordados até aqui, como as opções por músicas latinas, folclóricas, regionais, pela preocupação desses comunicadores em utilizar o espanhol

e até línguas nativas em determinados programas, pelas informações voltadas a Bolívia, pela valorização e cobertura de eventos culturais, pela valorização de uma comunidade viva e ativa e pela dignificação de um povo em terra estrangeira.

Tem-se que, a despeito de limitações, falta de profissionalização e tempo, a despeito de problemas teóricos e técnicos, a despeito de aparentes despreparos e improvisos, esses homens e mulheres desempenham um importante papel como radiocomunicadores latino-americanos.

Tem-se também, e por fim, que todo perfil é feito também por uma construção do pesquisador. O método apresentado, seguido à risca em sua execução, não exclui, mas valoriza as impressões, as análises, a tradução da realidade que perpassam o agente da pesquisa. Esse agente, que carrega lentes próprias de enxergar o mundo, exprime por meio da escrita o conhecimento adquirido e, também, parte daquilo que ele próprio é. Como o método aponta, este pesquisador, quer perfila, se aproxima, conhece e se distancia para análise, é o *tradutor de conhecimentos*. E como tradutor de conhecimentos, é em um esforço íntimo, árduo, sério e profissional que ele contribui para compreensão da realidade que nos cerca. Nesta dissertação apresentada, além de Jorge, Jaime e dos comunicadores representados, conhece-se por meio desses perfis, também, de forma mais sutil, as características de quem a escreveu e os caminhos e dilemas percorridos até o resultado final. Tem-se, em uma medida menor, mas ainda assim importante, um pouco do que é vivido pelo pesquisador em sua busca de realizar uma contribuição ao saber.

No fim, como aqueles que leram essas páginas até chegar aqui, a pesquisadora que termina esta dissertação já não é a mesma que a começou. Nela, no conhecimento que tem do mundo, nas impressões que carrega a partir de agora, ficam partes da vida de quem ela perfilou e do mundo que ela conheceu - e traduziu.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcia Ernani de. **Tecnologias e cuidado em saúde:** a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o caso do imigrante boliviano e coreano no bairro do Bom Retiro-SP. 2013. 319 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva) Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

AGUIAR, Marcia Ernani de; MOTA, André. O Programa Saúde da Família no bairro do Bom Retiro, SP, Brasil: a comunicação entre bolivianos e trabalhadores de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, n. 50, 2014.

ALARCÓN, Hernando Bernal. Radio Sutatenza: un modelo colombiano de industria cultural y educativa. **Boletín Cultural y Bibliográfico**, Colômbia, v. 46, n. 82, p. 4-41, 2012.

ALARCÓN, Hernando Bernal. En: **Instituto para América Latina. Radio y democracia en América Latina**. Lima, IPAL. 1989.

A VOZ de um povo. Direção e produção: Ben Hur Avelino Pereira e Ítalo Milhomem Santos Zikemura. Campo Grande (MS). Produção independente, 2008, Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/6LnYEDgxQWY> / <https://youtu.be/oSWW3lljD3I> / <https://youtu.be/YKgQVAUqByk> / https://youtu.be/9Y_gJUzc7jM / <https://youtu.be/RXzIChGA0Z4> / <https://youtu.be/tpJxZvfZQfI>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BLÁZQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1999.

BEDREGAL, Teresa Flores. Las radios de los mineros bolivianos. Instituto para América Latina. **Radio y democracia en América Latina**. Lima, IPAL, p. 41-63, 1989.

BELTRAN, Luis Ramiro, REYES, Jaime. Radio popular en Bolivia: la lucha de los obreros y campesinos para democratizar la comunicación. **Diálogos de la comunicación**, Peru, **Nº. 35, 1993**. Disponível em: <http://bit.ly/2s21j5m> acesso em: 17 jul. 2017.

BELTRÁN, Luis Ramiro. La radio local en América Latina, Políticas e legislación. Archipiélago. **Revista cultural de nuestra América**, México, 2011. v. 19, n. 73.

BERBERT, Susana. **Bienvenidos**: história de bolivianos escravizados em São Paulo. São Paulo: Editora Moinhos, 2018.

BIGNAMI, Renato. Trabalho escravo contemporâneo: o sweating system no contexto brasileiro como expressão do trabalho escravo urbano. In. **Trabalho escravo contemporâneo: O desafio de superar a negação**, 2nd edn. São Paulo: LTR, 2011.

BLOTTA, V. Obstáculos econômicos aos princípios do pluralismo e da igualdade no acesso à informação. In. **Núcleo de Estudos da Violência**. São Paulo, pp. 188-198. 2012.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 05 fev. 2019.

BRASIL. Lei 9.612 de 19 de fevereiro de 1998. **Rádiodifusão Comunitária**. República Federativa do Brasil. Brasília-DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm> Acesso em: 30 out. 2017.

BRASIL. Lei 4.117 de 27 agosto de 1962. **Código Brasileiro de Telecomunicações**. República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm> Acesso em: 30 out. 2017.

BRUNCH, Sandra Aliaga; VEGA, Magali Camacho. **Instituto para América Latina. Radio y democracia en América Latina.** Lima, IPAL, p. 65-78, 1989.

CACCIAMALI, Maria Cristina; AZEVEDO, Antonio Gomes de Azevedo. Entre o tráfico humano e a opção da mobilidade social: os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 129-143, 2006.

COLLIN, Claude. La radio est une bonne chose. **Revista L'Homme et la Société** 47, 48, 49 e 50, Paris, 1978.

COMPARATO, F. K. Direito à Comunicação: liberdade, a farsa e a tragédia. Prefácio in. LIMA, V. A de. **Liberdade de Expressão x Liberdade de Imprensa.** Direito à Comunicação e Democracia. São Paulo: Publisher Brasil, 2010

CONVENÇÃO AMERICANA SOBRE DIREITOS HUMANOS. Costa Rica, 1969.
Disponível em:
https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm Acesso em:
11 out. 2017

CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. 1985. Disponível em: <
<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2016/04/5a3794bc4994e81fd534219e2d57e3aa.pdf>> Acesso em: 11 out. 2017

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-Reportagem:** Guia Prático para Profissionais e Estudantes de Jornalismo. Campinas: Editora Alínea, 2017.

CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara Rolnik. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 17, 2007

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO. França, 1789.
Disponível em: < <http://pfdc.pgr.mp.br/atuacao-e-conteudos-de->

[apoio/legislacao/direitos-humanos/declar_dir_homem_cidadao.pdf](#)> Acesso em: 02 fev. 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: < https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf >. Acesso em: 27 fev. 2018.

DIAS, Danilo Borges. **Mídia, imigração e identidade (s):** as rádios bolivianas de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

DIAS, Danilo Borges. **Mídia, Migração e Identidade:** As Rádios Bolivianas de São Paulo em Uma Abordagem Entre 2011 e 2014. Unesp, 2014. Disponível em: < <https://www.faac.unesp.br/Home/Departamentos/ComunicacaoSocial/midiacidada/dt5-23.pdf> > Acesso em: 17 jul. 2017.

ENCICLOPÉDIA INTERCOM de comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v. 1; Disponível em: < <http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf> > Acesso em: 11 mar. 2019.

FANON, Frantz. Aqui la voz de Argélia. **De las ondas rojas a las radios libres.** Barcelona: Gu_s tavo Gili, p. 72-96, 1981.

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. **A América Latina na Mídia Alternativa:** A Produção de Notícias na Radioagência NP e na Agência Pulsar Brasil. Dissertação de Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. 2a Edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREITAS, Patrícia Tavares de et al. **Imigração e experiência social:** o circuito de subcontratação transnacional de força-de-trabalho boliviana para o abastecimento de oficinas de costura na cidade de São Paulo. 2009. 291 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), Campinas, 2009.

FREITAS, Patrícia Tavares. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção—em busca de um paradigma analítico alternativo. **Informe GEPEC**, Paraná, v. 15, n. 3, p. 222-240, 2011.

GUMÚCIO, Mariano Baptista. **Breve história de Bolívia.** La Paz: Editora Fondo de Cultura, 1996.

KAPLÚN, Mario. La comunicación popular¿ alternativa válida?. Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 7, p. 40-43, 1983.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación.** La Habana: Editorial Caminos, 2002.

LASEVITZ, Rafael Simões. Máquinas de costura e máquinas de escape: três narrativas de fuga e a criação de um espaço-tempo boliviano em São Paulo. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 15, n. 36. 2014

LASEVITZ, Rafael Simões. **"La mano costura, pero es la boca quien habla":** narrativas de fugas e repetições bolivianas na cidade de São Paulo. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Editora Manole, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O Livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso:** realidade e potencialidade. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

LOZADA, Fernando; KUNCAR, Gridvia. “Las Emisoras de Bolivia: Una Historica Experiencia de Comunicacion Autogestionaria.” In Fernando Reyes Matta (Ed.), **Cornunicacion Alternativa y Bus quedas Democraticus**. Mexico City: ILET/Friedrich Ebea Stiftung, 1983, pp. 105-132.

LOZADA, Fernando; KUNCAR, Gridvia. “**Las Voces del Coraje: Radios Mineras de Bolivia.**” Chasqui, April-June 1984, pp. 52-57.

MAGALHÃES, Giovanna Modé. **Fronteiras do Direito Humano à Educação**: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MACBRIDE, Sean. **Un Solo mundo, voces múltiples**: comunicación e información en nuestro tiempo. México: Fondo de Cultura Económica, Unesco, 1980

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MATTELART, Armand. A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos. **Intercom- Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 1, 2009.

MENDEL, T. SALOMON, E. Liberdade de Expressão e Regulação da Radiodifusão. **Série debates CI**. UNESCO, 2011. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001916/191623por.pdf>> Acesso em: 11 out. 2017

O'CONNOR, Alan. The miners' radio stations in Bolivia: A culture of resistance. **Journal of Communication**, v. 40, n. 1, p. 102-110, 1990.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

OTA, Daniela Cristiane. **A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro.** Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2006

PACTO INTERNACIONAL DE DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS. 16 de Dezembro de 1966. Disponível em:<
http://www.refugiados.net/cid_virtual_bkup/asilo2/2pidcp.html> Acesso em: 14 abr. 2018.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: Jorge Duarte e Antonio Barros (Orgs.) **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 125-145.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** São Paulo: Editora Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Participação nas rádios comunitárias no Brasil. In: **Congresso da Intercom**, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 2007.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. **Palavra clave**, Colômbia, v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v11n2/v11n02a14.pdf>> Acesso em: 4 dez. 2017.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Rádios Livres e Comunitárias, Legislação e Educomunicação. **Revista Eptic**, Sergipe, v. 11, n. 3, 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. A Comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano. **Diálogos de la Comunicación**, Peru, n. 82, p. 1, 2010.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento local. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p.69-94.

SANTORO, Luiz Fernando. O Rádio e a TV como Objetos de Ensino. **Cultura Vozes**, v. 1, p. 1, 1980.

SANTORO, Luiz Fernando. Rádios Livres: o uso popular da tecnologia. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 06, 1981.

SANTORO, Luiz Fernando; FADUL, A.; SILVA, C. E. L. E. Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação. **Intercom** (São Paulo), São Paulo, SP, v. 29, p. 67-76, 1982.

SILVA, Sidney A. Da. Bolivianos - A Presença da Cultura Andina. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. SILVA, Sidney A. Da. Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

STEFFENS, Isadora; MARTINS, Jameson. "Falta um Jorge": A saúde na política municipal para migrantes de São Paulo (SP), Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 98, p. 275-299, 2016.

TORRES, César Augusto Bernal. **Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales**. Pearson educación, 2006.

VIGIL, José Ignacio López. **Radio Pio XII**. Una mina de coraje. Quito, Equador. 1984.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual Urgente para Radialistas Apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar**. São Paulo: Global Ed., 1982.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: o mundo dos outros**. 22 personagens e 1 ensaio. Barueri: Editora Manole, 2014.

VILAS-BOAS, Sergio. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. 207f. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção de Título de Doutor em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VILAS-BOAS, Sergio. **Páginas da vida: a arte biográfica e perfis**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

XAVIER, Iara Rolnik et al. **Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo**. 2010. 263 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Núcleo de Estudos da População, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

XAVIER, Iara Rolnik. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p.

SITES

ALER. **Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica** (ALER). Disponível em: < www.aler.org > Acesso em: 26 out. 2017.

BOLÍVIA-BRASIL. **Associação de Comunicadores Bolívia-Brasil**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/comdebol.brasil> > Acesso em: 05 abr. 2018

BOLIVIA CULTURAL: <http://www.boliviacultural.com.br/port/>. Acesso em: 23 mar. 2018

CADERNO METRÓPOLE: <http://cadernosmetropole.net/>. Acesso em: 23 mar. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA DA BOLÍVIA. 2015. **Estadísticas Sociales – Línea de pobreza**. Disponível em: <<http://www.ine.gob.bo/index.php/podreza-desarrollo/introduccion-2>> Acesso em: 17 jul. 2017.

MEGA FOX, Rádio. Disponível em: <http://www.radiofoxbolivia.net/>. Acesso em: 05 abr. 2018

MINISTERIO DE EDUCACIÓN BOLIVIANO. **Bolivia reafirma y celebra su condición de Estado Libre de analfabetismo con una tasa del 2,8%**. Bolívia, 20 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.minedu.gob.bo/index.php/noticias/998-266-benianos-concluyen-la-primaria-gracias-a-la-post-alfabetizacion>> Acesso em: 17 jul. 2017.

NUEVA AMERICA, Rádio. Disponível em: <http://www.radionuevaamerica.com/> Acesso em: 05 abr. 2018

PNDU. Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Bolivia sube un puesto en el ranking mundial de Desarrollo Humano**. Disponível em:<

<http://idh.pnud.bo/article/bolivia-suben-un-puesto-en-el-ranking-mundial-de-desarrollo-humano>> Acesso em: 08 jan. 2018

UNICEF. **Panorama de la situación de la niñez y adolescencia indígena en América Latina:** Bolivia El derecho a la educación y a la protección en Bolivia, Unicef, Panamá, dez. 2014. Disponível em: <
[https://www.unicef.org/lac/UNICEF_LAC_Sit-indigena_Bolivia_dic2014\(1\).pdf](https://www.unicef.org/lac/UNICEF_LAC_Sit-indigena_Bolivia_dic2014(1).pdf)

Red Uru. Disponível em: < <https://www.facebook.com/reduru.net/>> Acesso em: 07 jan. 2019

Revista Comunicação e Sociedade: Disponível em:
 <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO.> >Acesso em: 23 mar. 2018

Revista Iluminuras: Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras.>> Acesso em: 23 mar. 2018

Revista INFORME GEPEC: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec>. Acesso em: 23 mar. 2018

Revista Interface: Disponível em: < <http://interface.org.br/> >Acesso em: 23 mar. 2018

SIGNIS. Associação Católica Mundial para a Comunicação (SIGNIS). Disponível em: < <http://www.signis.org.br>> Acesso em: 26 out. 2017

MATÉRIAS E REVISTAS

BANDEIRANTES, Rádio. Rádio pirata integra rede de trabalho escravo. **Rádio Bandeirantes**. São Paulo. 2 de fevereiro, 2016. Disponível em <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000792181&t=>>> Acesso em: 12 jun. 2017.

BARROS, Carlos Juliano. Trabalho escravo nas oficinas de costura. **Repórter Brasil**, São Paulo. Jun. 2016. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Fasc%C3%ADculo-Confec%C3%A7%C3%A3o-Textil_Final_Web_21.01.16.pdf> Acesso em: 13 jun. 2017.

CABRAL, Paulo. Operação flagra trabalho escravo em oficinas de costura em SP. **BBC News**, São Paulo, 18 ago. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2011/08/110818_bolivianos_video_pc> Acesso em: 13 jun. 2017.

CISCATI, Rafael. Agentes de saúde estrangeiros atendem uma crescente população de imigrantes em São Paulo. **Época**, São Paulo, 08 jan. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/saude/noticia/2018/01/agentes-de-saude-estrangeiros-atendem-uma-crescente-populacao-imigrante-em-sao-paulo.html>> Acesso em: 05 out. 2018.

MANTOVANI, Flavia; VELASCO, Clara. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. **G1**, São Paulo, 25 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>> Acesso em: 13 jun. 2017

PELLEGRINI, M. Rádio e TV no Brasil, uma terra sem lei. **Carta Capital**. São Paulo. 10 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/radio-e-tv-no-brasil-uma-terra-sem-lei-8055.html>> Acesso em: 30 out. 2017

PEREIRA, Elvis. Bolivianos se tornam a segunda maior colônia de estrangeiros em SP. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1295108-bolivianos-se-tornam-a-segunda-maior-colonia-de-estrangeiros-em-sp.shtml>> Acesso em: 13 jun. 2017.

ENTREVISTAS⁵⁰

ARAUCCO, Marianela. Entrevista concedida a Susana Berbert. Memorial da América Latina, São Paulo. 11 ago. 2018.

CALLE, Lucy. Entrevista concedida a Susana Berbert. Memorial da América Latina, São Paulo. 11 ago. 2018.

CARDOSO, Marcelo. Entrevista. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019.

CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Cafeteria Colômbia, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 28 fev. 2018.

CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Empresa Smart. São Paulo. 11 abr. 2018.

CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Empresa Smart. São Paulo. 02 mai. 2018.

CHUQUIMIA, Jaime. Entrevista concedida a Susana Berbert. Empresa Smart. São Paulo. 08 out. 2018.

FARIA, Luís Alexandre de. Entrevista concedida a Susana Berbert. Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em São Paulo, São Paulo. 28 mar. 2017.

FLORES, Gastón. Entrevista concedida a Susana Berbert. Memorial da América Latina, São Paulo. 11 ago. 2018.

⁵⁰ Link para acessar as entrevistas <https://bit.ly/2HNsnih>

GALVÃO JUNIOR, L.C. Entrevista. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 11 de Mar. 2019.

GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 16 ago. 2017.

GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 11 abr. 2018.

GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Café Colombiano, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo. 18 abr. 2018.

GUTIERREZ, Jorge. Entrevista concedida a Susana Berbert. Rua da Graça, residência de Jorge Gutierrez, Bom Retiro. São Paulo. 15 set. 2018.

JOSÉ, Henri. Entrevista concedida a Susana Berbert. Rua da Graça, residência de Jorge Gutierrez, Bom Retiro. São Paulo. 15 set. 2018.

LUCHT, Janine. Entrevista. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019.

OTA, Daniela Cristiane. Entrevista concedida a Susana Berbert. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. 02 jun. 2017.

RIOS, Wilmar. Entrevista concedida a Susana Berbert. Memorial da América Latina, São Paulo. 11 ago. 2018.

RUSSO, André. Entrevista. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 16 de Mar. 2019.

SANTORO, Luiz Fernando. Entrevista concedida a Susana Berbert. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. 22 jun. 2017.

SPINOZA, Hugo. Entrevista concedida a Susana Berbert. Rua da Graça, residência de Jorge Gutierrez, Bom Retiro. São Paulo. 15 set. 2018.

VAZ FILHO, Pedro. **Entrevista.** Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 15 de Mar. 2019.

VILLAÇA CARDOSO, Lenize. Entrevista. Mensagem recebida por susanaberbert@gmail.com em 17 de Mar. 2019.